



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo
MESTRADO EM GEOGRAFIA

JULIANA DOS SANTOS LIMA



**SENTIDOS DE LUGAR NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO, EM
ÁGUA BRANCA, ALAGOAS**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2025

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**SENTIDOS DE LUGAR NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO, EM
ÁGUA BRANCA, ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, da Universidade Federal de Sergipe/UFS, como requisito para o título de Mestra em Geografia

Área de concentração: Produção e organização do espaço

Linha de pesquisa: Dinâmicas Territoriais e Desenvolvimento

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Augusta Mundim Vargas.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2025

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**SENTIDOS DE LUGAR NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO, EM
ÁGUA BRANCA, ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado submetida à seguinte
banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Augusta Mundim Vargas
Orientadora – PPGEO/UFS

Prof.^a Dra. Jamille da Silva Lima-Payayá
Examinadora Externa - UNEB

Prof.^a Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes
Examinadora Interna – PPGEO/UFS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Ata da Sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado
em Geografia de **Juliana dos Santos Lima**.

Aos dezesseis dias do mês de junho de dois mil e vinte e cinco, com início às quatorze horas e trinta minutos, realizou-se na sala 402, localizada na Didática VII, na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão-SE, a sessão de defesa de dissertação de Mestrado em Geografia de **Juliana dos Santos Lima**, intitulada: "Sentidos de Lugar na Comunidade Rural Serra do Cavalo, em Água Branca, Alagoas." A defesa foi presidida pela Professora Doutora Maria Augusta Mundim Vargas, que na qualidade de presidente, abriu a sessão pública e passou a palavra para a mestranda proceder à apresentação de sua dissertação. Logo após a apresentação, cada membro da Banca Examinadora composta pelas Professoras Doutoras Jamille da Silva Lima-Payayá e Sônia de Souza Mendonça Menezes que arguíram a candidata, que teve igual período para sua defesa. Na sequência, a Professora Doutora Maria Augusta Mundim Vargas, na condição de orientadora, teceu comentários sobre a dissertação apresentada e destacou a trajetória para a sua construção. Encerrados os trabalhos, a banca decidiu **APROVAR** a candidata. Foram atendidas as exigências da Resolução nº 25/2014/CONEPE, que regula a apresentação e defesa de Dissertação de Mestrado.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 16 de junho de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA AUGUSTA MUNDIM VARGAS
Data: 20/06/2025 09:58:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas
Orientadora e presidente da banca

Documento assinado digitalmente
gov.br JAMILLE DA SILVA LIMA
Data: 17/06/2025 10:41:52-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Jamille da Silva Lima-Payayá
Examinadora externa

Documento assinado digitalmente
gov.br SÔNIA DE SOUZA MENDONÇA MENEZES
Data: 19/06/2025 20:40:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes
Examinadora interna

Documento assinado digitalmente
gov.br JULIANA DOS SANTOS LIMA
Data: 20/06/2025 13:02:19-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Juliana dos Santos Lima
-Mestranda-

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Lima, Juliana dos Santos

L732s Sentidos de lugar na comunidade rural Serra do Cavalo, em Água Branca, Alagoas / Juliana dos Santos Lima ; orientadora Maria Augusta Mundim Vargas. – São Cristóvão, SE, 2025.

139 f. : il.

Dissertação (mestrado do em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Geografia humana. 2. Territorialidade humana. 3. Pertencimento – Água Branca (AL). 4. Ruralidade – Água Branca (AL). 5. Lugar – Água Branca (AL). (Identidade social. I. Vargas, Maria Augusta Mundim, orient. II. Título.

CDU 911.373(813.5)

Dedicatória

*Dedico esta Dissertação a **Adriana**, minha mãe, que me fez tentar. **Andressa**, minha psicóloga, que não me deixou desistir. **Vó Mazé** (in memoriam) que tenho certeza que estaria muito orgulhosa por eu ter conseguido. **Maria Augusta Mundim Vargas**, pelos ensinamentos!*

Agradecimentos

Dou graças e agradeço com toda a minha alma, ao Todo Poderoso, ao Alfa e Ômega, ao Onipotente, Onisciente e Onipresente, à Perfeição, à Bondade: Deus pai que é Extraordinário, e que Transcende todas as coisas, todas as palavras, tudo, o todo!

Agradeço à minha família, a começar pela minha digníssima Mãe. Gratidão, por ter me “empurrado” para esse Mestrado. Digo que foi “empurrado” porque quando passei no processo seletivo, estava passando por um momento muito difícil, talvez o momento mais difícil que já passei (tanto que eu queria desistir, mesmo aprovada, não queria mais). E me lembro que a senhora disse: “você vai sim, você passou! Você vai! Não pode perder essa oportunidade”. Eu estava muito nervosa, e lembro que dei todos os motivos para não viajar (a gente não tem dinheiro para bancar tudo, eu vou ter que alugar uma casa, eu vou ter que mobiliar ela, tenho que pagar aluguel, etc. e tal) e ouvi: “a gente dá um jeito, eu vendo a moto, mas você vai. Todo mês eu mando dinheiro pra você”. E com o coração cheio de medo, eu viajei, sem eira e nem beira, mas com uma Mãe cheinha de orgulho, amor e afeto. Isso foi suficiente! Eu consegui! Agradeço a meu Honroso Pai, que não queria que eu viajasse (ao contrário de Mãe), mas que sempre apoiou as minhas decisões, sempre foi assim. Um fofinho! Agradeço aos meus irmãos, Anderson e Alisson, pelas risadas e pela irmandade. Ao meu irmão, Anderson, por me ajudar nas tarefas de casa e nas correrias do dia a dia. Ao meu irmão mais novo, Alisson, pela ternura, inocência e curiosidade em relação à pesquisa: “vai apresentar tudo isso, é? Tá fazendo isso pra quê? À minha família, meu muito obrigado. Amo vocês, incondicionalmente.

Agradeço a minha psicóloga, pela paciência e, sobretudo, pela humanidade. Gratidão pelas sessões de terapia semanais que me fizeram entender o que eu estava sentindo. Obrigada por me ajudar a ser mais gentil, amável e respeitosa comigo mesma e a entender que tudo na vida é um processo: “Está com medo? Vai com medo mesmo, porque toda coragem nasce de um medo”. “Eu estou com você, somos uma dupla”, “Você vai conseguir”, “Vai dar certo”, “Você precisa se acolher”. Com alegria digo: Conseguimos!

Agradecimento sejam dados a todos os integrantes do Grupo de Oração Caminho de Luz, da Paróquia Nosso Senhor do Bonfim, no Rosa Elze. Vocês me abraçaram e me

acolheram de uma forma muito genuína e leve, obrigada por tudo. Vocês são uma segunda família para mim. De modo muito especial, agradeço a Izabel (minha protetora e topa tudo, uma das pessoas mais suaves e engraçadas que já conheci) e a Vânio (meu coordenador de respeito, sempre disposto). Vocês foram “luz” na minha vida e são luz na vida de tantas outras pessoas que chegam à paróquia. Agradeço também ao Pe. Tony, pelas conversas tão confortantes, pelo incentivo e pelo acolhimento sem julgamentos.

Agradeço a Dona Marlene (*in memoriam*) por ser ter sido uma verdadeira avó (de coração). Obrigada por cuidar de mim quando eu tava doente, por me apresentar o bairro, andar comigo nas ruas do Rosa Elze, ensinar a fazer chá para gripe, me levar para as missas, por me emprestar o violão pra eu tocar na igreja e não me sentir tão sozinha. Obrigada por ser tão boa, tão verdadeira. Obrigada por acreditar e torcer por mim e, sobretudo, por me acolher nas minhas fraquezas e medos. Nunca vi a senhora reclamar de nada e levo isso para minha vida. Conseguimos!

Agradeço a minha grande amiga e irmã de coração, Sam. Você sabe o quanto é importante para mim e sabe o quanto nossos laços são reais. Obrigada por me apoiar tanto, e em tudo que eu ouse fazer. Antes de viajar, lembro-me que mandei vários áudios te falando que eu havia sido aprovada no processo seletivo, e que estava com muito medo de sair de casa para ir morar em Aracaju. Lembro que você respondeu dizendo para eu ir, que estava muito feliz pela minha conquista, e que Deus ia me preparar para enfrentar tudo. Das poucas pessoas que fazem parte da minha história, você, sem dúvidas, tem um papel muito importante e insubstituível (você é única). Obrigada por me apoiar em mais uma jornada, mesmo sabendo que a gente ia ficar distante por um tempo, que teríamos que lidar com a saudade, com a distância, a ausência. Gratidão por ser um porto seguro, um lugar de paz e afago. Eu te amo muito, minha Sam!

Agradeço a Eli, uma irmã mais velha que o Universo me deu de presente! Nos conhecemos nos nossos piores momentos (só a gente sabe). Você é a personificação do amor, da pureza, da força e da leveza. Quando me mudei para Aracaju, nos falávamos por telefone quase que diariamente sobre os assuntos mais aleatórios e sérios das nossas vidas, tudo no mesmo dia. Saber que ao final do dia (bom ou ruim) eu teria uma ligação sua, me confortava de um jeito que eu nem sei explicar. Obrigada por me colocar pra cima, por acreditar em mim mesmo eu estando péssima e em um

estado deplorável. Obrigada por me acolher nos meus piores dias, por me ver chorar pela tela do telefone, por ouvir o mesmo assunto várias vezes e tentar resolver comigo. Obrigada por sentir orgulho de mim, mesmo eu sendo falha, fraca e vulnerável. Obrigada por me encorajar a chorar antes de resolver meus problemas (isso já resolvia muita coisa) e por ser aconchego quando tudo dava errado ou quando tudo dava certo. Você é a quietude da minha vida. Eu amo muito você!

Agradeço a Alice, pelos laços de amizade tão reais. Obrigada por torcer tanto por mim e vibrar com as minhas conquistas. Gratidão por fazer questão de dizer que sente orgulho de mim e que torce pela minha felicidade. Obrigada por me ver de uma forma tão linda e sincera. Você é uma pessoa muito importante na minha vida e faz parte da minha história. Amo você!

Agradeço a Raquel, minha grande amiga (topa tudo). Recordo que o meu primeiro mês em Aracaju foi muito difícil. Eu te ligava dizendo que não ia aguentar, que não ia conseguir, que queria ir embora. Nesse mesmo mês, você saiu de Alagoas e correu pra Sergipe pra ficar comigo uns dias. Raquel, se eu cheguei até aqui foi por causa de você, também. Você demonstra o seu amor por mim de uma forma linda e genuína. Uma vida seria pouco para agradecer tudo que já fez e que faz por mim! Te ofereço esta dissertação, nós conseguimos! Eu te amo!

Agradeço a Ana Carolina (suas meninas), uma das pessoas mais lindas e doces que eu já tive a honra de conhecer. A Maranhense mais fofa e inteligente que conheço. Obrigada pelas conversas, pelas trocas de experiências, pelas risadas (boas risadas), pelas confidências e pelos afetos. Você é muito importante para mim, e muito importante na minha vida acadêmica. Você mora em meu coração!

Agradeço a minha amiga (sereia paraense) Khannanda! Nunca vou esquecer que você me deu abrigo no momento que eu mais precisei e cuidou de mim no momento em que achei que essa vida (acadêmica) não era para mim. Obrigada por me acalmar e por entender os meus medos. Obrigada por me passar segurança e por conviver comigo diariamente na sala de aula, por cuidar de mim, por ser tão compreensiva e alto astral. Obrigada por me ensinar a ser uma mulher independente e forte, assim como você é. Tenho muito orgulho da gente (do quanto crescemos juntas) e do quanto aprendemos juntas. Gratidão, sereia tocantina paraense.

Agradeço a Romeu, um bom amigo que o mestrado me deu! Obrigada pela parceria.

Agradeço a minha amiga Grazi, por todo apoio prestado. A primeira vez que pisei os pés em Aracaju foi com você (eu não sabia de nada, nunca tinha chamado um Uber). Obrigada pela amizade e pelo apoio moral (risos).

Agradeço a todos os moradores da comunidade Serra do Cavalo, pelo acolhimento, pelo carinho e incentivo. Foi um prazer poder dialogar com cada um de vocês e poder entender como vocês percebem e se relacionam com esse lugar. Gratidão por tudo!

Agradeço a minha excelentíssima orientadora, Guta! Gratidão por ter me aceitado como orientanda nesta caminhada. Grata pelo carinho, pela paciência nas orientações e pelo respeito. Aprendi muito com a senhora! Mais do que orientar, a senhora ensina como fazer. Como desenvolver. Gratidão!

Agradeço ao Programa de Pós-graduação da UFS pelo acolhimento e pela excelência no ensino. Agradeço também à CAPES por ter me concedido a bolsa, pois sem ela eu não teria condições de trilhar esse Mestrado. Meu muito obrigado!

Agradeço a Jobson pela amizade e pelas brincadeiras saudáveis e divertidas.

Agradeço de modo particular a mim mesma, que passei por muitas provações, muitas lutas internas, medos, inseguranças, e mesmo assim eu não desisti. Foram os dois anos mais difíceis que eu já enfrentei até então (por vários motivos), e ter passado por isso e ver que eu não desisti me enche de orgulho, de respeito, admiração, amor próprio e autoconfiança. Esse mestrado não apenas me concedeu o título de mestra, me concedeu coragem para enfrentar os desafios da vida!

Juliana dos Santos Lima

Epígrafe

Sempre há um lugar para se chegar ou se partir. E sempre há necessidade de se saber o sentido que se atribui a esse lugar. Qual é o sentido do lugar?

(Livia de Oliveira, 2014)

Resumo

O processo de identificação do sujeito com determinado lugar requer a experiência, a intencionalidade e as interações. Cada sujeito se apropria e experimenta o lugar de forma particular e suas vivências conduzem à constituição de valores ligados ao espaço vivido. Destarte, o escopo desta pesquisa consiste em analisar as relações constitutivas pela apropriação e identificação do/com o lugar Serra do Cavalo, no município de Água Branca, estado de Alagoas. Para tanto, delimitamos como objetivos específicos i) desvelar o significado toponímico dos referentes da Serra do Cavalo; ii) identificar relações de convivialidade com o lugar; iii) compreender os sentidos de lugar para os moradores da comunidade. Para a elaboração desta dissertação assentamos nossa análise em uma abordagem de caráter qualitativo e fenomenológico, pautado no estudo das essências, das identidades, dos sentidos e significados dos sujeitos no espaço de existência, tendo como base Merleau-Ponty (2018), Dardel (2015), Relph (1979) e Tuan, (1980;1983). Por seus itinerários teórico-conceituais, destacamos o uso de procedimentos e instrumentais de pesquisa tais quais: levantamento documental, bibliográfico e fotográfico, observação direta e entrevista semiestruturada. A observação direta e as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com base em um roteiro traçado pelos desvelamentos dos sentidos de lugar e dos significados toponímicos, dos modos de ser, das ruralidades, apropriações, lugaridades, pertencimento, identidade e convivialidade. Os sentidos do lugar Serra do Cavalo foi o fio condutor que nos conduziu neste contexto de subjetividade permeado, sobretudo, pelos significados, valores, apego, pertencimento, memórias, histórias e percepções dos moradores para com o lugar. Nesta dissertação, apreendemos que o lugar é onde tudo acontece. O lugar é o espaço da possibilidade do ser, é a condição do existir. É onde somos convidados a realizar a nossa condição humana: experimentando, experienciando, apreendendo, sentindo e percebendo. O lugar é complexo porque é constituído por diferentes significados, mas é nele que vivenciamos a multiplicidade na unidade. O sentido de lugar da Serra do Cavalo está relacionado com a participação comunitária, a integração, o sentimento de pertencimento para com o todo, as partilhas, a cultura e os modos de ser diretamente ligados a ruralidade.

Palavras-Chave: Pertencimento. Percepção. Ruralidade, Identidade. Lugar

Abstract

The process of identification of the subject with a certain place requires experience, intentionality, and interactions. Each subject appropriates and experiences the place in a particular way, and their experiences lead to the constitution of values linked to the lived space. Thus, the scope of this research consists of analyzing the constitutive relations through the appropriation and identification of/with the place Serra do Cavalo, in the city of Água Branca, state of Alagoas. To this end, we define as specific objectives i) to reveal the toponymic meaning of the referents of Serra do Cavalo; ii) to identify relations of conviviality with the place; iii) to understand the meanings of place for the community's residents. To prepare this dissertation, we based our analysis on a qualitative and phenomenological approach, guided by the study of the essences, identities, senses, and meanings of the subjects in the space of existence, based on Merleau-Ponty (2018), Dardel (2015), Relph (1979) and Tuan, (1980; 1983). Due to their theoretical-conceptual itineraries, we highlight the use of research procedures and instruments, such as: documentary, bibliographic, and photographic surveys, direct observation, and semi-structured interviews. Direct observation and semi-structured interviews were carried out based on a script drawn up to unveil the senses of place and toponymic meanings, ways of being, ruralities, appropriations, localities, belonging, identity, and conviviality. The meanings of the place Serra do Cavalo were the guiding thread that led us in this context of subjectivity permeated, above all, by the meanings, values, attachment, belonging, memories, stories, and perceptions of the residents about the place. In this dissertation, we learned that the place is where everything happens. The place is the space of the possibility of being, it is the condition of existence. It is where we are invited to realize our human condition: experimenting, experiencing, learning, feeling, and perceiving. The place is complex because it is made up of different meanings, but it is there that we experience multiplicity in unity. The sense of place of Serra do Cavalo is related to community participation, integration, the feeling of belonging to the whole, sharing, culture, and ways of being directly linked to rurality.

Keywords: Belonging. Perception. Rurality. Identity. Place.

Lista de ilustrações

1. Localização das fazendas e sítios em Água Branca/AL, 1830	24
2. Engenho Abel Torres, 2014	26
3. Mapa de localização de Água Branca-AL.....	27
4. Casa do Barão de Água Branca.....	29
5. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – desde centro histórico de Água Branca	29
6. Etapas da análise de conteúdo	41
7. Esquema ilustrativo da análise proposta	41
8. Capitânicas hereditárias no Brasil Colonial	45
9. Espacialização das etnias indígenas no Sertão, Agreste e Leste Alagoano	48
10. Mapa falante da Serra do Cavalo, 2010.....	62
11. Nascente da Fonte do Cavalo: referente geográfico que origina o topônimo “Serra do Cavalo”	64
12. Carta topográfica matricial de Delmiro Gouveia (1995)	66
13. Fachada da Escola Municipal Izidório Rodrigues Lima, em segundo plano	67
14. Fonte do Umbuzeiro: referente geográfico que dá origem ao topônimo da localidade	69
15. Largo da Localidade Umbuzeiro de Cima: Igreja, estátua de Nossa Senhora Aparecida e fachada azul e amarela da Escola Municipal Francisco Pereira Leite	70
16. Umbuzeiro de Baixo – desde vista lateral da minha casa, donde vejo o sol nascer.....	71
17. Tempo a Mãe Rainha na localidade Serra do Meio	71
18. Panorama da Localidade Serra dos Cordeiros – donde vejo o sol se pôr, e os espelhos d’água do Rio São Francisco refletirem	72
19. Panorama do Vale da localidade Jardim	73
20. Localidade Casa Nova, situada numa das encostas da Serra do Cavalo – foto desde o terreno de minha casa defronte ao alinhamento da Serra da Borborema.....	74
21. Estrada que dá acesso a Serra do Lucas – ao fundo, o azul do planalto da Borborema, que se mistura com as cores do azul que cobremos céus: a paisagens mais bonitas são vistas daqui.....	75
22. Mandioca no chão da casa de Farinha de Lia Rosa, na Serra do Meio.....	83
23. Agricultura também é afeto: sementes crioulas de feijão e milho adornadas pelas mãos em forma de coração, na localidade Casa Nova.....	84
24. Plantação de hortaliças no fundo do quintal, na Serra do Meio.....	85
25. Pé de seriguela e plantação de banana em quintal na localidade Casa Nova.....	86
26. Utensílios tradicionais em uso: à esquerda, cesto de cipó, “caixões” com os botijões de água; à direita, caçuás, cangalha, cordas, facão e enxada.....	89

27. Arado manual utilizado pelos agricultores para cortar e virar terra.....	90
28. Quem planta, colhe: sementes crioulas de milho e feijão acondicionadas para o próximo plantio – localidade Casa Nova.....	91
29. Agricultor no roçado de feijão com plantadeira manual: o aspecto escuro do solo é matéria orgânica resultado coivara	92
30. Localidade Casa Nova: agricultora checha plantação de mandioca; em segundo plano, pés de laranjeira cravo, abacateiro, mangueira, limoeiro e, ao fundo, a Serra de Tibão	93
31. Casa de farinha: lugar de história e cultura. Raízes de mandioca raspada sendo raladas. Motor inserido na tradicional casa de farinha de Lia Rosa na Localidade Serra do Meio.....	93
32. Prensa de ferro ainda em uso para prensar a massa de mandioca ralada na casa de farinha de Lia Rosa – Localidade Serra do Meio	94
33. Forno de cimento utilizado para secar a massa – é abastecido com lenha de catingueira, juremeira e angico, que são colocadas embaixo do forno	94
34. Fachada da Casa de Farinha de Dona Lia Rosa – Serra do Meio.....	95
35. Fachada da Casa de Farinha de seu Lalo – Umbuzeiro de Baixo	95
36. Fachada da Casa de Farinha de Dona Liete – Serra do Meio.....	96
37. Fachada da Casa de Farinha da família Moreira – “Lá nos Izídios”, próximo à Fonte do Cavalo.....	96
38. Reisado Nossa Senhora Aparecida da Serra do Cavalo – com destaques para os Mestres de Reisado Mané Batista, de camisa vermelha e microfone na mão, e Mestre Dedeca, também de vermelho, no início da fila e com um pedaço de madeira na mão	115
39. Mutirão para pintar a Igreja Nossa Senhora Aparecida, dias antes da Festa da Padroeira – Localidade do Umbuzeiro de Cima	115
40. Terceira noite de Novena à Nossa Senhora Aparecida – após a novena tem quermesse.....	116
41. Grupo de jovens da Serra do Cavalo, na Igreja Nossa Senhora Aparecida – Umbuzeiro de Cima	116
42. A natureza e as brincadeiras da Serra	122
43. Eu indo pro campo jogar bola	123
44. A casa de Emily, a escola e a igreja.....	124
45. A minha casa e a Serra muito linda.....	125

Lista de quadros

Quadro 1 - População rural e população urbana de Água Branca/AL - 1970 a 2022	26
Quadro 2 – Grupos e folguedos populares das comunidades rurais de Água Branca.....	28
Quadro 3 - Procedimentos Metodológicos	32
Quadro 4 - Perfil dos entrevistados.....	37
Quadro 5 -Topônimos ocorrentes no município de Água Branca-AL, 2024.....	52
Quadro 6 – Ciclo produtivo das lavouras na Serra do Cavalo	88

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 1: Número de topônimos ocorrentes no município de Água Branca-AL, segundo a Origem	55
Gráfico 2: Topônimos ocorrentes no município de Água Branca-AL, segundo o Referente	57

SIGLAS

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

INMET – INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
SEÇÃO I – AO ENCONTRO DA SERRA DO CAVALO EM ÁGUA BRANCA, ALAGOAS	
1.1. ÁGUA BRANCA NO TEMPO E NO ESPAÇO ALAGOANO	23
1.2. CAMINHOS DA PESQUISA.....	30
SEÇÃO II - DOS SIGNIFICADOS TOPONÍMICOS AOS CONTEXTOS GEOHISTÓRICOS E DE ENRAIZAMENTOS	
2.1. CONSTRUINDO O ENREDO TOPONÍMICO PELOS REFERENTES GEOGRÁFICOS DO LUGAR.....	44
2.2. RAÍZES E CONFIGURAÇÃO DO LUGAR SERRA DO CAVALO.....	69
SEÇÃO III – CONVIVIALIDADES E APROPRIAÇÕES NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO	
3.1. PRÁTICAS DE RURALIDADE: “A vivência aqui é muito ligada à origem rural. Desde criança a gente tem essa ligação muito forte com a agricultura, né?”	79
3.2. IDENTIDADES E LUGARIDADES: SINGULARIDADES DA SERRA DO CAVALO.....	99
SEÇÃO IV – ESPAÇO DE EXISTÊNCIA: PERCEPÇÕES E SENTIDOS DO LUGAR SERRA DO CAVALO	
4.1 SENTIDOS E SIGNIFICADOS: “meu lugar é aqui, é aqui que eu amo, aqui eu vejo o mundo, a natureza, as criaturas humanas, isso pra mim amor”	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	137

INTRODUÇÃO

Penetrar o invisível, fazer visível o invisível, parecia ser uma habilidade reservada à poesia, à pintura, à escultura etc. A Geografia, porém, está demonstrando também ter este dom.

(Maria Geralda de Almeida, 2013)

“Breve, a realidade não é apenas o que se vê. Aos geógrafos culturais cabe desvendar este dom: saber olhar o que não se vê. O intangível não é invisível, mas é de difícil apreensão” (Almeida, 2013, p. 45). Pelas palavras de Maria Geralda de Almeida, entendemos que é papel do geógrafo cultural ir além do visível. Cabe a ele, desvendar os sentidos de lugar, as percepções, os modos de ser e fazer, as identidades, as convivialidades, as intangibilidades, porque são eles “elementos analíticos que permeiam o discurso geográfico” (Almeida, 2013, p. 46).

Ser pesquisador em Geografia, requer muito mais que a análise das aparências das coisas, daquilo que se ‘parece ser’. A complexidade irreduzível das relações humanas requer a adaptação constante e a procura gradativa pela compreensão e leitura dessas novas complexidades, é necessário, com efeito: “saber olhar o que não se vê”. Assim, pesquisar em geografia é experimentar o mundo em todos os seus contextos: físicos, sociais, emocionais, simbólicas, teológicos e existenciais.

No seio de tais acontecimentos, a relação dos homens com o espaço vivido molda situações, vivências e constitui discursos diferenciados que precisam ser continuamente desvelados, entendidos e interpretados, e é nesse sentido que se faz necessário “analisar o espaço através de seus signos e decodificá-los” (Almeida, 2013, p. 47). Com efeito, é preciso valorizar as subjetividades, dar ênfase aos sentidos, as sensibilidades dos homens no espaço de existência, compreender as suas realidades e as suas leituras de mundo.

Sobre isso, Merleau-Ponty (2018), assinala que tudo aquilo que constitui a ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência como rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, é necessário que primeiramente despertemos essa experiência do mundo. É necessário quebrar as

amarras e pensar nas infinitas possibilidades do se fazer geografia, mas, sobretudo, fazê-la bem. Isto posto, concordamos com Dardel (2015) pois entendemos que a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que as realidades geográficas sejam desveladas e que o homem se sinta e saiba estar ligado ao mundo. E para Dardel (2015) essas realidades geográficas são justamente os lugares onde os sujeitos estão, os lugares de infância, a sua rua, seu bairro, o horizonte do vale, seus deslocamentos cotidianos.

Pensando a realidade desta pesquisa, entendemos que o processo de identificação do sujeito com determinado lugar requer, necessariamente, a existência ou vivência de elementos essenciais à construção de significados com o ambiente. Entendemos que cada sujeito experimenta o lugar de forma particular e que suas experiências e apropriações conduzem à construção de valores ligados ao ambiente em que habitam. A forma como cada sujeito experimenta o lugar em que vive diz muito sobre o modo como ele se identifica com esse lócus de vivência. Noutras palavras, vivenciar, construir valores e significados em relação ao ambiente significa construir sentidos de identificação e de apropriação.

Nesse ínterim, apreendemos que cada sujeito que habita a comunidade tem e mantém o seu papel na dinâmica geral da constituição do lugar Serra do Cavalo, ao passo que cada sujeito é livre para expressar e manifestar as suas percepções, suas narrativas e suas existências.

O interesse em pesquisar e compreender o lugar na Serra do Cavalo surgiu de estudos realizados durante a graduação em Geografia. Nesse período, já havia uma genuína motivação para estudar a comunidade sendo que os primeiros estudos foram direcionados para a observação e interpretação sobre o apego da comunidade ao lugar, que culminou na publicação de um capítulo de livro.

Em linhas gerais, ser moradora da Serra do Cavalo, e habitar este lugar desde a infância foi um fator determinante na escolha e dedicação ao tema. A partir de leituras, amadurecimento teórico e reflexões, foi possível atender as motivações pessoais como ser-no-mundo, e como pesquisadora em Geografia.

Outros caminhos também contribuíram na escolha do tema, como por exemplo, o fato de conviver com a realidade da roça, vivenciar as ruralidades, participar das manifestações culturais, perceber a comunidade em sua totalidade física e emocional.

A afeço e afeto pela Serra e pelas pessoas, pelas paisagens serranas, as memórias de vida, as experiências e as histórias vividas da mesma maneira foram elementos pontuais e essenciais nesse sentido.

Dando continuidade, diante do quadro de vivências apresentadas, trazemos três indagações que são essenciais à organização e elaboração da pesquisa. Tais questionamentos se desdobram em entender:

Quais são os referentes espaciais do lugar?

Quais são as territorialidades desse lugar?

Quais são os sentimentos atribuídos a este lugar?

Para responder essas questões delimitamos nosso estudo com o objetivo geral de analisar as relações constitutivas pela apropriação e identificação do/com o lugar Serra do Cavalo, no município de Água Branca, AL. Para tanto, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- I. Desvelar o significado toponímico dos referentes da Serra do Cavalo;
- II. Identificar relações de convivalidade com o lugar;
- III. Compreender os sentidos de lugar para os moradores da comunidade.

Para alcançar esses objetivos esta dissertação está organizada em quatro seções e considerações finais, subsequentes a esta introdução:

Na primeira seção, intitulada “**Ao encontro da Serra do Cavalo em Água Branca, Alagoas**”, apresentamos os caminhos da pesquisa com vista para os delineamentos teórico-metodológicos que nos ajudaram a estruturar esta pesquisa. Apresentamos ainda um breve recorte acerca da geohistória de Água Branca no tempo e espaço alagoano. Teóricos como Feitosa (2014); Briceño-león (2003) e Merleau-Ponty (2018) foram essenciais à organização desta seção.

Na segunda seção, intitulada “**Dos significados toponímicos aos contextos geohistóricos e de enraizamentos**” apresentamos os significados toponímicos do lugar pelos contextos geohistóricos dos topônimos de Água Branca e seus referentes. Falamos sobre a geohistória da comunidade Serra do Cavalo e de como cada um dos significados toponímicos contribuíram para a constituição da identidade de lugar.

Nesta seção, autores como Herbetta (2006); Claval (2007); Vieira (2010) foram norteadores.

A terceira seção intitulada “**Convivialidades e apropriações na Comunidade rural Serra do Cavalo**” tratamos sobre as práticas que constituem o lugar Serra do Cavalo: as ruralidades e as lugaridades. Pelas ruralidades dialogamos como as atividades relacionadas a agricultura, aos modos de saber e fazer, e as tradições. Apresentamos os ciclos produtivos das lavouras temporárias, as ferramentas utilizadas no plantio e os conhecimentos transmitidos de geração para geração. Ainda nesta seção, tratamos das lugaridades buscando dialogar com os modos de existir, de ser e de estar no mundo vivido, com as identidades e singularidades do lugar e, para isso, caminhamos com teóricos como Almeida (2018); Tuan (1980; 1983); Marandola Jr (2020).

A quarta seção de título “**Espaço de existência: percepções e sentidos do lugar Serra do Cavalo**”, trazemos as percepções e os sentidos de lugar para os moradores da Serra do Cavalo. Esse lugar assume um papel de espaço de existência que passa a ser constituído pelos sentidos, pelo pertencimento, pela cultura, pela identidade e pelos laços de afetividades mantidos e experimentados na comunidade. Pelas percepções dos moradores e migrantes, apresentamos os diferentes sentidos que o lugar Serra do Cavalo apresenta. Estudiosos como Tuan (1980;1983), Relph (1979); Oliveira (2017) tiveram contribuições essenciais.

Esta pesquisa é, sobretudo, fruto de experiências de pesquisa em Geografia Cultural: a Geografia que me faz ser.

SEÇÃO I

AO ENCONTRO DA SERRA DO CAVALO, EM ÁGUA BRANCA, ALAGOAS



*“Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”
(Merleau-Ponty, 2018)*

SEÇÃO I - AO ENCONTRO DA SERRA DO CAVALO, EM ÁGUA BRANCA, ALAGOAS

Esta seção se desenvolve em duas subseções. Na primeira tratamos brevemente da geohistória de Água Branca desde o século XVII quando, o que hoje corresponde ao território municipal, foi incorporado à sesmaria de Paulo Afonso, sob domínio de Paulo Viveiros Afonso, até o século XXI, quando já é detentor de seus domínios políticos. Na segunda subseção, tratamos sobre os caminhos metodológicos que engendraram esta pesquisa. Nela, detalhamos a nossa base teórica e apresentamos o perfil dos participantes que fizeram parte deste estudo.

1.1. ÁGUA BRANCA NO TEMPO E NO ESPAÇO ALAGOANO

O território de Água Branca, até meados do século XVII fazia parte da sesmaria de Paulo Afonso. Essas terras estavam sob o domínio do sertanista Paulo Viveiros Afonso, que recebeu por Alvará Real, em 03 de outubro de 1725, uma área territorial que compreendia os atuais municípios de Água Branca, Pariconha, Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado, Mata Grande, Piranhas, Inhapi e Canapi (Feitosa, 2014).

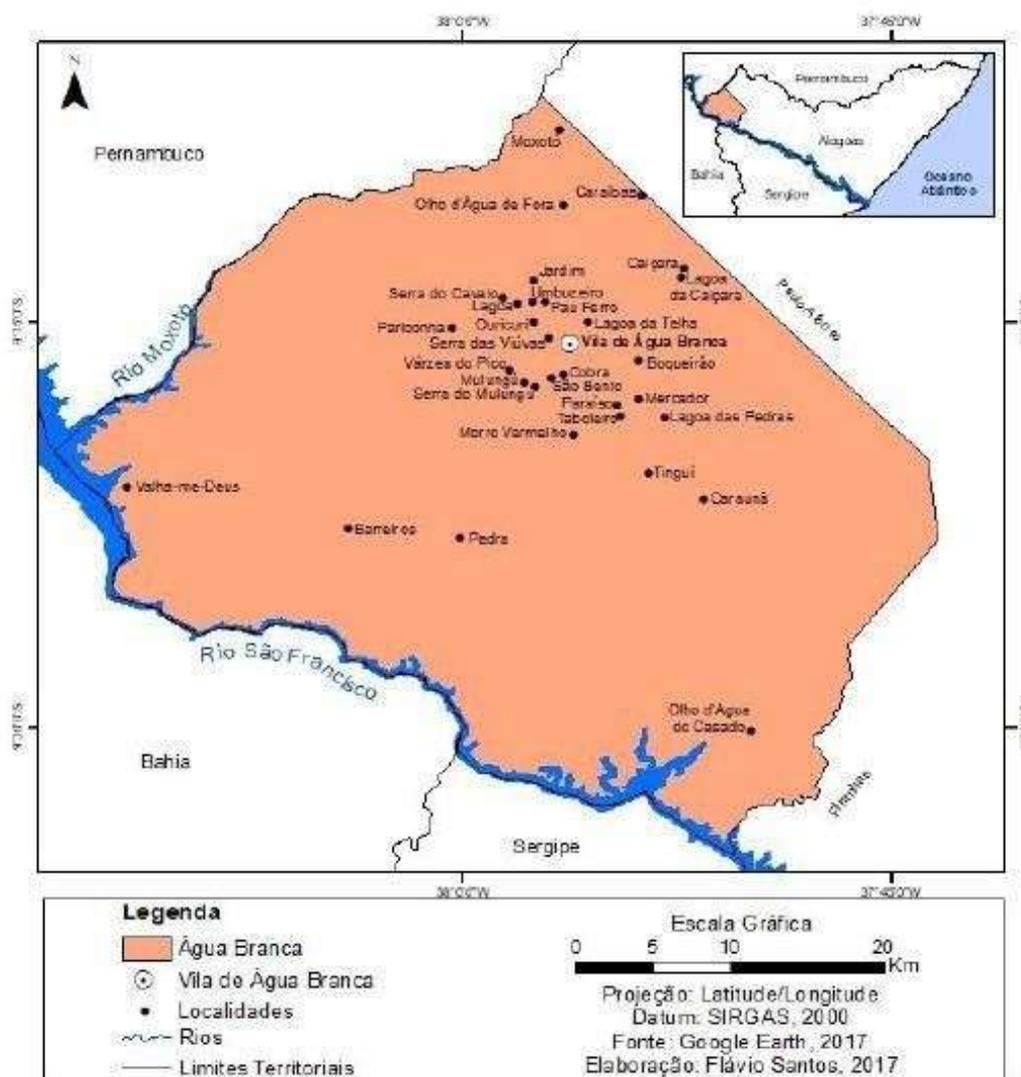
A historiografia referente à formação territorial do município está relacionada, sobretudo, a vinda de portugueses oriundos do arquipélago de açores, pertencente a Portugal. Em meados do Século XVII e início do século XVIII, os irmãos Vieira Sandes, do Vale de Itiúba, povoação à margem do São Francisco, atualmente pertencente ao Município de Porto Real do Colégio (AL), seguiram rumo ao sertão alagoano (Ibidem, 2014).

Atraídos pelas riquezas da região, pastagens e fertilidade do solo, os irmãos Faustino Vieira Sandes, José Vieira Sandes e João Vieira Sandes, arremataram em 1769, em Recife (PE) o território correspondente a sesmaria de Paulo Afonso e começaram a explorar a região pela implementação de fazendas de gado (Feitosa, 2014). Consoante o autor, aos poucos a família Vieira Sandes foi se expandindo para as regiões serranas desenvolvendo algumas fazendas, a exemplo da **Matinha, Boqueirão, Cobra, São Bento, Paraíso e Pedra**.

De acordo com Jobim (2016, p. 34) citado por (Araújo, 2018, p. 35) as fazendas de Água Branca estavam localizadas no semiárido nordestino, próximas as divisas das províncias de Pernambuco, Sergipe e Bahia, com limites ao Norte e Noroeste com os Rios Moxotó e Manary, ao Oeste e Sudoeste com o rio São Francisco, pelo Sul e

Sudeste com o município de Piranhas e na direção Leste e Noroeste com o município de Paulo Afonso – atual Mata Grande. Na (figura 1) a seguir, podemos observar tal configuração espacial.

Figura 1 - Localização das fazendas e sítios em Água Branca/AL, 1830



Fonte: Araújo (2018, p. 36). Organização: Flávio Santos (2017).

Mapa adaptado a partir de informações de inventários *Post mortem* da freguesia de Água Branca, 1830.

Nesse mapeamento realizado por Araújo (2018) a partir dos inventários de *post mortem*, foi possível identificar algumas das comunidades mais antigas de Água Branca, a saber: **Mercador, Boqueirão, Olho D'água de Fora e Tabuleiro**. Alguns desses topônimos foram denominados com relação aos cursos de água, brejos e riachos que eram importantes para as atividades com a criação de gado, a exemplo

do Boqueirão, que faz referência a uma “grande abertura de rio ou canal”¹(ibidem, 2018, p. 36). Observa-se no mapa acima, um povoamento mais acentuado no entorno da Vila de Água Branca e uma ocupação rarefeita na porção Sul e às margens do rio São Francisco. Isso se deu devido a posição geográfica da Vila de Água Branca, que permitia uma equidistância estratégica tanto em relação as fazendas (São Bento, Cobra e Paraíso), quanto com os cursos d’água da região.

Nesse cenário de “conquista”, é válido pontuar que as formações familiares pelos matrimônios se tornaram importantes para consolidação de alianças, a garantia de terras e o reforço do domínio e poderio local. Os casamentos de homens da família Vieira Sandes com mulheres detentoras de terras em Pernambuco foram fundamentais para que essa família pudesse se fixar na região sertaneja (Araújo, 2018). Faustino Vieira Sandes, a exemplo, casou-se com Maria da Conceição, que residia em uma fazenda em Floresta (PE), denominada de Panela d’Água e, desse casamento, nasceram oito filhos: Gertrudes Maria da Trindade (mãe do Barão de Água Branca), Antônia Vieira Sandes, Joaquina Vieira Sandes, Rosa Vieira Sandes, Maria Vieira Sandes, Faustino Vieira Sandes (neto), Berto Vieira Sandes e Figueiredo Vieira Sandes, que conseqüentemente, deram continuidade ao domínio social e econômico herdado dos seus ancestrais².

Pela obtenção de terras (fazendas) e pelas formações familiares (matrimônios), os Vieira Sandes e os Siqueira Torres constituíram um cenário econômico atrelado ao setor primário, representado principalmente pela criação de gado e pela plantação da cana-de-açúcar que era bastante utilizada na fabricação de rapadura, mel e a especificidade de açúcar mascavo, em meados do século XVIII e início do século XIX (Feitosa, 2014). Nesse período, com a existência dos engenhos (figuras 2 e 3) “...as serras de Água Branca eram tomadas pelos trabalhadores [...] as serras eram tomadas pela fumaça e pelo cheiro de mel” (Santos, 2018, p. 39).

¹ Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=GZ83> acesso em 1 de dezembro, de 2024.

² O Barão de Água Branca, Joaquim Antônio de Siqueira Torres, neto do Capitão Faustino Vieira Sandes, casou-se com a filha de Antônio Vieira Sandes, a senhorita Joaquina Vieira Sandes (neta do colono português, João Vieira Sandes) (Feitosa, p. 35). O Barão de Água Branca, era um próspero empresário que atuava na agropecuária e no comércio, o que lhe rendeu a projeção para ser indicado como chefe político do Partido Liberal e assumir o comando da Guarda Nacional no município, ocupando o posto de capitão e depois de tenente-coronel (Prefeitura de Água Branca, 2024).

Figura 2- Engenho Abel Torres³, 2014

Foto: Arquivo de Fábio Pereira dos Santos (2014)

Pelas fazendas, pela prática agrícola-pecuária e pelos engenhos, Água Branca, manteve-se atrelada ao contexto rural, desde a sua constituição. Nesse contexto, a datar do século XVII até “...meados do século XX, foi a agropecuária, a produção de cana-de-açúcar e a produção agrícola que sustentou a economia local” (Santos, 2014). Importante destacar, que as práticas de ruralidade fizeram e fazem parte da história e memória Aguabranquense, isso é demonstrado pelo contingente populacional rural e urbano dos últimos anos, como observado no Quadro 1.

Quadro 1 – População rural e população urbana de Água Branca/AL - 1970 a 2022.

Ano	População Rural	População Urbana	Total/habitantes
1970	20.838	1.782	22.620
1980	22.418	2.741	25.159
1991	21.016	5.544	26.560
2000	14.164	4.496	18.660
2010	14.276	5.101	19.377
2012	14.338	5.122	19.460
2022	14.276	5.101	19.377

Fonte: Secretaria de Planejamento, Gestão e Patrimônio do Estado de Alagoas (SEPLAG, 2018); (IBGE, 2022). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024).

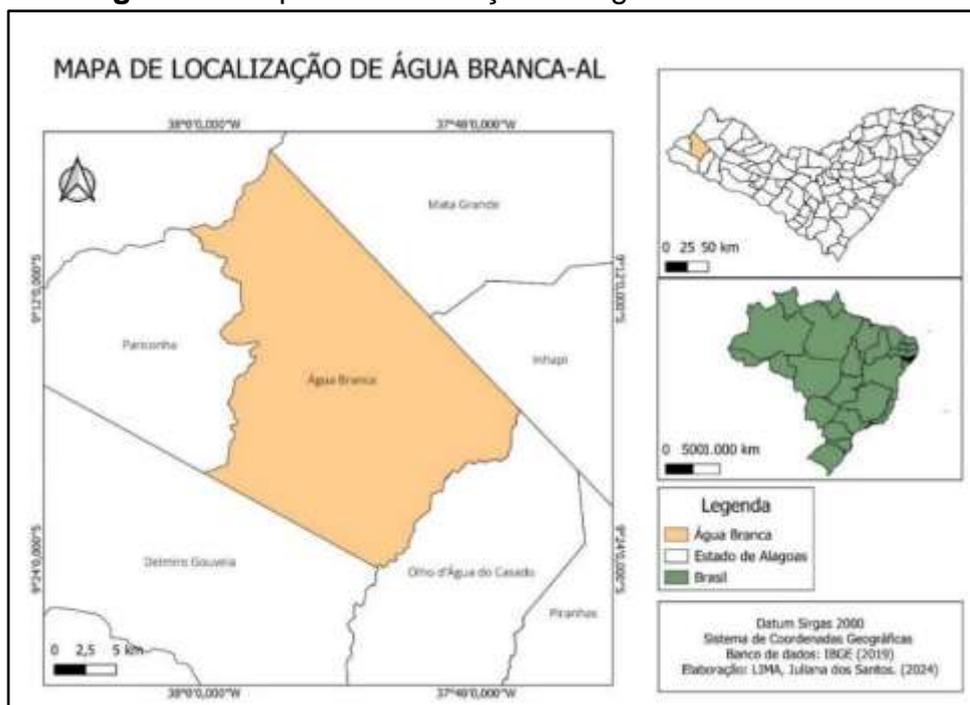
Com base nos dados do Quadro 1, percebe-se que Água Branca é constituída, sobretudo, por uma população rural. Nota-se, que dos anos 1970 até os anos de 1991, tanto a população rural quanto a urbana cresceram consideravelmente. Todavia, a partir dos anos de 2000, esses números diminuiram.

³ Filho da Baronesa de Água Branca.

O motivo dessa redução foi a criação do município de Pariconha, que era um distrito de Água Branca, e foi elevado a categoria de município em 05 de outubro de 1989. De acordo com Santos (2014) neste período mais de 8 mil pessoas deixaram de pertencer ao município de Água Branca. Importante salientar que apesar dessa perda, o contingente populacional rural se manteve sempre superior ao urbano. A atual configuração do território de Água Branca é resultado de um longo contexto de formação. Desde o século XVII, foi cenário de intensas transformações, abrigou estrangeiros e serviu como palco para consolidação de interesses pessoais e poder. No século XXI, ainda vivencia resquícios de memórias que foram deixadas, histórias que foram vivenciadas e momentos que foram vividos.

Composta por 106 comunidades rurais – povoados e aglomerados, dentre eles, a Serra do Cavallo, nossa área de estudo, Água Branca, como mostra a figura 3, está situada no espaço alagoano.

Figura 3 - Mapa de Localização de Água Branca-AL



Fonte: IBGE Fonte: IBGE (2019). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024).

Inserida na mesorregião do Alto Sertão de Alagoas, Água Branca faz limite com Mata Grande (AL) e Inhapi (AL) ao Norte, com Delmiro Gouveia (AL) ao Sul, com Pariconha (AL) e Tacaratú (PE) ao Oeste, e com Olho D'Água do Casado (AL) ao Leste.

Considerado como o segundo ponto mais alto de Alagoas, o município reúne serras que variam entre 750-800 metros de altitude, a exemplo da Serra do Cavalo. O clima é frio e as temperaturas giram entre 16° C e 31° C. Sua cultura e os contextos geohistóricos são elementos essenciais para a constituição identitária do povo Aguabranquense. Grupos e folguedos populares reafirmam as raízes de um povo que é, sobretudo, forte, que se apega a fé, crenças, danças e cantos. No Quadro 2 abaixo, podemos observar algumas manifestações culturais que se mantêm.

Quadro 2 – Grupos e folguedos populares das comunidades rurais de Água Branca

Grupo/folguedo	Comunidade	Características
Reisado Nossa Senhora Aparecida	Serra do Cavalo	Fundado em 1943 pelo mestre Dedeca, com 12 figurantes perfilados em dois cordões distintos pelas vestes azul e vermelho e chapéu adornado com espelhos. O Mestre veste roupa metade vermelho e metade azul, demonstrando a igualdade entre os lados. Usa-se violão e voz para entoar os cânticos.
Guerreiro de Santa Joana	Sítio Cal	Fundado em 1998 pelo mestre Deca, é formado por dançarinos e cantores e resulta do sincretismo do Reisado Alagoano com o Caboclinho. É formado por jovens da comunidade com vestes azuis, semelhante ao traje de marinheiro.
São Gonçalo	Sítio Cal	Fundado por Mestre Deca. As apresentações com roupas brancas e longas, ocorrem nas festas da padroeira de Água Branca, com cantos e louvores aos mortos. Utilizam como instrumentos violão e pandeiro.
São Gonçalo	Ouricuri	Exaltam os vivos tendo como instrumento musical a cabaça. Dançam nos festejos da padroeira de Água Branca com roupas comuns em diversas cores.
Banda de Pífano	Sítio Cal	Fundada em 1980 pelo Mestre Deca. O pífano é um instrumento de sopro tradicional, constituído por sete orifícios circulares e que comanda a 'banda'. Apresenta em celebrações e festejos religiosos de Água Branca.
Reisado Frei Damião	Lajeiro do Couro	Fundado em 1999 pelo Mestre João Augusto. Formado por 30 componentes identificados por indumentárias e adereços vermelhos e azuis. Utiliza-se pandeiro, triângulo e sanfona.

Fonte: Feitosa (2014). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024)

Esses grupos e folguedos se apresentam em festividades religiosas, mas principalmente no Festival de inverno, que acontece anualmente. Esse evento reúne no centro histórico, várias apresentações culturais da cidade e de comunidades durante três dias, no mês de julho ou agosto. A presença da arquitetura barroca e colonial, com igrejas e casarões centenários, a exemplo da Casa do Barão (Figura 4) e a igreja matriz (figura 5), compõem um cenário propício as trocas e manifestações culturais. O centro histórico de Água Branca constitui um marco simbólico para a população local, não só pela sua geohistória, mas pelas memórias enraizadas.

Figura 4 - Casa do Barão de Água Branca



Foto: Juliana dos Santos Lima (2024)

Figura 5 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição - desde centro histórico de Água Branca



Foto: Juliana dos Santos Lima (2024)

1.2. CAMINHOS DA PESQUISA

Tendo estabelecido como objetivo geral da proposta analisar as relações constitutivas pela apropriação e identificação do/com o lugar Serra do Cavalo, no município de Água Branca-AL, delineamos um percurso metodológico pautado, principalmente, em uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica.

Ao procurarmos apoio na fenomenologia buscamos antes de qualquer coisa mergulhar no mundo das essências, no âmago do ser, ir além das aparências. O pesquisador não define a sua abordagem, mas, antes, a sua abordagem é definida conforme a situação da sua pesquisa.

A fenomenologia se apresentou e desabrochou segundo as nossas necessidades frente ao estudo, pois, através dela conseguimos alinhar reflexões conforme os objetivos propostos, consentindo com a ideia de que “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido...” (Merleau-Ponty, 2018, p. 3). Assim, acreditamos que o nosso corpo fornece significado ao mundo. O corpo é tátil; sente, percebe, nos faz enxergar, significar, experimentar, pois “eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim [...]” (Merleau-Ponty, 2018, p. 3).

Dessa maneira, a fenomenologia procura perceber o que é humano em sua essência. Assim, ao tratarmos da reflexão fenomenológica, a objetividade não está ausente, porém busca aproximar o mundo da ciência ao mundo vivido (Rocha, 2003), percebido e constituído por experiências humanas e cotidianas. Destarte, analisar as relações que constituem o lugar Serra do Cavalo, é sobretudo, transcender o que está posto, ir além do visível, numa forma de perceber a essência humana dos sentidos de Ser morador da comunidade, “porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido” (Merleau-Ponty, 2018, p. 18).

No que se refere à pesquisa qualitativa, entendemos que toda a ciência é qualitativa, no sentido que pretende estabelecer uma qualidade a um objeto de estudo ao reproduzi-lo ou reconstruí-lo, ao explicá-lo ou compreendê-lo. A quantidade em si

mesma nada representa se não se relaciona com determinada qualidade; as cifras e os dados não falam sozinhos, requerem uma interpretação que alude a uma teoria, à afirmação ou à negação de uma ideia (Briceño-león, 2003, p.157). No que tange à pesquisa qualitativa, Pessôa (2019) menciona que:

A abordagem qualitativa permite compreender a relação tempo/espaço porque a realidade é subjetiva e múltipla, construída de modo diferente por cada pessoa. Nesse sentido, a interação do pesquisador com o objeto e o sujeito pesquisado é importante para dar voz aos sujeitos e construir a teia de significados. Os valores pessoais do pesquisador, sua visão de mundo, fazem parte do processo investigativo. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas e não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem a provas de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Pessôa, 2019, p. 09).

De outra parte, Briceño-león (2003, p.157) menciona que a pesquisa qualitativa “[...] se aproxima da realidade do estudo de uma maneira natural, procurando não alterar o que ocorre, nem impor moldes para encerrar a realidade em um padrão de observação, uma pergunta ou uma teoria previamente desenvolvida [...]”

Concordamos tanto com Pessôa (2019) quanto com Briceño-león (2003), pois entendemos que nesse tipo de abordagem o pesquisador consegue tanto mais se aproximar da área de estudo e vivenciar a pesquisa e as situações da pesquisa, quanto ampliar a capacidade de observação, percepção e interpretação dos significados e das teias de valores que são peculiares a cada sujeito, a cada estudo, a cada realidade. Mas é importante ressaltar, sobretudo, que “a escolha entre a pesquisa quantitativa e qualitativa deve ser feita a partir dos objetivos que se deseja alcançar, isto é, em benefício da pesquisa e não do pesquisador. Desse modo, para estudos complexos que não exigem a quantificação é mais pertinente o uso da pesquisa qualitativa” (Pêssoa, 2012, p. 7).

Seguindo essa linha, Souza (2013, p. 57) traz uma contribuição à discussão ao mencionar que na pesquisa de caráter qualitativo, “[...] o que interessa [...] é a forma como os dados são coletados, priorizando o contato direto do pesquisador com o objeto estudado, valorizando instrumentos como a entrevista, a análise documental e as observações diretas”. Isto quer dizer que, na pesquisa qualitativa mais importa o contexto e a maneira como as informações serão coletadas.

Nesse mesmo caminho, Triviños (1987, p. 123) explica que a pesquisa qualitativa “com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como

as descrições dos fenômenos estão impregnados dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva [...]”. Para o teórico, um dos elementos importantes na pesquisa qualitativa ligada à fenomenologia é a interpretação dos resultados que surgem como a “totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno⁴ num contexto” (Triviños, 1987, p. 123). Dessa maneira, o autor defende que os resultados são preponderantemente expressos através das narrativas, retratos, entrevistas, por exemplo. (Triviños, 1987)

Calcados na pesquisa qualitativa, expomos no Quadro 2 os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa.

Quadro 3: Procedimentos Metodológicos

Pesquisa bibliográfica	Levantamento de textos e estado da arte;
Pesquisa documental	Material cartográfico, fotos, textos e sites;
Pesquisa de Campo	Entrevistas, observação direta, oficinas, levantamento fotográfico;
Análise de informações	Interpretação das narrativas pela análise de conteúdo.

Organização: Juliana dos Santos Lima (2024)

No que se refere a **pesquisa bibliográfica**, apresentamos um diálogo com autores que vem nos inspirando no desenvolvimento do estudo desde sua proposta e no delineamento do levantamento de referentes. Nesse sentido, a partir do estado da arte, pudemos ter uma cobertura maior acerca das discussões centrais a este trabalho, a exemplo das discussões sobre lugar, identidade, percepção, pertencimento, ruralidade e lugaridade.

Tomamos como base fundamental para a discussão sobre lugar as obras de Yi-Fu Tuan (1980; 1983) *“Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”* e *“Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente”*, respectivamente, leituras

⁴ “...os investigadores dessa corrente aprofundaram, especialmente através da entrevista semiestruturada e da observação livre [...] o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos. Na busca pelo que estava aí, muitas vezes, invisível, os pesquisadores procuravam detectar os significados que as pessoas davam aos fenômenos (Triviños, 1987, p. 130).

indispensáveis que ajudaram a entender melhor como a experiência e a percepção são elementos valiosos à constituição do sentido de lugar e de vínculos com o ambiente que é experienciado por cada sujeito. Ler Tuan foi mais que um desabrochar intelectual, foi um despertar na seara pessoal ao permitir observar e lidar com o mundo e com as coisas do mundo de uma forma particular.

As discussões trazidas por Edward Relph (1979) “*As bases fenomenológicas da Geografia*” e Eric Dardel (2015) “*O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*”, nos conduziram à uma imersão valiosa no que diz respeito ao sentido de lugar, de como necessitamos manter esse vínculo com a terra, pois é desse apego que conseguimos extrair os significados mais caros à nossa própria existência e, assim, realizarmos verdadeiramente o sentido de ser e de existir. Em Maria Geralda de Almeida (2018), caminhamos pelo entendimento do lugar na perspectiva da convivialidade, ou seja, o lugar enquanto fruto da relação social, política e simbólica que liga o homem e a mulher a sua terra.

Em Marandola Jr (2020), mergulhamos na perspectiva de lugar enquanto espaço fundamental ao Ser, de existência, da ocupação humana, onde a renúncia do lugar é tal qual a renúncia de si próprio. Nele, partimos das discussões sobre lugaridade enquanto um modo de ser, uma experiência do corpo, do Ser-no-mundo. Ler Marandola Jr, foi essencial para entendermos que a lugaridade implica uma topologia do ser, e isso nos fez emergir ainda mais no entendimento do lugar que é constituído pelas relações dinâmicas, pelas experiências, pela irrupção, pela intencionalidade.

Para a discussão sobre pertencimento, tomamos como base Tuan (1980;1983), novamente, e Maria Geralda de Almeida (2019) “*Observar e entender o lugar rural: trilhas metodológicas*”, para o entendimento sobre o sentido de pertencer e de se sentir pertencido, mas também, ao tratar a dimensão cultural do lugar como um espaço de articulação das percepções sociais e das diferentes formas de habitar.

No que se refere ao diálogo sobre Percepção, tivemos como suporte obras como a de Merleau-Ponty (1999) “*Fenomenologia da Percepção*”, para apreendermos como construímos as nossas percepções, e de como os contextos que vivenciamos interferem na percepção de mundo vivido de cada sujeito. Para o autor, nosso corpo transmite um tipo de linguagem, ele sente e é sentido, e pode ser interpretado de diferentes formas, por diferentes sujeitos. O corpo produz significado. Além de Merleau-Ponty, tivemos como base a obra de Livia de Oliveira (2017) “*Percepção do*

meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar” que dialoga com as reflexões deste trabalho, pois concordamos que os filtros culturais interferem na nossa percepção e estão diretamente ligados a forma como os sujeitos atribuem valor àquilo que percebem e muitas das vezes determinam as tomadas de decisão.

Sobre Identidade, tivemos como referência os escritos Sasaki (2010) que nos ajudaram a compreender a identidade como processo; ou seja, como algo que vai sendo configurado através da intenção e interação com o espaço vivido. Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983) foram teóricos que nos deram subsídio e nos ajudaram a pensar a identidade levando em consideração o “eu” e o “outro”, entendendo que cada sujeito tem um papel importante na constituição da identidade individual e coletiva.

Nas discussões sobre ruralidade, tomamos com base Medeiros (2017) que nos proporcionou uma rica reflexão sobre a ruralidade tanto do ponto de vista sociológico, quanto geográfico. Assim, concordamos com a autora à medida que ela compreende a ruralidade como um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história em comum e que giram em torno da fidelidade e pertencimento a um território e a família. Tivemos como referência Silva (2020), que trouxe contribuições importantes no que se refere às práticas de ruralidade propriamente ditas e de como elas contribuem para a preservação dos costumes e das tradições da comunidade, pois ser agricultor e agricultora na Serra do Cavalo, significa manter um vínculo forte de apego e sentimento de pertença que possibilitam a “manutenção e preservação de um modo de vida, de uma história, de uma herança cultural [...]” (Silva, 2020, p. 308).

Dando continuidade, efetivamos a **pesquisa documental** a partir de documentos de fontes primárias, por meio de fotografias, dados históricos, material cartográfico e pesquisas em sites como IBGE, Alagoas em dados, Arquivo nacional, Prefeitura de Água Branca, Biblioteca digital Luso-brasileira, bem como, por meio de documentos de fonte secundária, a exemplo de obras literárias de pesquisadores locais.

No que se refere às fotografias, realizamos um levantamento de naturezaêmica e ética, com base em Guran (2012). Nos registrosêmicos nos deparamos com fotografias produzidas pelos moradores das comunidades da Serra do Cavalo, cedidas para a elaboração desse estudo. Já no que tange aos registros éticos,

realizamos o levantamento fotográfico no decorrer da pesquisa de campo, tendo como suporte a câmera fotográfica do celular.

Os dados históricos foram coletados em sites como o da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, onde encontramos cartas a exemplo da carta topográfica do Estado de Pernambuco. No site do IBGE conseguimos dados históricos referentes a população do município de Água Branca, dados referentes a economia, educação e habitação. No site Alagoas em dados, coletamos dados referentes à população rural de Água Branca e materiais cartográficos referentes ao Estado de Alagoas e as suas mesorregiões. Nos sites da Prefeitura e do arquivo nacional encontramos mapas antigos, dentre os quais, podemos destacar tanto o mapa da província de Alagoas quanto das províncias de Pernambuco e Paraíba.

Ainda, trabalhamos com documento produzido por historiador, especificamente com a obra “*Água Branca: história e memória*”, de Edvaldo Araújo Feitosa. Seu texto proporcionou conhecer o contexto geohistórico de Água Branca, permitindo transitar pelo processo de povoamento do município, caminhar pelas manifestações culturais, pela fé do povo, pelas raízes e patrimônio histórico e, também, apreciar suas reflexões e devires de Água Branca.

No que tange à **Pesquisa de campo**, realizamos 29 entrevistas, fizemos uso da observação direta, do diário de campo, desenvolvemos oficinas em uma escola municipal de ensino fundamental e, também, realizamos registros fotográficos. A pesquisa de campo foi fundamental no processo de experiência individual, que, munido de teorias, questões e objetivos, proporcionou um mergulho na complexidade da realidade a ser entendida e, em muitos momentos, revi e refleti sobre minhas escolhas sobre o delineamento do estudo. Como coloca Minayo (2012, p.65) “o olhar analítico deve acompanhar todo o percurso de aproximação do campo”, pois dirigir-se informalmente ao cenário de pesquisa, buscando observar os processos que nele ocorrem, é preciso ir a campo sem pretensões formais e ampliar o grau de segurança em relação à abordagem do objeto, inclusive, se possível, realizar algumas entrevistas abertas, promover o redesenho de hipóteses, pressupostos e instrumentos, buscando uma sintonia fina entre o quadro teórico e os primeiros influxos da realidade.

E, assim, (re) planejei ações que se fizeram necessárias, como por exemplo, a aplicação de entrevistas além do número planejado inicialmente, entre 17 a 20. A princípio, pensamos em entrevistar apenas os agricultores da comunidade, porém, a

partir da pesquisa de campo, ficou nítido que era necessário ampliar o número de participantes, e assim foi feito. Ao ampliarmos esse quantitativo, passamos a considerar não apenas os agricultores, mas também jovens adultos, comerciantes, migrantes sazonais⁵ e donas de casa.

Salientamos que a escolha do uso da entrevista semiestruturada para a coleta de informações justifica-se pelo seu caráter aberto, bem como pela fluidez e leveza que ela permite ao pesquisador em “tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade” (Alves-mazzoti; Gewandsznajder, 2002, p. 168). Além disso, a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador definir “...previamente um conjunto de temas ou eventos e pergunta ao informante sobre eles, com vistas à obtenção dos dados para a construção das trajetórias (Alonso, 2016, p.14).

A entrevista semiestruturada, padronizada ou estruturada é, para (Lakatos; Marconi, 2003), aquela em que o entrevistador segue um roteiro que é estabelecido por ele, nesse tipo de entrevista as perguntas feitas ao indivíduo são “predeterminadas”. Nesse sentido, realizamos um roteiro de acordo com o que foi definido previamente, seguindo o plano de execução.

Além de dados sobre o perfil dos entrevistados, elaboramos um roteiro em três partes: procuramos na primeira parte ‘desvelar os referentes espaciais do lugar e os topônimos’; na segunda, as ‘relações de convivialidades com o lugar em que pese as territorialidades e as ruralidades’; e na terceira, ‘compreender os sentidos do lugar, seus sentimentos e seus significados para os moradores da Serra do cavalo’ (Apêndice A). As entrevistas realizadas complementaram a pesquisa documental realizada, e nos auxiliaram a entender a geohistória e o enraizamento dos entrevistados com o lugar Serra do cavalo.

Para desvelar o significado toponímico dos referentes espaciais da Serra do Cavalo, nos guiamos pelos topônimos das localidades e pelas famílias. Para identificar as relações de convivialidade nos direcionamos pelos sentidos de territorialidade e ruralidade. E, para compreender os sentidos de lugar para os moradores da

⁵ Consideramos migrantes sazonais homens adultos (30-59 anos) que migram sazonalmente, regularmente ou não para ocupações temporárias em empresas agrícolas e da construção civil

comunidade, nos norteamos pelas percepções que foram essenciais para a apreensão da identidade de lugar.

Na Serra do Cavalo, realizamos 29 entrevistas entre os meses de setembro e dezembro de 2024. Importante mencionar, que as entrevistas foram aplicadas segundo o critério do sujeito ser morador da Comunidade, assim, não definimos uma faixa etária fixa, pois consideramos como universo amostral a Comunidade Serra do Cavalo como um todo. Levando isso em consideração, optamos pela utilização de uma amostragem por saturação, que conforme (Fontanella; Rico; Turato, 2008, p. 17) seria basicamente o fechamento amostral da pesquisa, considerando que a inclusão de novos participantes pouco acrescentaria ao material já obtido, nem tampouco contribuiriam no aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados. Nessa linha de entendimento, os autores salientam que “...o fechamento da amostra resulta de um balanço que o pesquisador faz sobre valorizar, no conjunto das informações obtidas, as diferenças ou, em contraposição, o que se repete” (Fontanella; Rico; Turato, 2008, p. 23). Apresentamos no Quadro 4 o perfil dos entrevistados:

Quadro 4 - Perfil dos entrevistados

Ocupação	Idade	Sexo	Localidade
Enfermeira e Agricultora	47 anos	Feminino	Jardim
Agricultora aposentada	78 anos	Feminino	Serra do Meio
Agricultor aposentado	79 anos	Masculino	Serra dos Cordeiros
Agricultor aposentado	66 anos	Masculino	Serra do Cordeiros
Professora e Agricultora	55 anos	Feminino	Serra do Lucas
Professora e Agricultora	62 anos	Feminino	Umbuzeiro de Baixo
Agricultor aposentado	74 anos	Masculino	Umbuzeiro de Cima
Professora	28 anos	Feminino	Serra do Lucas
Agricultor aposentado	91 anos	Masculino	Serra do Lucas
Agricultor aposentado	76 anos	Masculino	Jardim
Agricultor aposentado	80 anos	Masculino	Serra do Meio
Agricultor aposentado	72 anos	Masculino	Casa Nova
Agricultora aposentada	78 anos	Feminino	Umbuzeiro de Cima
Professora aposentada e Agricultora	66 anos	Feminino	Serra do Meio
Dona de Casa e Vendedora de Arte Sacra	25 anos	Feminino	Serra do Meio
Dona de Casa	24 anos	Feminina	Umbuzeiro de Baixo
Professor, Agricultor e Feirante	28 anos	Feminino	Umbuzeiro de Cima
Dona de Casa	46 anos	Feminino	Jardim
Agente de endemias e Dono de Mercadinho	39 anos	Masculino	Umbuzeiro de Cima

Dona de Casa e Vendedora de Cosméticos	28 anos	Feminino	Jardim
Dona de Casa, Cabeleireira e Dona de uma loja de variedades	38 anos	Feminino	Casa Nova
Engenheiro de produção e Dono da Pizzaria Serrana Delivery	33 anos	Masculino	Umbuzeiro de Cima
Motorista Escolar, Agricultor e Dono de uma estética automotiva	31 anos	Masculino	Serra do Meio
Cortador de Cana, migrante e Agricultor	50 anos	Masculino	Casa Nova
Dona de Casa, Técnica de Enfermagem e Dona da Padaria da Serra	38 anos	Feminino	Umbuzeiro de Cima
Dona de Casa, Estudante e Dona do Açaí Delivery da Serra do Cavalo	23 anos	Feminino	Umbuzeiro de Baixo
Armador de Concreto e migrante	22 anos	Masculino	Casa Nova
Professora, Estudante e Vendedora de Lingerie Feminina	24 anos	Feminino	Serra dos Cordeiros
Professor e Agricultor	35 anos	Masculino	Serra do Meio
Total de entrevistados			29

Fonte: LIMA, Juliana dos Santos (2014)

Neste quadro estão alinhados os 29 entrevistados que participaram desta pesquisa, bem como a localidade, ocupação, idade e sexo. Todas as localidades da Serra do Cavalo estão presentes, e os sujeitos entrevistados – homens e mulheres – apresentaram idade entre 24 e 91 anos e todos os participantes moram na comunidade.

Houve um pequeno predomínio no número de participantes mulheres, pois na maioria das vezes os homens estavam ausentes do lar por questões de trabalho. Boa parte dos homens da comunidade trabalham em outros locais, como por exemplo, no corte de cana-de-açúcar, no litoral de Alagoas e Sergipe. Sendo desse modo, era comum encontrar somente as mulheres em casa.

Aliada às entrevistas, a observação direta tornou-se um instrumento de pesquisa indispensável tanto à abordagem qualitativa, quanto a abordagem fenomenológica que aqui propusemos. Triviños (1987) menciona que ambas as categorias de pesquisa – de caráter fenomenológico, materialista ou dialético – partem do fenômeno

social concreto. Mas, para a fenomenológica, o importante e verdadeiro é o conteúdo da percepção. Destarte, pela observação direta foi possível observar a dinâmica da comunidade, as paisagens, as pessoas e, assim, refletir e alinhar os nossos objetivos.

No decorrer da pesquisa de campo, é válido ressaltar que um elemento indispensável foi o diário de campo. Procedemos anotações descritivas de gestuais e analíticas de sentimentos, como por exemplo, o uso das mãos, a postura, entonação, expressões faciais e falas sobre saudade, perdas, abandono, dentre outros. Com relação ao nosso posicionamento, registramos que muitas pessoas agradeciam após as entrevistas, por serem ouvidos, escutados, e por estarem participando da pesquisa, *“espero que tenha ajudado, você é um orgulho para nossa comunidade”* (Entrevistada 2, agricultora aposentada, 78 anos), *“a gente fica muito honrado em poder participar do seu trabalho”* (Entrevistada 25, técnica de enfermagem, 38 anos). E para as pessoas de mais idade, percebemos que a entrevista foi um ato de carinho e atenção, *“e eu achei foi bom, só é isso?”* (Entrevistado 3, agricultor aposentado, 79 anos).

Para concluir a pesquisa de campo, realizamos uma oficina na Escola Municipal Francisco Pereira Leite, localizada na comunidade Serra do Cavalo. A escola funciona em dois prédios para melhor atender a comunidade, uma está localizada na praça da igreja Nossa Senhora Aparecida, na localidade do Umbuzeiro de Cima e a outra está localizada na praça da Igreja Mãe Rainha, na localidade da Serra do Meio. Nas escolas, solicitamos que os alunos da 4ª e 5ª série, do período vespertino, fizessem um desenho em uma folha A3, com base em três perguntas motivadoras, a saber: I) o que é a Serra do Cavalo pra você? II) o que a Serra do Cavalo tem de especial? III) o que você mais gosta na Serra do Cavalo? Todas as folhas já estavam com o cabeçalho pronto com o nome da escola. Explicamos aos estudantes que cada um deveria colocar o nome na folha e que não poderiam escrever mais nada, apenas desenhar. Nessa fase inicial, trabalhamos diretamente com a elaboração de mapas mentais, considerando-os sob uma perspectiva simbólica voltada para o mundo vivido e para o lugar Serra do Cavalo (Kozel, 2018). Para a autora, *“os mapas mentais seriam meios para estruturar e armazenar o conhecimento, referendando mundos imaginários, complexos e atraentes, permitindo retratar os lugares e suas peculiaridades muitas vezes inacessíveis às pessoas”* (Kozel, 2018, p. 42).

Posterior à elaboração dos desenhos, realizamos um segundo momento de troca e partilha, onde os alunos foram convidados a responder mais três perguntas que

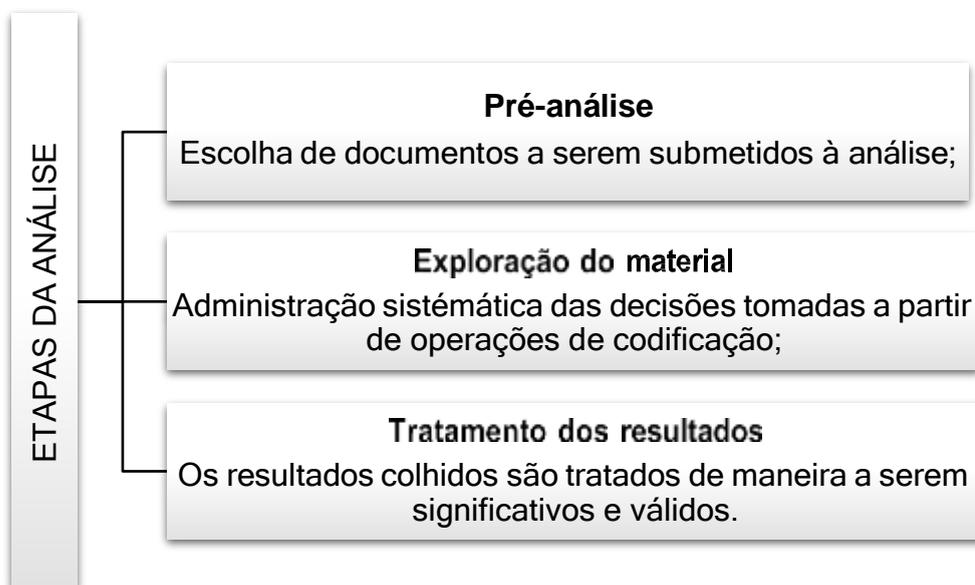
estavam expostas no quadro branco, a primeira questionava: I) Quais as pessoas mais importantes para você? II) quais lugares que mais gosta? III) A paisagem da Serra mostra o que? Nesse momento não trabalhamos com novos desenhos, mas diretamente com a percepção dos estudantes, e as respostas encontradas complementaram os mapas mentais elaborados anteriormente, nos ajudando a entender melhor os sentidos e significados de cada desenho, pois por meio dos “signos, os lugares nos são apresentados...” (Kozel, 2018, p. 43), e nisso, os desenhos se apresentaram como um meio para os estudantes comunicarem as suas experiências ambientais cotidianas, permitindo à nós a análise das suas percepções (Vargas, 2020).

Em sequência, para a **análise das informações**, tomamos como base as orientações de Bardin (1977) que sugere a análise de conteúdo. Para a autora esse tipo de análise consiste em

...um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42).

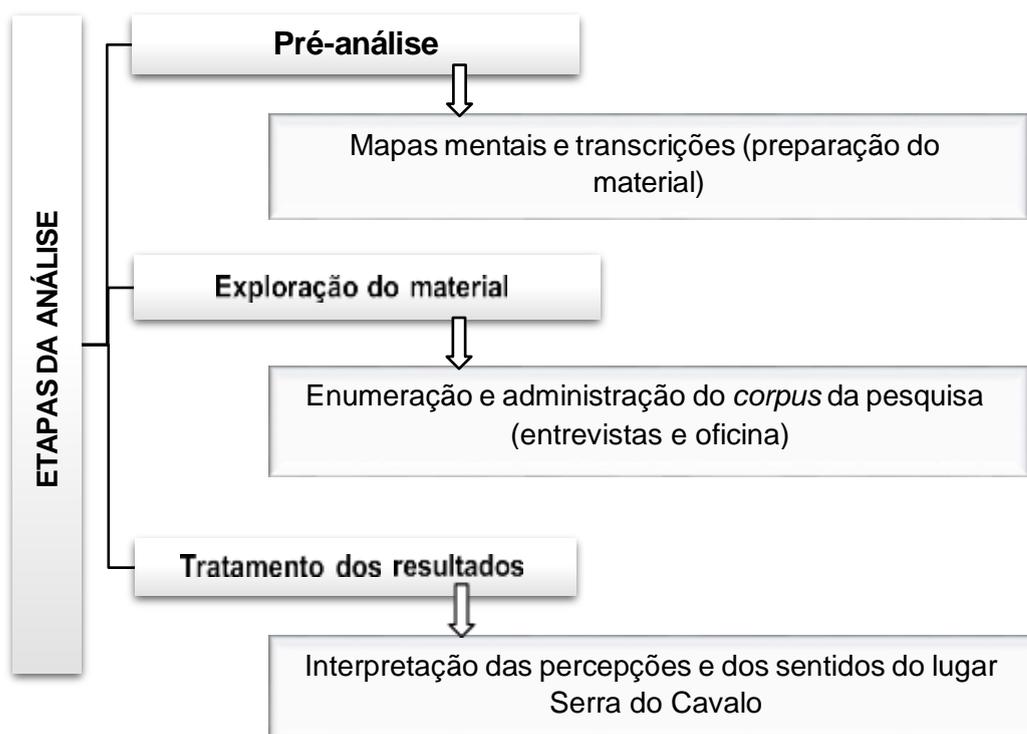
Destarte, partimos da perspectiva de que a leitura efetuada pelo analista de conteúdo não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas sobretudo o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Sendo assim, concordamos com a ideia de que não se trata de atravessar significantes para atingir significados, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros significados que perpassam pelo caráter psicológico, sociológico, político, histórico etc. (Bardin, 1977).

De acordo com Bardin (1977) as fases da análise de conteúdo podem ser demonstradas a partir de três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, como poderemos observar na figura 6 a seguir.

Figura 6 - Etapas da análise de conteúdo

Fonte: (Bardin, 1977, p. 101). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024).

Trazendo tais etapas para a realidade de nossa pesquisa, apresentamos na (figura 7) o esquema de análise realizada.

Figura 7 – Esquema ilustrativo da análise proposta

Fonte: Bardin (1977). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024).

Iniciamos a pré-análise pela leitura flutuante, onde estabelecemos os primeiros contatos com os materiais a serem analisados, a exemplo dos mapas mentais que foram elaborados e das transcrições das entrevistas que haviam sido gravadas na pesquisa de campo. Todas as entrevistas foram transcritas para um documento no Word contendo o nome do entrevistado, a ocupação, a idade e a localidade. Os mapas mentais foram todos scaneados e guardados em uma pasta única.

Dando continuidade ao processo de análise de conteúdo, seguimos então com a exploração do material. Nessa etapa, começamos a enumerar cada um dos mapas mentais e a separar os desenhos feitos pelas meninas e os desenhos feitos pelos meninos.

Na etapa do tratamento dos dados, após termos separado e enumerado os mapas mentais de todos os estudantes, finalizamos a análise com a elaboração de uma matriz semiótica interpretativa dos mapas. No que se refere às entrevistas, elaboramos uma planilha no Excel onde delimitamos direcionamentos com base nas três partes da entrevista semiestruturada, já mencionada anteriormente. Assim, em um único documento Excel separamos todas as respostas que faziam referência às raízes e configuração do lugar Serra do Cavalo; as respostas que faziam referência às ruralidades e aos modos de vida; e por fim, separamos àquelas ligadas aos sentidos do lugar.

Cada fase da pesquisa, desde o levantamento bibliográfico até a análise do material colhido foi valiosa e essencial à construção geral do estudo, pois cada etapa foi complementando a seguinte, passo a passo, dia após dia. As reflexões, os questionamentos, as “idas e vindas” no decorrer do caminho metodológico se tornaram indispensáveis não só para o amadurecimento da escrita do texto final da dissertação, mas para o comprometimento e clareza no fazer pesquisa científica em Geografia.

SEÇÃO II

DOS SIGNIFICADOS TOPONÍMICOS AOS CONTEXTOS GEOHISTÓRICOS E DE ENRAIZAMENTOS



“Nasci em um lugar que para uns tem latitude e longitude. Para mim, tem geografias e histórias” (Vargas, 2019)

SEÇÃO II - DOS SIGNIFICADOS TOPONÍMICOS AOS CONTEXTOS GEOHISTÓRICOS E DE ENRAIZAMENTOS

Esta seção está dividida em duas subseções. Na primeira, fizemos uma breve reconstrução geohistórica dos topônimos de Água Branca e seus referentes. Na segunda, tratamos sobre as raízes e a configuração do lugar Serra do Cavalão, sobre as histórias, memórias e significados de cada um dos topônimos da comunidade e de que forma eles contribuíram para a constituição do lugar Serra do Cavalão.

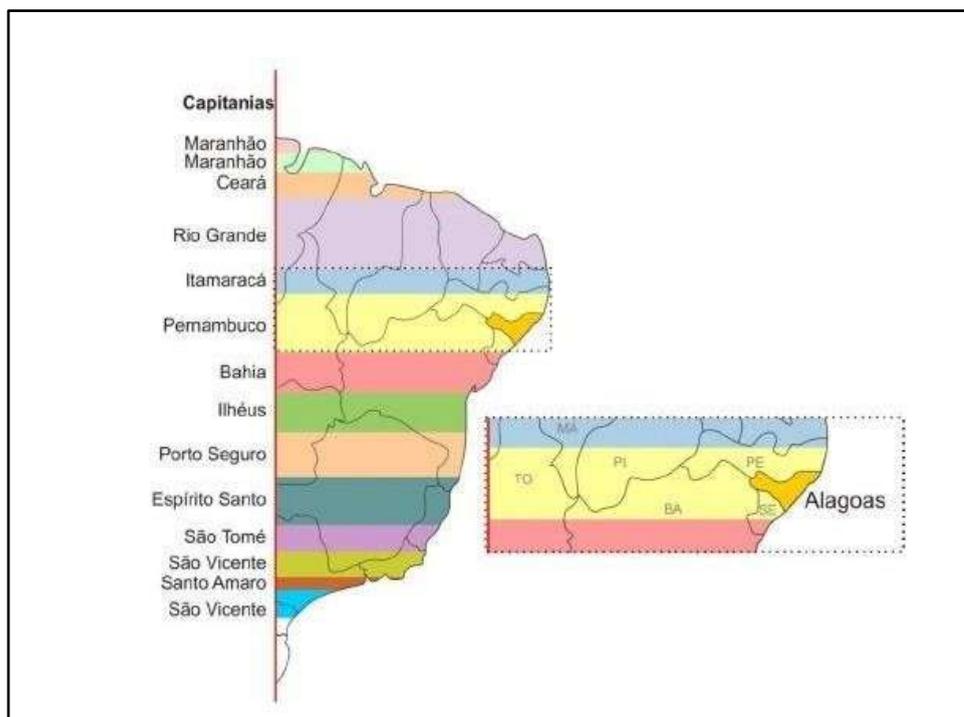
2.1. CONSTRUINDO O ENREDO TOPONÍMICO PELOS REFERENTES GEOGRÁFICOS DO LUGAR

“Nomear os lugares é impregná-los de cultura e poder. Nada é pior do que se encontrar só, perdido num lugar desconhecido, sem saber como retornar a um ambiente familiar. As relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver” (Paul Claval, 2007).

Num primeiro momento, a ocupação das terras brasileiras pelos colonizadores invasores foi efetuada nas regiões costeiras e, posteriormente, foi adentrando para o interior. No contexto colonial alguns pontos do território se destacaram pelo desenvolvimento econômico e urbano, a exemplo da região Nordeste que à época ocupava posição relevante no contexto das ações colonizadoras. Dentre as suas capitanias, “Bahia e Pernambuco se apresentavam como as mais ricas e produtivas” (Menezes, 2011, p. 18).

No Brasil Colonial dos séculos XVI e XVII, a então Província de Alagoas pertencia à Capitania de Pernambuco (Feitosa, 2014) e, de acordo com Menezes (2011), a província de Alagoas, consistia em uma parte importante do território pernambucano, pois fornecia suporte para o fornecimento de gado e outros gêneros. Além disso, possuía valiosas características geográficas: cursos d’água e um solo fértil para o plantio da cana-de-açúcar, atividade que se desenvolveu de maneira pujante, “era também o limite sul da capitania pernambucana, possuindo como marco divisório o rio São Francisco, apreciado pelos colonizadores devido a sua grandeza e fertilidade” (Menezes, 2011, p. 18). Na (figura 8) a seguir, pode-se observar Alagoas no cenário das capitanias hereditárias.

Figura 8 - Capitânicas Hereditárias no Brasil Colonial



Fonte: Menezes (2011)

O Brasil, nesse período, apresentava dois polos elementares e essenciais a fixação dos portugueses, a exemplo de Salvador e Olinda. Pelo mapa, Salvador situa-se no litoral no extremo sul da capitania da Bahia e Olinda no extremo Norte da Capitania de Pernambuco. Entre esses dois polos havia uma vasta extensão territorial e, nessa região, estava contido o que futuramente conheceríamos por Alagoas (Menezes, 2011).

No cenário de formação territorial de Alagoas (Lima, Oliveira e Miranda, 2019) e Menezes (2011) trazem considerações valiosas que nos ajudam a entender melhor tal conjuntura. Para eles, é importante salientar que no bojo da constituição do território alagoano, a chegada dos portugueses deflagrou o empreendimento monocultor canavieiro no litoral do estado, isso fez com que as terras indígenas fossem desapossadas e apropriadas, ocasionando a dispersão e o desaparecimento de algumas etnias, a exemplo dos Caetés, implacavelmente, perseguidos desde o século XVI.

A esse respeito, Menezes (2011, p.42) destaca que a história territorial do estado de Alagoas, tal qual conhecemos hoje, foi iniciada antes da chegada dos europeus,

pois é sabido que diferentes grupos de povos nativos já habitavam suas terras, destacando a presença dos Caetés que “...empreenderam forte resistência à dominação portuguesa, incentivados pelos franceses a reagirem a qualquer tipo de subordinação”.

Mas, no contexto da empresa colonial (Vieira, 2010) explica que o estado português estava representado pelos agentes mercantis e missionários. Inicialmente, colocando a fé acima de tudo e de todos, os missionários buscaram arrebanhar almas para o seu domínio religioso, transformando os indígenas em católicos e em mão-de-obra e, assim, as atrocidades cometidas pelos portugueses contra os indígenas ocorreram desde o início da colonização. Ele ressalta,

As populações indígenas não tiveram alternativa diante do processo imposto pela colonização. Foi diante dessa constatação que muitas etnias foram extintas, outras se dispersaram a procura de novos espaços, enquanto que outras, submetidas ao julgo dos interesses econômicos, políticos e religiosos negociaram a convivência com as forças não indígenas (Vieira, 2010, p. 10-11).

Na mesma perspectiva de Vieira (2010), Herbetta (2018) reforça que a partir da chegada do ‘não indígena’, é estabelecido um processo histórico violento de expropriação de terras e marginalização social. Desde o século XVII a região do alto sertão alagoano, especificamente no entorno do rio São Francisco e áreas limítrofes dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, estavam na rota de penetração e assentamentos de tropeiros e fazendeiros que abasteciam os centros urbanos de Salvador e Olinda.

Os missionários, que haviam iniciado seus trabalhos na região litorânea, partiram para o sertão para formar as chamadas missões rurais. Os primeiros a chegar na região da foz do rio São Francisco foram os capuchinhos franceses, no final do século XVI, mas logo em seguida, em 1702, foram expulsos pelos portugueses. Já os jesuítas, que tinham a preferência da Coroa Portuguesa no resto do território, foram preteridos – no sertão do São Francisco – pelos carmelitas, oratorianos, franciscanos, beneditinos e capuchinhos, os quais exerceram o papel de capelães militares, sempre ligados ao poder do Estado (Herbetta, 2018).

De acordo com (Lima; Oliveira; Miranda, 2019) a dispersão dos povos indígenas, levou-os a procurar (re) territorializações no interior do continente. Tais circunstâncias foram marcadas pela instabilidade em face da progressiva expansão da atividade econômica colonial, que de maneira vertiginosa usurpou as terras a oeste (Agreste e

o Sertão) da mancha litorânea para a pecuária e para o algodão. Consoante os autores, ainda no século XVIII, foram criados os aldeamentos, também chamados de reduções ou missões criadas pelos Jesuítas⁶, destinados aos indígenas que de certo modo eram considerados como “não hostis” pelo Estado e, geralmente, administrados por religiosos. Subtende-se, portanto, que se tratava de “...uma ação coercitiva, que inseriu diversas etnias dentro de uma área delimitada, com o fito de controlá-los, por meio do acultramento e do uso de sua força-de-trabalho nas fazendas” (*Ibid.* p. 136).

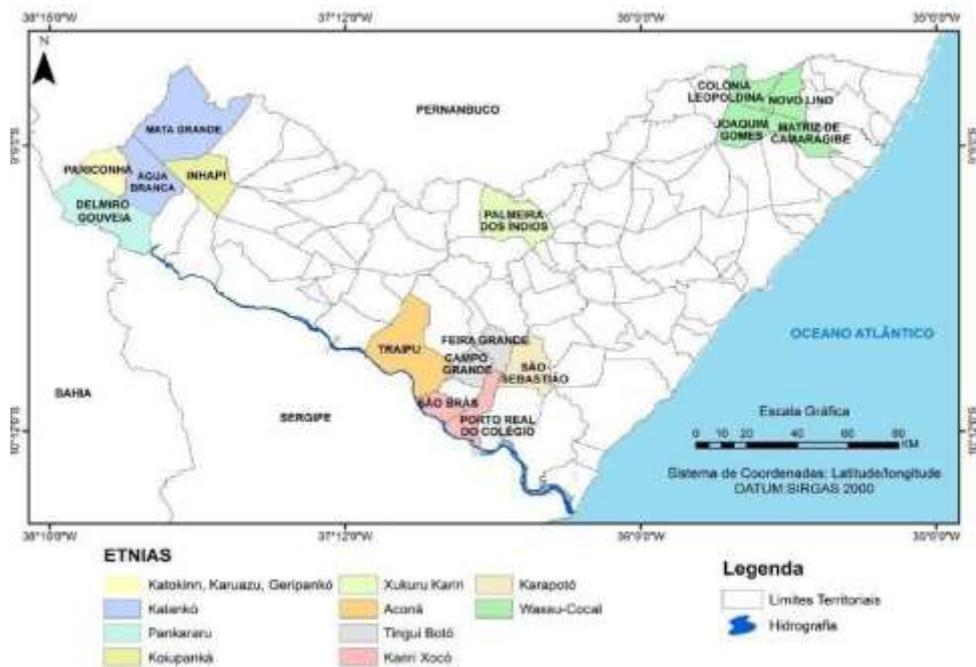
Especialmente no século XVIII, os portugueses intensificaram o processo de aldeamento dos povos indígenas. Nesses aldeamentos, os indígenas passaram por um longo processo de transformação por meio do contato com outras pessoas “não nativas”, com outros indígenas, com missionários, negros e a sociedade de entorno (Herbetta, 2018).

Porém, com a elaboração da lei de terras, em 1850, os aldeamentos que haviam sido constituídos na região litorânea foram paulatinamente extintos. As terras, sob as quais os aldeamentos estavam fundidos quando não eram anexadas aos municípios que se formavam, eram adquiridas por grandes proprietários. De acordo com (Lima, Oliveira e Miranda, 2019), os aldeamentos de Alagoas foram extintos através de decreto datado de 1872, expedido pelo então presidente da província, Luiz Rômulo Peres de Moreno. Os autores explicam que desterritorializados e taxados como remanescentes em via de desaparecimento, parte dos indígenas se dispersaram e, além disso, foram forçados a negar frequentemente, sua identidade étnica como mecanismo de proteção ao preconceito e a outras manifestações de opressão. Dentre as populações indígenas que tiveram que migrar forçadamente, destacamos o povo Kalankó “...que, no século XIX, migrou em busca de terras para trabalhar e reproduzir-se culturalmente, em Água Branca (Vieira 2011, p. 17), no sertão alagoano.

É sabido, conforme (Lima, Oliveira e Miranda, 2019), que existem 12 etnias indígenas em Alagoas (Figura 9), a saber: Aconã, Geripankó, Kalankó, Karapotó, Kariri-Xocó, Karuazu, Katokinn, Koiupanká, Pankararu, Tingui-Botó, Xukuru-Kariri e Wassu-Cocal. O povo Pankararu, situado no município de Delmiro Gouveia, ainda não consta nos registros da FUNAI, mas dispõe do reconhecimento de outras etnias.

⁶ Os aldeamentos tiveram papel importante no processo de transmissão dos interesses colonizadores. As missões cumpriam determinação da Coroa, desde a sua constituição, organização e utilização dos indígenas no desenvolvimento da estrutura colonial (Vieira, 2010, p. 11)

Figura 9 – Espacialização das Etnias indígenas no Sertão, Agreste e Leste Alagoano.



Fonte: SEPLAG, 2017; FUNAI, 2018. Organização (Lima, Oliveira e Miranda, 2019)

De acordo com os elementos do mapa, nota-se que dos oito municípios que constituem o alto sertão: Água Branca, Pariconha, Mata Grande, Delmiro Gouveia, Inhapi, Canapi, Piranhas e Olho d'água do Casado, 5 se destacam pela presença das etnias indígenas, a saber: **Geripancó, Karuazu e Katokinn** (Pariconha), **Kalankó** (Água Branca e Mata Grande), **Pankararu** (Delmiro Gouveia), e **Koiupanká** (Inhapi). Viera (2010), explica que todas essas etnias são originárias do tronco étnico Pankararu, localizado entre os municípios de Tacaratú, Petrolândia e Jatobá, no Estado de Pernambuco.

Sobre o tronco étnico Pankararu, Fernandes; Barbosa (2020) explicam que:

A árvore Pankararu, como os mesmos a concebem, tem diversos ramos espalhados e integrados, formando uma rede de povos interconectados. Essa característica vem desde o nome, não o Pankararu que consta nos documentos oficiais na FUNAI, mas o **Pancarú Geritacó Calancó Umã Tatuxi de Fulô**, como dizem os mais velhos, que guarda em si as memórias étnicas de cada povo que se uniu para formar o grupo que hoje existe (Fernandes; Barbosa, 2020, p. 187).

De acordo com os mesmos autores, os Pankararu fazem parte de uma das etnias que historicamente habitam às margens do Rio São Francisco, um rio que carrega consigo simbologia e importância na história indígena. O contato entre os Pankararu

e os invasores portugueses se “...deu através de expedições missionárias, ligada à ordem de São Felipe Néri, das quais uma foi responsável por constituir um aldeamento chamado de Brejo dos Padres, onde é hoje o município de Tacaratú, ainda no século XVII” (Fernandes; Barbosa, 2020, p. 188).

A 29 Km de Tacaratú (PE), o município de Pariconha (AL) abriga 3 etnias descendentes da ramificação Pankararu: os Geripancó, os Karuazu e os Katokinn. Desses três povos, os Geripancó foram os primeiros descendentes Pankararu a se organizarem no estado de Alagoas. Atravessando o rio Moxotó, que separa Alagoas de Pernambuco, o índio Zé Carapina e sua esposa Izabel, chegaram à região no final do século XIX, fugidos da perseguição dos colonizadores (Vieira, 2010). No alto sertão, Pariconha é o território que apresenta o maior número de etnias indígenas, sendo os Geripancó os únicos a terem as suas terras demarcadas.

Já em Água Branca (AL), a 39 Km de Tacaratú, os Kalankó que também chegaram à região no século XIX, não têm as suas terras demarcadas, eles encontram-se territorialmente dispersos e socialmente misturados no município, onde grande parte da terra tradicional passou às mãos dos fazendeiros da região. Isto se sucedeu através da venda dessas terras, resultado de pressão econômica, pela simples apropriação do grande fazendeiro a partir do casamento, do contato e convivência com sujeitos não indígenas (Herbetta, 2006, p. 66).

A esse respeito, Dantas assevera:

A “mistura”, vista como resultado do convívio dos índios com os brancos, efetuada no plano biológico e cultural, desembocaria na ideia de assimilação, na transformação do índio em não índio. O apelo à mistura, como elemento diluidor de identidades, se exacerba no decorrer da segunda metade do século. Isso tem evidentemente relação com as ideologias raciais de que se lançariam mão para explicar o Brasil, nação emergente onde brancos, negros e índios eram vistos, por muitos, como ingredientes destinados ao “cadinho racial”, mecanismo de redução do múltiplo ao uno. Essa postura encontra respaldo na larga tradição da política indigenista, que via o índio como ser destinado a deixar de sê-lo, e as aldeias como pontos de passagem nessa caminhada evolutiva. Esse dispositivo legal, interpretado do modo que convinha aos interesses regionais, fez com que a população dos aldeamentos fosse insistentemente apresentada como “misturada” e “mestiça”, o que culminaria com a negação da existência de índios (Dantas, 2024, p. 219-120).

Os Kalankó vieram para a região do alto sertão de Alagoas fugidos da perseguição dos colonizadores, que invadiam seus territórios pela atividade pecuária.

Em busca de novas terras esse povo adentrou (Feitosa, 2014) a caatinga de Januária, em Água Branca, após terem atravessado o rio Moxotó. Com o decorrer do tempo as terras ocupadas pelos Kalankó – **Serra dos Campos, Baixa da Cabra, Salina da Cuia, Serrotinho, Pedra Redonda, Batatal** – foram desapropriadas pelos coronéis, e os indígenas foram novamente qualificados como mão de obra escrava, obrigados a trabalhar nas fazendas com a criação de gado (*Ibidem*, p. 68). Apesar de não terem seus direitos reconhecidos e as suas terras demarcadas, Vieira (2010, p. 18), explica que o povo Kalankó tinha no ano de 2010 uma população de 338 pessoas, com 77 famílias, organizadas em 5 comunidades, sendo 4 no município de Água Branca (AL), a saber: Januária, Quixabeira, Lajero do Coro e Gregório e 1 em Mata Grande (AL), que é Santa Cruz do Deserto.

Herbetta, descreve a organização das 5 comunidades indígenas Kalankó:

Vivem a partir de uma lavoura de subsistência durante o inverno, que vai de abril a setembro, baseada no feijão, milho, mandioca e em algumas árvores frutíferas, como o cajuzeiro, acerola, coqueiro e o umbuzeiro, árvore bastante comum e cujo fruto é muito apreciado, puro ou com leite, quando então é chamado de umbuzada. Além de uma cultura de algodão herbáceo, comercializado nos centros urbanos mais próximos, principalmente em Delmiro Gouveia/AL. Possuem também uma pequena criação de ovinos e caprinos, que dura o ano inteiro. A carne de caça é bastante apreciada e os animais caçados preferidos são a peba (espécie de tatu) e uma espécie de lagarto. Algumas pessoas trabalham na lavoura de outros proprietários em troca de diárias miseráveis. Outros migram no verão, que vai de outubro a fevereiro (março é o mês das trovoadas) para o litoral, onde trabalham na lavoura de cana de açúcar de grandes proprietários rurais e usineiros, a maioria, políticos da região (Herbetta, 2006, p. 61).

Esse povo possui relações familiares de primeiro grau com o povo Koiupanká e Geripankó. Já com os Katokinn e Karuazu, a relação é de terceiro ou quarto grau. A partir da segunda geração que chegou de Brejo dos Padres já era possível identificar algumas relações de casamento e deslocamentos de residência, fazendo com que algumas famílias se misturassem e se dividissem entre as diferentes comunidades indígenas do alto sertão alagoano (Herbetta, 2006, p. 84).

Por esse caminho, a etnia Kalankó de Água Branca, viveu cerca de dois séculos no anonimato, confundindo-se com os sertanejos e assumindo costumes que não eram deles, como por exemplos as tradições católicas, as vestimentas e formas de produção. Durante esse longo período, eles foram obrigados a dissimular não só a identidade étnica e cultural, como as práticas religiosas originais (Vieira, 2011). Herbetta (2006, p.59) esclarece que os Kalankó se assemelham física e culturalmente

aos sertanejos da região. Atribuem-se, porém, uma identidade diferente e reconhecem sua origem indígena, marcando diferenças com outros grupos, como os sertanejos, os negros e até os sem-terra. Em julho de 1998, “reapareceram” para o município de Água Branca, afirmando uma identidade indígena e cantando o *toré* no centro da cidade.

No que se refere a nossa área de estudo, encontramos relatos que confirmam a presença indígena na Serra do Cavalão, como é o caso da entrevistada 18, que afirma:

“Minha mãe e minha vó eram daqui, eram caboclas. Quando minha vó era viva, eles vinham pra cá visitar ela direto na semana santa. O nome da minha era Helena Maria da Conceição, ela era de família de índio e caboclo”⁷.

De acordo com a entrevistada, esses indígenas vinham das “bandas” do Figueiredo e Ouricuri dos caboclos, que são comunidades pertencentes ao município de Pariconha (AL). Para a entrevistada, era comum conviver com eles durante a semana santa, e à época, mesmo sendo jovem, recorda dessas vivências pois se tornaram marcantes na vida dela. Isso reforça o fato de que a história indígena no Alto Sertão foi vivida e foi escrita. Há registros, há dados, lembranças, por mais que tenham tentado apagá-los, as memórias permanecem vivas e continuam a ser compartilhadas.

De um modo geral, a chegada dos ‘não nativos’, as migrações forçadas, os cercamentos, a negação dos costumes e da identidade étnica nos mostram um cenário de luta, disputas e enfrentamentos que modificou não só os contextos culturais e sociais da época, mas a forma de se relacionar, constituir vínculos e nomear os lugares. Em face desse cenário, acreditamos que muitos topônimos foram esquecidos, outros modificados.

Nesse sentido, procedemos uma análise considerando a origem da palavra e os seus referentes conforme apresentamos no Quadro 4. Analisamos os topônimos das 106 comunidades rurais registradas na Prefeitura de Água Branca, conseguimos identificar a procedência do nome de cada comunidade e entender quais são as origens dos referentes toponímicos que mais predominam no município.

⁷ Entrevistada 18, 46 anos.

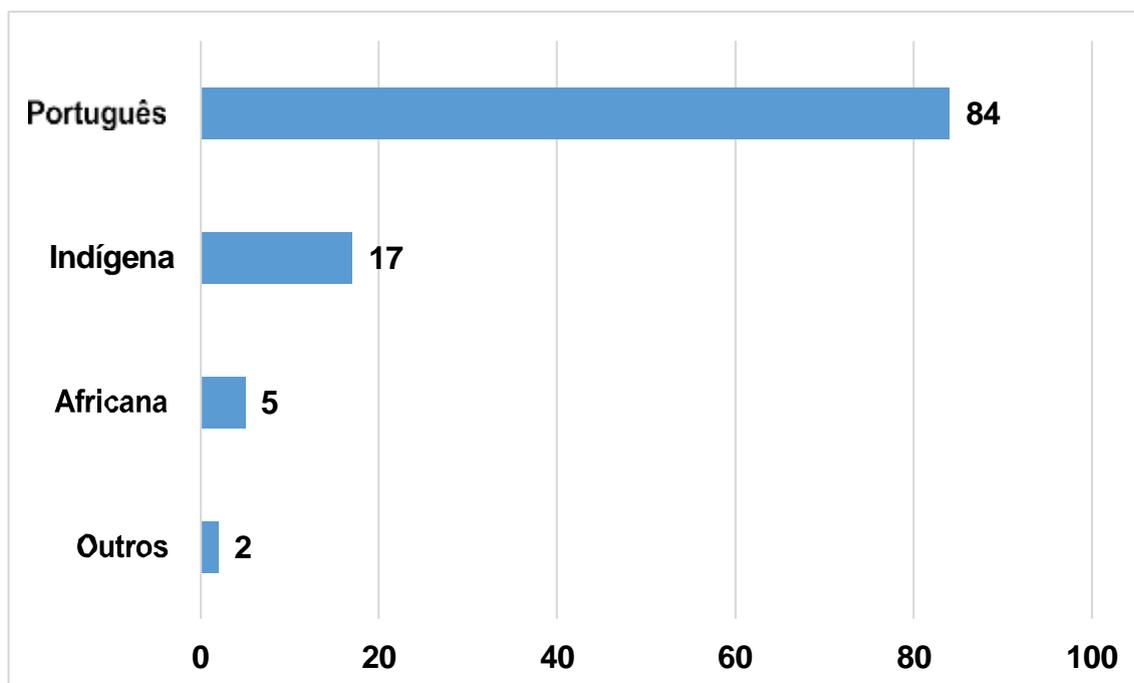
Campo Verde								
Cansanção								
Carangonhas								
Chupete								
Conceição								
Covões de Baixo								
Covões de Cima								
Estreito								
Fazenda Salgadinho								
Fazenda Santa Teresinha								
Frade								
Furna								
Gangorra								
Gregório								
Januária								
Jardim								
Lagoa das Pedras								
Lagoa do Alto								
Lagoa do Caminho								
Lagoa do Feijão								
Lagoa do Padre								
Lajeiro do Couro								
Logrador								
Malhada das Pedras								
Maria Bode								
Matinha								
Maxi								
Mercador								
Moreira de Baixo								
Moreira de Cima								
Morro Vermelho								
Mosquita								
Olho d'Água das Pedras								
Olho d'Água de Fora								
Papa Terra								
Pau Ferro								
Pedra Redonda								
Pendência								
Povoado Boi Gordo								
Povoado Laranjeira								

Povoado Margarida								
Povoado Salgadinho								
Povoado Torres								
Queimadas								
Salinas								
Saquinho								
Serra Branca								
Serra das Flores								
Serra das Viúvas								
Serra do Cavalo								
Serra do Lucas								
Serra do Paraíso								
Serra do Sítio								
Serra dos Campos								
Serra dos Vitórios								
Serra Grande								
Sítio Joana								
Sítio Olaria								
Sítio Onça								
Sítio Pião								
Sítio Preguiçoso								
Tabela								
Tabuleiro								
Três Voltas								
Valentim								
Várzea do Pico								
Batuque								
Cacimba Cercada								
Exu								
Mendengue								
Saco dos Pambus								

Fonte: Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social (2024). Organização: Juliana dos Santos Lima (2024).

Com base no quadro, observa-se que os topônimos mais ocorrentes em Água Branca são de origem Portuguesa como demonstrado no Gráfico 1, ligados aos referentes da Natureza, observados no Gráfico 2.

Gráfico 1: Número de topônimos ocorrentes no município de Água Branca-AL, segundo a Origem.



Elaboração: Juliana dos Santos Lima (2024)

Com um total de 84 topônimos, constata-se que os nomes de origem portuguesa aparecem de maneira pujante no município. Nota-se que esse quantitativo está diretamente ligado ao processo de colonização portuguesa no seio da formação do território Aguabranquense desde o século XVII. Sobre isso, Silva (2017, p. 31-33), comenta que “durante o período colonial, assim que as terras eram descobertas eram logo em seguida nomeadas, postura essa que revelava a importância em se garantir prioridade nas descobertas”. Nesse sentido, a atribuição de poder agregada aos nomes dos lugares foi e ainda é uma consequência inevitável das famílias na estruturação das sociedades (Silva, 2017). Identificamos por exemplo, as fazendas Matinha, Boqueirão, Cobra, São Bento, Paraíso e Pedra como reflexos da atribuição de poder e posse desses lugares pela família Vieira Sandes.

Verifica-se apenas 17 topônimos de origem indígena. Pelo que foi apresentado nota-se que esse povo sofreu violações e atos de violência tanto a partir dos aldeamentos quanto das migrações forçadas. Isso nos faz recordar do que outrora

menciona Seemann (2005, p. 219), ao dizer que “os nomes não são simples escolhas aleatórias, mas representações simbólicas, política e ideologicamente planejadas.”. Quer dizer que em cenários como esse, o ato de nomear é um ato de poder que é manifestado através da tomada de posse pela qualificação do lugar através do nome. A frágil ocorrência de topônimos indígenas em Água Branca é indicativa da presença predatória dos portugueses ocultando, modificando e extinguindo as histórias e as memórias dos povos originários.

Os referentes da natureza, evidentemente, são preponderantes tais como os registros de elementos da flora, como croata, mandacaru, mulungu, Ouricuri, pipoca, quixabeira, bem como da fauna, como arara, anum, craunã, tamandaré. O registro do encontro com o ‘não índio’ é observado no topônimo tingui que em tupi significa além de uma planta, ‘nariz afilado’ em referência aos colonizadores⁸.

Os Topônimos de origem Africana qualificam cinco localidades – Batuque, Cacimba Cercada, Exu, Mendengue e Saco dos Pambus. Araújo (2018) explica em seu estudo⁹, que em Água Branca, no período de 1850-888, as grandes propriedades eram resultado da reprodução natural de escravos. Joana Vieira Sandes, a baronesa de Água Branca, a exemplo, faleceu deixando “...28 escravizados¹⁰, apenas um foi adquirido por compra, quatro por herança e um como “cria da casa” e 22 provenientes das relações familiares dos escravos” (Araújo, 2018, p. 46). O topônimo Saco dos Pambús, por exemplo, nos ajuda a entender a participação dos escravizados na povoação da freguesia de Água Branca. Em 1850, no Boqueirão, morava a família de Antônio de Barros Pambú e Helena Maria: “ambos formavam uma elite abastada, eles

⁸ A essas colocações acrescenta-se que Tingui-Boto foram reconhecidos como grupo indígena em 1980 segundo relatório de resgate de identidade elaborado por Clovis Antunes (UFAL) e encaminhado à Funai nessa data. Ver Claudio L.F. Santana. Alagoas seus índios e suas terras. Recife: Funai, 1991 In: <https://pib.socioambiental.org>.

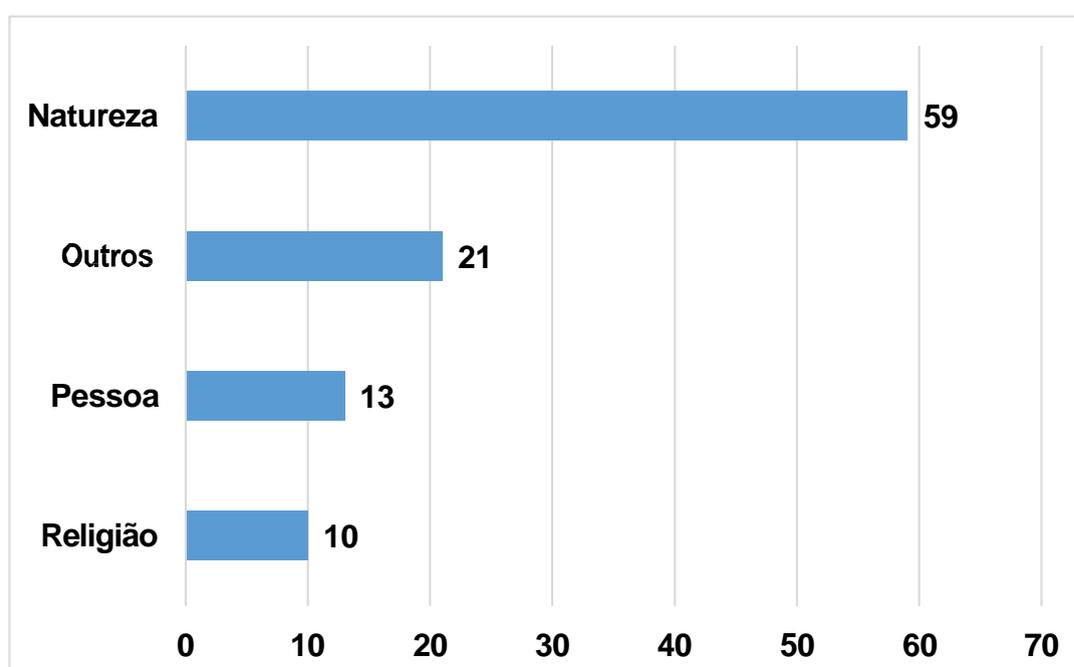
⁹ Dissertação (Mestrado em História), desenvolvida na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Título: **Família e relações de parentesco de escravizados: Água Branca/Alto Sertão da Província de Alagoas (1850-1888).**

¹⁰ Araújo (2018, p. 49) conclui em seu estudo que ao examinar a possível origem dos escravizados de Água Branca nos inventários *post mortem*, entre o período de 1837 a 1847, apenas 10/65 foram descritos como de nação Angola. Os avaliadores descreveram em maior número escravos crioulos 24/65. Sendo assim, uma década antes de 1850, a maioria da população escrava da freguesia nasceu no Brasil.

tinham escravos e uma casa que os diferenciavam dos despossuídos de terra” (*ibidem*, p.56).

Os topônimos que se incluem na categoria outros, segundo a origem, aparecem denominando dois lugares: Pendência e Povoado Margarida. No dicionário¹¹ de língua portuguesa, Pendência faz referência a algo que está em disputa, conflito ou desavença e, assim, não foi possível definir com base nisso qual o significado do nome. No que se refere ao topônimo do Povoado Margarida, não identificamos se faz referência a uma pessoa ou à flor.

Gráfico 2: Topônimos ocorrentes no município de Água Branca-AL, segundo o Referente.



Elaboração: Juliana dos Santos Lima (2024)

Com base nos topônimos das comunidades, verifica-se que a maior parte está ligada aos referentes da natureza, totalizando 59 nomes. A presença de serras, riachos, fontes, olhos d’água bem como as vivências majoritariamente atreladas ao contexto rural, nos ajudam a explicar esse contexto. Tal cenário, nos faz lembrar o que menciona Andrade; Nunes (2015, p. 167), ao explicar que os nomes dos lugares contemplam elementos ligados ao espaço geográfico, para isso, incluem em grande parte as suas ocorrências e atribuem um nome característico que é estendido por

¹¹ Dicionário de Língua Portuguesa Estraviz. Disponível em: <https://www.estraviz.org/>

aspectos toponímicos e históricos, por exemplo. A atribuição dos topônimos referentes a natureza denota, nesse sentido, a ligação de tais sujeitos com elementos que fazem parte da história do lugar, da geografia local e das suas vivências. Topônimos como Olho d'Água das Pedras, Campo Verde e Serra das Flores, deixam isso evidente.

Os topônimos referentes a pessoas aparecem nomeando 13 localidades. Esses nomes estão relacionados em sua maioria a nomes e sobrenomes de famílias, a exemplo do Povoado Conceição, Alto dos Coelhos, Salgado, Bragança, Sítio Joana, Serra do Lucas. Como vimos, as bases familiares e as alianças foram ferramentas fundamentais para a posse, domínio e manutenção de terras. Esses topônimos normalmente indicam os patriarcas ou ascendentes mais antigos de uma família.

Seguindo, os topônimos referentes a religião aparecem nomeando 10 localidades. Como já mencionado, a partir do século XVII, os missionários Capuchinos, Jesuítas, Carmelitas, Oratorianos, Franciscanos e Beneditinos habitavam o alto sertão do São Francisco e os nomes de santos certamente foram atribuídos a determinadas localidades em virtude da grande influência que a Igreja católica – pela intervenção dos missionários, exercia sobre a região e sobre aqueles que eram catequizados.

Os outros topônimos que não se encaixaram nas características definidas no Quadro 4, totalizam 21 nomes. Esses nomes estão relacionados em sua maioria a objetos inanimados, a exemplo das comunidades Caixãozinho, Gangorra e Navio. Nesse caso, nenhum dos citados fazem referência a natureza, a religião, ou a pessoas. Alguns ainda, fazem referência a substantivos simples, como por exemplo a comunidade Bradesco, Batatal e Tabela.

Com base no que foi apresentado, entende-se que os topônimos não são apenas nomes dados aos lugares, mas “...sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo” (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008, p. 278). Sobre isso, Claval (2007) explica que todos os lugares habitados têm nomes. Para ele, a toponímia é uma herança valiosa de culturas passadas e o batismo dos lugares e de tantos outros sítios, não é feito somente com o intuito dos homens se referenciar, mas significa, necessariamente, uma tomada de posse do espaço, seja simbólica ou material.

Reforçando a ideia de que as toponímias são heranças culturais, são sinais da linguagem do povo. Claval (2007, p. 189) por exemplo, explica que “nada é pior do que se encontrar só, perdido num lugar desconhecido, sem saber como retornar a um ambiente familiar”. Ou seja, nada é pior do que estar em um espaço sem referentes geográficos, sem marcas, por isso, o ato de reconhecer-se e orientar-se são procedimentos indispensáveis às relações e interações dos sujeitos com o espaço.

Reconhecer-se é memorizar imagens concretas, apreensões visíveis sobretudo (às vezes os odores ou barulhos) que permitem saber se já esteve em tal ou qual lugar. **Orientar-se** consiste em situar os lugares num espaço de referência mais amplo e mais abstrato (Claval, 2007, p. 189). Grifo nosso.

Claval (2007), todavia, esclarece que saber se orientar e se reconhecer não é suficiente, embora, esses procedimentos sejam indispensáveis a própria sobrevivência. Para ele, as toponímias se engendram enquanto elementos extremamente caros às relações com o espaço, pois são elas que farão com que as memórias do lugar sejam conservadas e as terras se tornem conhecidas. Outrossim, batizar a terra através de um nome é uma maneira do explorador se apropriar daquele espaço e qualificá-lo. Pode-se dizer então, que um topônimo nem sempre define a história do lugar, mas há sempre um lugar a ser qualificado e conhecido a partir de uma toponímia.

Os topônimos que são ditos ou escritos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de determinada localidade, dos homens e mulheres que aí nasceram, trabalharam, viveram e vivenciaram, bem como daqueles que de alguma forma receberam algum tipo de homenagem. As toponímias aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções do povo que ali habita, traduzem sentimentos diversos, qualificam os espaços e dotam de sentido os lugares (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008). O Assentamento Nossa Senhora da Conceição e Assentamento Santa Terezinha, por exemplo, dão conta de devoções do povo que ali habita, neste caso, o nome é mais que um atributo linguístico, é mais que o ato de nomear, é também uma maneira de conferir valores e significados a um lugar.

Nesse contexto, pode-se observar que as toponímias para mais que nomes atribuídos ao espaço, expressam significados que vão além do localizar-se. O nome dos lugares indica valores, histórias de vida de homens e mulheres, lutas, relações de

poder (política, cultura) e a própria identidade. Identificamos, respectivamente, Sítio Joana, Pendencia, Serra do Lucas, Alto dos Coelhos.

Ora, “nomear os lugares é impregná-los de cultura e poder” (Claval, 2007, p. 207). Os indígenas que viveram para o alto sertão por volta dos séculos (XVII e XIX), e que tiveram suas terras invadidas e tomadas, por exemplo, são um demonstrativo de como a nomeação dos lugares é também a manifestação de poder. As terras do povo Kalankó foram nomeadas como Baixa da Cabra, Salina da Cuia, Serrotinho, desapropriadas pelos coronéis e já não existem mais em documentos oficiais. Neste caso, os nomes dos lugares são “...uma expressão geográfica de uso político [...] e, portanto, são meios de legitimar o poder no espaço [...]” (Silva, 2017, p. 30-31). Se o nome dos lugares indica valores e histórias, ao perder esse tipo de referência as pessoas perdem, de alguma maneira, um pouco daquilo que elas são.

A toponímia se constitui, sobretudo, como um referente geográfico pelo qual os sujeitos se sentem ligados e/ou pertencentes à terra, a um lugar que é qualitativamente diferente de todos os outros. Um lugar que é único não tão somente pelo nome que carrega, mas pelas vivências que foram desenvolvidas neste lugar específico. Dessa maneira, quando atribuímos um nome a um lugar, “as marcas dos nomeadores tornam-se impregnadas de seus valores e visão de mundo, resultando em uma forma de identificação” (Silva, 2017, p. 168). É o caso de Lagoa do Padre, Gregório e Serra dos Vitórios.

2.2. RAÍZES E CONFIGURAÇÃO DO LUGAR SERRA DO CAVALO: “é tudo uma família só!”

“...a Serra do Cavalo é isso, é a história, coisas que ficam marcadas”¹².

Falamos de um lugar construído, que se torna uma realidade concreta pelas nossas experiências ¹³ e vivências – apropriações simbólicas – inseridas em determinado espaço (Almeida, 2019), onde coabitam dimensões culturais, materiais, experienciais e perceptivas. Por certo, um espaço se torna lugar e transforma-se “...à medida que adquire definição e significado” (Tuan, 1980, p. 151). Falamos de um lugar onde materializamos nossas particularidades - histórias, significados, memórias, falamos da comunidade rural Serra do Cavalo.

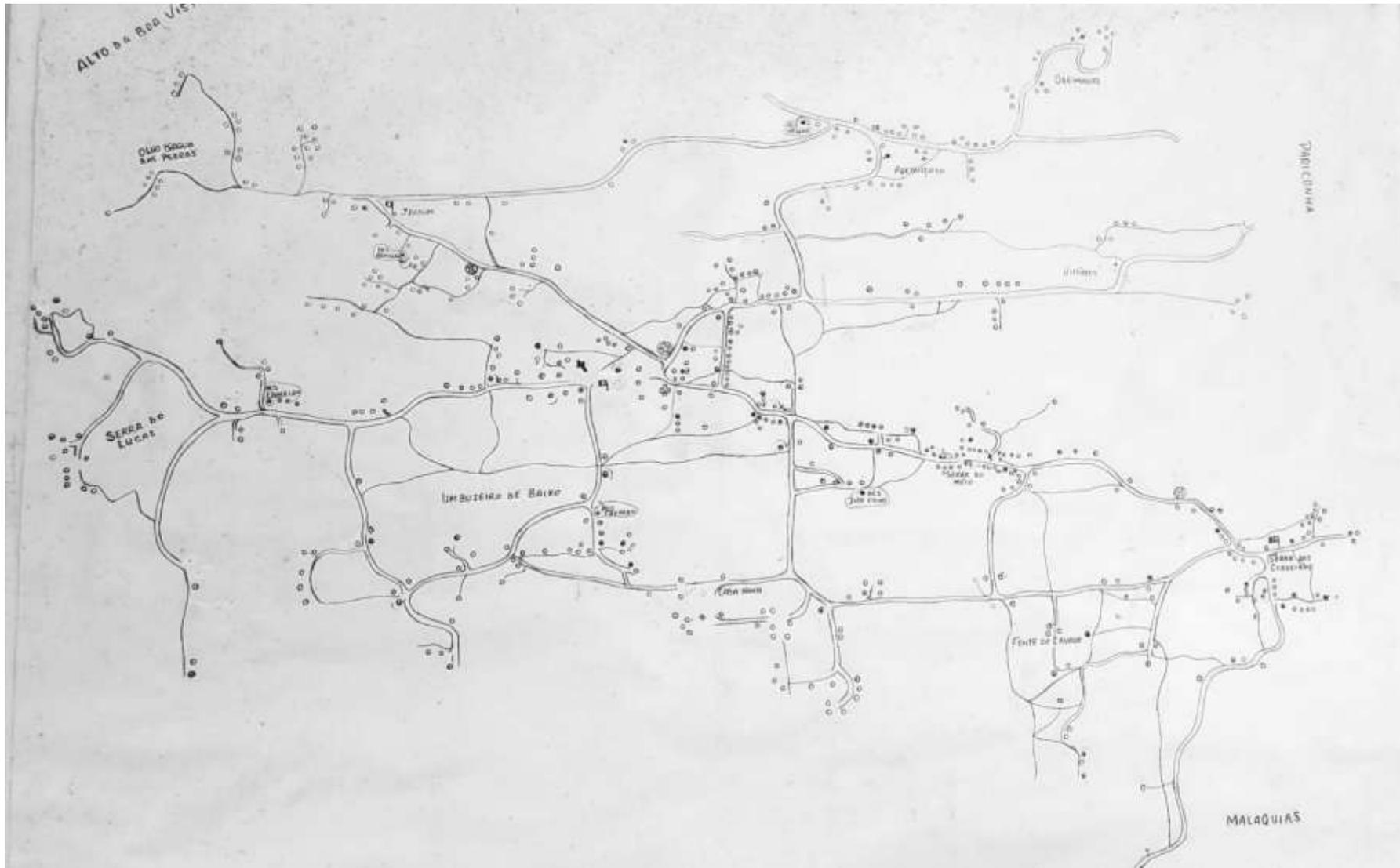
A Serra do Cavalo é, sobretudo, um lugar de vivências e de existências. É parte de uma história que já foi, que ainda é, e que ainda está sendo constituída. É um lugar que é experienciado e transformado, quem habita nesse lugar é ao mesmo tempo habitado. Este lugar do qual falamos (figura 10), repleto de histórias, memórias e vivências, está situado no brejo de altitude de Água Branca, no Alto Sertão do Estado de Alagoas, a aproximadamente 750 metros de altitude, distante 15 Km da sede municipal. Essa situação confere característica climática permitindo à comunidade um ambiente privilegiado (Lima; Silva, 2020), a despeito do contexto de semiaridez presente nas áreas de entorno. A Serra do Cavalo é privilegiada com solos férteis e um clima úmido-chuvoso constituindo uma área de exceção em face ao seu entorno.

A figura 10 é um mapa falante elaborado pelos agentes de saúde da Serra do Cavalo, com base em suas andanças e visitas de acompanhamento dos pacientes assistidos. Neste mapa, observa-se as localidades que constituem a comunidade, como também os agentes responsáveis por cada setor, situando, ainda, as localidades que constituem a Serra e algumas comunidades vizinhas, a exemplo do Alto da Boa Vista, Preguiçoso, Queimadas, Olho D’Água das Pedras, e Serra dos Vitórios.

Figura 10 – Mapa Falante da Serra do Cavalo, 2010.

¹² Entrevistada 14 - 66 anos.

¹³ Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (Tuan, 1983, p. 09).



Fonte: Posto de Saúde da Serra do Cavalo; Organização: José Filho (2010)

Segundo informações do mapeamento do Posto de Saúde realizado em 2024, a Serra do Cavalo é constituída por cerca de 515 famílias, totalizando 1.728 moradores. Destes 1.728 moradores, 875 são homens e 853 são mulheres, dispersos pelas 7 localidades da comunidade: Serra do Meio, Serra dos Cordeiros, Casa Nova, Umbuzeiro de Baixo, Umbuzeiro de Cima, Jardim e Serra do Lucas.

É importante salientar, que a comunidade Serra do Cavalo apresenta um equilíbrio tanto no que se refere ao quantitativo de homens e mulheres. Ela é formada, sobretudo, por uma população jovem com idades entre 11 e 40 anos. Por ser uma comunidade com uma faixa etária jovem representativa, tornou-se mais difícil encontrar registros e informações sobre sua geohistória.

Mesmo em face de tais condições e pelos relatos dos moradores locais, buscamos de início compreender o significado toponímico do nome Serra do Cavalo, alcançando o consenso de que ele surgiu por causa de uma fonte (figura 11).

“A Serra do Cavalo, os povos dizem, que é porque tem uma fonte e chamavam fonte do cavalo, aí ficou o nome. Toda vez que o cavalo ia beber água ia pra essa fonte”¹⁴.

“O nome Serra do Cavalo, tem a fonte do cavalo aqui embaixo nos Izídios e ficou o nome serra do cavalo”¹⁵.

Não se sabe quem era o dono desse cavalo, se era sempre o mesmo animal que ia beber água ou se haviam outros cavalos que iam beber água nessa mesma fonte, tampouco sabe-se em que época esse topônimo passou a ser utilizado. Mas sabe-se que esse nome era utilizado para identificar somente a localidade na qual a fonte do cavalo estava inserida. Essa nascente foi muito importante para os moradores antigos, pois iam buscar água no pote de barro para as suas necessidades, para lavar roupa e dar de beber às suas criações, principalmente os moradores dos arredores da fonte, que moravam na Serra dos Cordeiros.

Figura 11 – Nascente da Fonte do Cavalo: referente geográfico que origina o topônimo “Serra do Cavalo”

¹⁴ Entrevistada 14 - 66 anos.

¹⁵ Entrevistado 04 - 66 anos. Os “Izídios” são uma família que morava perto da fonte do cavalo.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Posteriormente, sem data definida, os moradores se acostumaram a nomear toda a comunidade como Serra do Cavalo. Devido ao processo de expansão da comunidade, passou-se a dividir e atribuir nome a cada localidade, até mesmo por questão de localização. Ao utilizar a nomenclatura de cada lugar ficou mais fácil de se localizar. Assim, como já mencionado, a Serra do Cavalo é composta por 7 localidades: Serra do Meio, Casa Nova, Serra dos Cordeiros, Umbuzeiro de Baixo, Umbuzeiro de Cima, Serra do Lucas e Jardim. Essa ‘divisão’ foi explicada da seguinte forma:

“...antes isso aqui era Serra do Cavalo, quando vinha carta do correio todo mundo perguntava por Serra do Cavalo, ai tem a fonte do cavalo que fica aqui embaixo, lá dentro da mata, ai hoje tá dividido [...], tem Casa Nova, Serra do Meio, Umbuzeiro de Cima, Umbuzeiro de Baixo, como se fosse São Paulo, um centro, que é divido pelos bairros”¹⁶.

O hábito de nomear toda a comunidade como Serra do Cavalo foi consolidado, mas observamos divergências quanto ao uso desse nome, pois, segundo relatos, apropriaram-se desse topônimo para que se pudesse receber benefícios e reconhecimento por parte do poder público.

*A Serra do Cavalo, pra quem não sabe, vem de longe, dos mais velhos...aqui na **Serra dos Cordeiros é a Serra do Cavalo que é de verdade e ficou pra trás**, aqui se chama Serra dos Cordeiros e o pessoal botou o nome de Serra dos Cordeiros, por causa das famílias e a Serra do Cavalo ficou geral, lá pra cima. Eu era menino de braço e me lembro que meu pai dizia que a Serra do Cavalo legítima era daquele juazeiro de Bi até aqui [...] me lembro que fui na casa de Lia*

¹⁶ Entrevistada 02 - 78 anos.

Rosa pra bater os tijolo do grupo da sala de aula que tem no Umbuzeiro, quem bateu aqueles tijolo foi meu pai, era pra fazer o grupo da Serra do Cavalo, mas teve umas coisas pra lá e carregaram os tijolos pro Umbuzeiro e fizeram lá e hoje lá é Serra do Cavalo¹⁷.

Quando o entrevistado menciona que a “**Serra dos Cordeiros é a Serra do Cavalo que é de verdade e ficou pra trás**”, nota-se no relato um tom de inconformidade e, de certa forma, de tristeza. A carta topográfica Matricial de Delmiro Gouveia (Figura 12), datada do ano de 1995, confirma o que o entrevistado falou, ao mostrar que as primeiras localidades mapeadas são respectivamente, Serra dos Cordeiros, Serra do Umbuzeiro e Jardim, e o nome Serra do Cavalo sequer aparece na Carta.

Entende-se, a partir do exposto, que o topônimo Serra do Cavalo surgiu posteriormente, já com a existência das localidades da Serra dos Cordeiros, Serra do Umbuzeiro e Jardim, por isso a menção à ‘Serra dos cordeiros como sendo a Serra do Cavalo legítima’, pois as primeiras menções ao topônimo Serra do Cavalo surgiram nas adjacências da Serra dos Cordeiros. Como já mencionado anteriormente, foi pela existência da fonte do cavalo que se passou a reconhecer todas as outras localidades como parte de um todo.

¹⁷ Entrevistado 04 – 66 anos.

Figura 12 – Carta topográfica matricial de Delmiro Gouveia (1995)



Fonte: IBGE

O 'grupo da Serra do Cavalo' mencionado pelo entrevistado, era a Escola Izidorio Rodrigues Lima (figura 13), primeira escola a ser construída na comunidade. Com base no relato, essa escola deveria ter sido construída na Serra do Cavalo legítima, ou seja, onde está localizada a atual Serra dos Cordeiros, próximo a fonte do cavalo. De acordo com o entrevistado, foi o seu pai que bateu os tijolos a serem utilizados na construção dessa sala de aula, porém, outros moradores – do Umbuzeiro de Cima – tomaram posse não só do material, como do nome Serra do Cavalo.

Figura 13 – Fachada da Escola Municipal Izidório Rodrigues Lima, em segundo plano.



Foto: Acervo de Antônia Alves (1997)

O fato de terem construído essa escola no Umbuzeiro de Cima, rendeu a ela o título de “Centro” da comunidade, pois é lá que está inserido o posto de saúde, a capela Nossa Senhora Aparecida, os mercadinhos, os bares, o campo de futebol, a padaria, a loja de material de construção e a quadra de esportes. Na maioria das vezes, quando se menciona o nome Serra do Cavalo, faz-se referência somente ao Umbuzeiro de Cima, principalmente, quando referenciada pelo poder público.

Izidório Rodrigues Lima, era um agricultor que morava na região. Segundo as entrevistas, esse homem foi pioneiro na comunidade, nasceu e se criou na Serra. Ele era dono de muitas terras, inclusive, onde foi construída a escola e o antigo posto de saúde.

*Esses terrenos tudo aqui pertencia a meu bisavô, Izidorio Rodrigues Lima, essa serra todinha é de uma família sozinha, a nossa família é um grupo só, esse Izidório é o tronco da nossa família [...] não tem pra onde correr, é tudo uma família só.*¹⁸ (grifo nosso)

Além das terras, Izidório Rodrigues Lima, era dono de uma casa de farinha comunitária utilizada pelos moradores. Cada “farinheiro” – termo utilizado para se referir ao agricultor que faz farinha, pegava uma raiz de mandioca e colocava no meio da casa de farinha para marcar a vez. Quando chegava outro farinheiro, colocava outra raiz de mandioca atrás da que já estava, e assim sucessivamente, ninguém pegava a vez de ninguém, todo mundo se respeitava. “O povo chamava a casa de farinha dos Rodrigues [...] era uma casa de farinha comunitária, não tinha dono, mas todo mundo era dono”¹⁹

Junto com Izidório Rodrigues Lima, Pedro Lima e Cesário Lima, ambos da mesma família, apareceram nos relatos como pessoas importantes à configuração do lugar Serra do Cavalo, tanto pelo pioneirismo quanto pelas relações familiares e descendência propriamente dita. Isso pôde ser comprovado pela pesquisa de campo, pois foi verificado que das 29 entrevistas realizadas, 9 entrevistados têm o sobrenome Lima e 6 têm o sobrenome Rodrigues Lima. Importante destacar, que por mais que os moradores estejam dispersos em localidades diferentes, os sobrenomes se repetem e reafirmam que na serra “é tudo uma família só”²⁰.

Cada localidade mencionada é constituída, em sua maioria, por membros da mesma família. Assim, por herança familiar, é comum encontrar mães, pais, filhos, avós, bisavós, tios, primos e irmãos ocupando o mesmo lugar de vivência. E nesse cenário de proximidade familiar, eles naturalmente constituem as suas teias de relações e desempenham as suas atividades, seja na lida com a roça, ou na religiosidade.

Os topônimos de cada localidade da Serra do Cavalo apresentam os seus contextos e significados, e tais nomes carregam consigo os traços e as memórias de seus habitantes. Pelas entrevistas, desvelamos os significados toponímicos de cinco, das sete localidades que compõem a Serra do Cavalo.

¹⁸ Entrevistada 13 – 78 anos.

¹⁹ Entrevistado 11 – 80 anos.

²⁰ Entrevistada 13 – 78 anos.

Identificamos que os topônimos Umbuzeiro de Cima e Umbuzeiro de Baixo tiveram a mesma origem. Ambos surgiram em função de uma fonte, “...o nome Umbuzeiro surgiu porque tinha uma fonte e tinha um pé de umbuzeiro, aí ficou o nome Umbuzeiro”²¹.

“Eu sou da localidade do Umbuzeiro de Baixo, moro aqui há 62 anos [...] aqui tem uma fonte histórica, e essa fonte eu creio que é centenária, e é ela que é chamada de fonte do umbuzeiro e a gente que mora aqui próximo a fonte a gente batizou, os mais velhos batizaram o local como Umbuzeiro, pra gente ser localizado dentro da Serra do Cavalo, pois a serra é bem ampla, ficou como um bairro.”²²

A fonte está localizada no Umbuzeiro de Baixo, em uma área de relevo um pouco mais rebaixado (figura 14) em relação ao Umbuzeiro de Cima, o que explica o porquê do uso dos termos “Cima” e “Baixo”.

Figura 14 – Fonte do Umbuzeiro: referente geográfico que dá origem ao topônimo da localidade



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Observamos que a nascente não se encontra em bom estado de conservação. O mato e a sujeira já estão cobrindo sua superfície e arredores. Com a instalação de cisternas de cimento em praticamente todas as residências da Serra do Cavalo, os

²¹ Entrevistada 5 – 55 anos

²² Entrevistada 6 – 62 anos

moradores locais deixaram de fazer uso da água das fontes como antigamente, exceto para a dessedentação animal de suas criações: bois, burros, cabras e bodes.

Na localidade do Umbuzeiro de Cima (figura 15), encontra-se a maior oferta de serviços. Aí, concentra quantitativo significativo da população por ser, como a Serra dos Cordeiros, uma das localidades mais antigas da comunidade Serra do Cavalão. É onde acontece a Festa da Padroeira Nossa Senhora Aparecida, um marco simbólico da comunidade.

Figura 15 – Largo da localidade Umbuzeiro de Cima: Igreja, estátua de Nossa Senhora Aparecida e fachada azul e amarela da Escola Municipal Francisco Pereira Leite.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Já o Umbuzeiro de Baixo (figura 16), pode-se observar uma localidade cuja paisagem denota uma vegetação arbórea protegendo a ravina da encosta, além de pequenas plantações e árvores frutíferas. É uma localidade que não apresenta grande contingente de moradores.

Figura 16 – Umbuzeiro de Baixo – desde vista lateral da minha casa, donde vejo o sol nascer.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Com relação ao significado toponímico da Serra do Meio, segundo informações, surgiu porque “...fica aqui no meio das outras serras, depois fizemos uma associação também e colocamos nos documentos como Serra do Meio, aí ficou com esse nome mesmo”²³.

A Serra do Meio (figura 17) faz parte do alinhamento da Serra dos Cordeiros, e, assim como Umbuzeiro de Cima, caracteriza-se por ocupação concentrada e quantitativo significativo de moradores. Nesta localidade há uma outra extensão da Escola Municipal Francisco Pereira Leite, que funciona no turno matutino e vespertino, e recebe alunos das localidades da Casa Nova, Serra do Meio e Serra dos Cordeiros.

Figura 17 – Templo a Mãe Rainha na localidade Serra do Meio

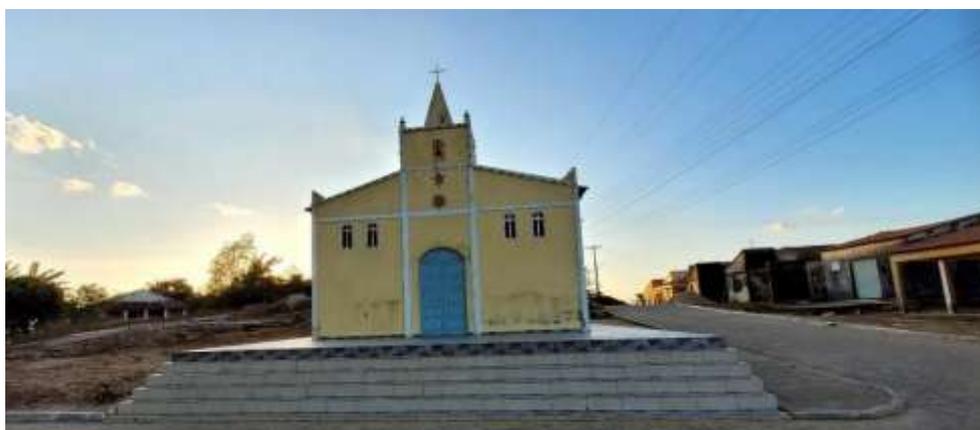


Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

²³ Entrevistada 02 – 78 anos.

O topônimo da Serra dos Cordeiros, está ligado à família Cordeiro, assim explicado:

“...aqui antigamente onde tem essas pedras, tinha uma casa de farinha do finado Zé Cordeiro, eu me lembro que nesse tempo, quando eu era novo, tinha uma casa de farinha. Aí por isso que aqui é Serra dos Cordeiros e vai morrer por Serra dos Cordeiros [...] os donos dessa serra aqui era eles, a Serra do Cavalo legítima”²⁴.

Notamos que o termo “Serra do Cavalo legítima” se repetiu, dando ênfase ao fato de que foi dali que surgiram as raízes mais antigas dos habitantes da Serra do Cavalo. Essa repetição nos mostra que há ainda mágoas e ressentimento quanto à forma como algumas coisas se sucederam, principalmente, em relação a construção da escola e a vinda de benefícios do poder público, pois segundo os moradores a Serra do Cordeiros (figura 18) é uma localidade esquecida.

Figura 18 – Panorama da localidade Serra dos Cordeiros – donde vejo o sol se pôr, e os espelhos d’água do Rio São Francisco refletirem.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

A Serra dos Cordeiros, apresenta uma grande quantidade de jovens adultos. É, também, uma localidade onde observa-se migração, principalmente de homens. Conforme citado, para o corte de cana, no litoral de Alagoas e Sergipe, para trabalhos em empresas de instalação de torres de alta tensão no Sul e Sudeste do país.

Ao buscarmos desvelar o significado do topônimo Jardim, nos deparamos com duas versões. O entrevistado 10, explicou que o nome surgiu devido à presença de

²⁴ Entrevistado 03 – 79 anos.

árvores frutíferas, e complementa dizendo que “...é porque tinha muita mangueira, muitas fruteiras, foi por causa disso”²⁵. Já a entrevistada 18, explica, que

“...o nome de Jardim que tem aqui, os mais velhos dizem que era porque antigamente a gente via muita flor, hoje não tem mais. Mas, meu pai me dizia que aqui era Jardim porque era muito florido. Aqui mesmo ao redor tinha muita flor”²⁶.

Ao visitar o local durante o desenvolvimento das entrevistas, foi possível observar a presença de mangueiras, cajueiros, bananeiras e pitombeiras. Por ser uma área de vale, é comum encontrar fontes, o que favorece a manutenção de um ambiente com vegetação verde durante todas as estações, o que nos permitiu acordar com a associação de que o lugar seja um ‘jardim’. O Jardim (figura 19) é pouco povoado, ocupado, sobretudo, por famílias mais antigas que habitam a região há muito tempo observando, inclusive, ruínas e casas desabitadas.

Figura 19 – Panorama do vale da localidade Jardim



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Não foi possível identificar o significado toponímico das localidades Casa Nova e Serra do Lucas. Sobre isso, dois pontos nos ajudam a entender essa situação. O primeiro, é que alguns moradores alegaram que ao chegar nessas localidades, eles já tinham esse nome e que nunca pensaram em averiguar o porquê de serem chamados assim, como é o caso do entrevistado 12, quando diz “...eu moro aqui na

²⁵ Entrevistado 10 – 76 anos.

²⁶ Entrevistada 18 – 46 anos.

*serra desde que nasci, há 72 anos. Aqui onde eu moro é a Casa Nova, desde que casei, aqui já era esse nome, mas não sei o porquê*²⁷.

O outro ponto a ser considerado, é que muitos moradores viviam em outras localidades, e quando se casaram e constituíram famílias, foram viver em outra, a exemplo do entrevistado 09 que é morador da Serra do Lucas, e diz “...*eu nasci na Baixa da Madeira, perto do Moxotó. Onde nós morávamos só tinha nós mesmo, e umas casinhas longe. Aqui na Serra do Lucas, tem 39 anos que eu moro com minha esposa e minha filha. O nome daqui eu não sei, quando eu cheguei aqui já tinha esse nome*”²⁸

A Casa Nova (figura 20), é povoada por duas famílias: a Família dos “Milto” e a família dos “Dezinho”. Por essa razão é comum referirem às famílias ao invés do topônimo Casa Nova. Para os moradores locais é natural usar o “lá nos Dezinho” e “lá nos Milto”, para fazer referência à Casa Nova. O sítio ocupa relevo mais elevado como mostra a figura 19, mostrando ao fundo o Planalto da Borborema, já no Estado de Pernambuco.

Figura 20: Localidade Casa Nova, situada numa das encostas da Serra do Cavalo – foto desde o terreno de minha casa defronte ao alinhamento da Serra da Borborema



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

A Serra do Lucas (figura 21), é a localidade menos povoada da comunidade Serra do Cavalo. Diferentemente das outras localidades, a Serra do Lucas apresenta

²⁷ Entrevistado 12 – 72 anos.

²⁸ Entrevistado 9 – 91 anos.

uma organização espacial diferenciada, pois as residências são bem mais distantes uma das outras, separadas por longos espaços de estradas e cercados para a criação de gado e cabras, o que traduz uma paisagem essencialmente rural.

Figura 21 – Estrada que dá acesso a Serra do Lucas – ao fundo, o azul do planalto da Borborema, que se mistura com as cores do azul que cobrem os céus: as paisagens mais bonitas são vistas daqui.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

Pelo exposto, habitar a Serra do Cavalo é habitar a um lugar com histórias, memórias, sentidos e significados. Com suas localidades, ela é conhecida pelos olhos e pelo coração, “...a Serra do Cavalo é conhecida, chegue aí em qualquer canto e diga que é da Serra do Cavalo que a pessoa vai saber de onde você é”²⁹. Ser da Serra do Cavalo é “saber de onde se é”, é ser conhecido pelo/no lugar, é viver em “um lugar de fraternidade”³⁰.

A Serra do Cavalo é um espaço de existência, pois “é onde cada um de nós relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (Relph, 2014, p. 31) e também um lugar de intimidade, “onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (Tuan, 1983, p. 152). Pelas palavras dos entrevistados, a Serra se constitui como espaço de intimidade e existência, pois, para eles:

“É onde nos abastecemos da nossa fé, temos onde cuidar da saúde, buscar educação, me sinto privilegiada em viver num lugar com tantas

²⁹ Entrevistado 3 – 79 anos.

³⁰ Entrevistado 17 – 28 anos.

*maravilhas e com pessoas boas, com tantas histórias e cultura, temos um pouquinho de cada coisa aqui*³¹.

*“É um lugar de gente trabalhadora, de pessoas que são bem receptivas, pessoas que ajudam, é um local lindo, um espetáculo da natureza, mas que as vezes a gente precisa sair, mas aqui tem muito potencial também”*³².

*“É um lugar de pessoas hospitaleiras, de pessoas unidas, eu defino esse lugar como uma grande família, aqui todo mundo ajuda quando precisa, é um lugar muito acolhedor, por todo mundo se conhecer, todo mundo se ajuda”*³³.

*“É um lugar acolhedor, e quem chegar será bem recebido, é um lugar de famílias que respeitam e que também querem respeito, porque algumas pessoas as vezes falam que a serra é muito violenta e as vezes a pessoa diz que é da Serra do Cavalo e pelo nome o povo diz que a pessoa é burra, que é um cavalo, eu mesmo já sofri muito na escola e pra falar a verdade, não é isso, né? Porque a Serra é um lugar de pessoas que se dedicam em ter seu serviço, em estudar, como você que é uma referência para a comunidade, um orgulho, que vai se tornar uma grande pessoa aqui, ter um grande legado igual seu avô, e várias outras pessoas que moram aqui que querem o melhor pra nossa comunidade. E que outras pessoas que moram aqui sintam orgulho de morar aqui e saber que tem pessoas assim que se dedicam”*³⁴

*“É o lugar onde você está mais próximo de Deus, das estrelas. Uma coisa é você vir passear, mas uma coisa é você experimentar a Serra do Cavalo. Os gostos da Serra do Cavalo. Os sabores da Serra do Cavalo. Os cheiros, os sons. É muito característico. A serra do cavalo é o lugar onde as nuvens tocam o chão. Eu gosto de falar muito isso”*³⁵

A Comunidade rural Serra do Cavalo é um espaço de existência e de intimidade porque é um lugar onde é possível abastecer a fé, alimentar a alma pelas coisas sensíveis. É um espaço de existência porquanto é onde as pessoas dão duro para sobreviver, trabalham e vão atrás de seus objetivos, das possibilidades da vida,

³¹ Entrevistada 15 – 25 anos.

³² Entrevistado 22 – 33 anos.

³³ Entrevistada 25 – 38 anos.

³⁴ Entrevistada 28 – 24 anos.

³⁵ Entrevistado 29 – 35 anos.

mesmos nas adversidades. É um lugar de intimidade, porque cada morador se relaciona com o outro de forma afetuosa, acolhedora, como uma família. É, por fim, um lugar intimidade, pois há uma relação intrínseca com a natureza e seus elementos, este lugar é conhecido não somente pelos olhos do corpo, mas também e principalmente pelos olhos do coração.

SEÇÃO III
CONVIVIALIDADES E APROPRIAÇÕES NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO
CAVALO



Eu planto porque eu gosto de comer! A minha comida preferida é feijão, farinha de mandioca e um pedacinho de carne...eu como arroz, mas não gosto muito não. É por isso que eu gosto de plantar, porque eu chego na roça e digo “obrigado Senhor por tanta coisa linda”. (Entrevistada 2)

SEÇÃO III – CONVIVIALIDADES E APROPRIAÇÕES NA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO

Nesta seção, tratamos das práticas de ruralidade e lugaridade que constituem a Serra do Cavalo e que caminham para a configuração da identidade com o lugar.

Tomamos como base a perspectiva da ruralidade enquanto um modo de vida, uma sociabilidade, uma construção social. Essas ruralidades são manifestadas pelos moradores da Serra do Cavalo, nas distintas atividades desenvolvidas e experimentadas por eles, dentre as quais destaca-se a agricultura e a utilização de ferramentas tradicionais e, conseqüentemente, a manutenção da tradição e história do lugar. Vimos na Serra do Cavalo uma comunidade com valores mútuos, histórias e modos de ser em comum. A ruralidade por exemplo, está presente na utilização de ferramentas tradicionais, que talvez pareçam “ultrapassadas”, mas na verdade são uma forma de manifestar e reforçar a cultura local, bem como preservar a memória, as identidades, a tradicionalidade, e os saberes que foram transmitidos de geração para geração, denotam a riqueza do conhecimento tradicional³⁶.

Outrossim, nos baseamos na noção de lugaridade enquanto um modo de ser-no-mundo, ou seja, uma forma pela qual os sujeitos existem e se relacionam com o espaço vivido. Na Serra do Cavalo, essas lugaridades são apresentadas pelas singularidades e pela identidade de lugar dos sujeitos, e pela maneira como cada sujeito interage e experiencia o ambiente.

3.1. DAS PRÁTICAS DE RURALIDADE: *“A vivência aqui é muito ligada à origem rural. Desde criança a gente tem essa ligação muito forte com a agricultura, né”?*³⁷

*“A serra do cavalo pra mim é cultura, é luta, é aconchego, acolhimento, é arte”*³⁸.

Como mencionado anteriormente, o lugar Serra do Cavalo está situado em um brejo de altitude, uma área de exceção, que permite uma característica climática

³⁶ A este respeito ver VELTHEM (2007) “Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre)”.

³⁷ Entrevistado 29 – 35 anos

³⁸ Entrevistada 26 – 24 anos.

diferenciada à despeito das áreas de entorno no Sertão Nordestino. De acordo com (Medeiros; Cestaro, 2019) o uso do termo Brejo de altitude foi inicialmente utilizado para designar paisagens que conseguiam quebrar a monotonia das condições físicas e ecológicas dos sertões secos, enriquecendo a produtividade agrária local.

Sobre os brejos de altitude, Ab'Saber (1999, p. 17) explica que:

Na cultura popular dos sertões é costume reconhecer-se por brejo qualquer subsetor mais úmido existente no interior do domínio semi-árido; isto é, qualquer porção de terreno dotada de maior umidade, solos de matas e filetes d'água perenes ou subperenes, onde é possível produzir quase todos os alimentos e frutas peculiares aos trópicos úmidos. Um brejo, por essa mesma razão, é sempre um enclave de tropicalidade no meio semi-árido: uma ilha de paisagens úmidas, quentes ou subquentes, com solos de matas e sinais de antigas coberturas florestais, quebrando a continuidade dos sertões revestidos de caatingas. É evidente que isso só ocorre em determinados sítios, como serras e encostas de maciços que captam a umidade de barlavento [...] (Ab'Saber, 1999, p. 17)

O autor complementa dizendo, ainda, que “os brejos são fundamentais para a produção de alimentos no domínio dos sertões [...]. Dali saem a mandioca e a farinha, o feijão [...] um sem-número de frutas [...]” (Ab'Saber, 1999, p. 20). Nessa mesma linha de raciocínio, (Andrade, 1998) acrescenta ao dizer que as áreas serranas do Nordeste se apresentam tais quais manchas úmidas no meio do sertão, onde as condições climáticas e a abundância em água, diferenciam do restante da região.

Por se enquadrar em tais características climáticas e geográficas, a comunidade Serra do Cavalo apresentou desde sua constituição a conformação de uma paisagem rural com ligação muito forte com a agricultura, com a terra, e a natureza. Nesse contexto, favorecida pelo clima ameno, frio e chuvoso e o solo fértil, a prática agrícola foi se constituindo não só como parte da cultura local, como também e, principalmente, uma forma de sobrevivência, conforme pode-se observar nos relatos a seguir:

“Aqui na serra a principal atividade de sobrevivência é a agricultura”³⁹

“Para mim e para todos que moram aqui, a agricultura é muito importante. A gente sobrevive da agricultura”⁴⁰

“A gente sobrevive da agricultura e do aposento”⁴¹

³⁹ Entrevistada 6 – 62 anos.

⁴⁰ Entrevistado 4 – 66 anos.

⁴¹ Entrevistado 9 – 91 anos.

“Aqui todo mundo vivia da roça, quando a gente queria alguma coisinha a gente ia na roça fazia arrancava uma carguinha de mandioca e vendia pra comprar as coisas da gente”⁴²

“A gente viveu da agricultura, eu ia pra roça e estudava. A vida era difícil, a gente trabalhava na roça pra ter o que comer, pra comprar coisa pra vestir, para colocar coisas dentro de casa. Quem tinha terra trabalhava nas suas terras, e quem não tinha trabalhava nas dos outros, mas todo mundo era feliz. Eu planto feijão, mandioca, milho, laranjeira, goiabeira, mamoeiro, alface, pimentão, tomate, morango, pinheira [...] aí eu já não compro.”⁴³

Observa-se que a prática agrícola esteve e ainda está presente no cotidiano dos moradores locais. Nesse sentido, somos convidados a pensar a agricultura na Serra do Cavallo sob duas óticas: enquanto uma estratégia de sobrevivência e enquanto cultura enraizada, ou seja, um segmento da identidade do lugar. Importante pontuar, que quando tratamos da agricultura enquanto estratégia de sobrevivência falamos no sentido de manter a cultura enraizada, não propriamente sobreviver dos rendimentos das atividades praticadas

Em um primeiro momento, os relatos nos ajudam a pensar a agricultura sob a perspectiva da manutenção da vida, ou seja, enquanto meio de sobrevivência. Vemos uma ruralidade que mantém uma relação íntima e direta com a natureza e seus processos reportam “as questões econômicas, sendo fruto de seu sustento, manutenção e reprodução social” (Alves, 2021, p. 31). É uma atividade que apesar de ser dura e sofrida, possibilita a manutenção das necessidades básicas de cada família, e isso faz-nos lembrar do que menciona Tuan (1980) ao dizer que para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. E o agricultor não é exceção. Sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar. Em vista disso, pode-se dizer que por mais dolorosa que seja a vida na roça, o agricultor ainda assim consegue enxergar valor naquilo que faz, pois é desse esforço que provém o sustento do lar.

De outra parte, somos convidados a pensar a agricultura local como parte da identidade do lugar, manifestada por uma ruralidade que “vai se reproduzindo além

⁴² Entrevistado 11 – 80 anos.

⁴³ Entrevistada 14 – 66 anos.

da materialidade, ou seja, de sua espacialidade física, ela incorpora os elementos imateriais na paisagem, fazendo da ruralidade um modo de vida a ser apreendido” (Alves, 2021, p. 30). Uma ruralidade que “perpassa pelo pertencimento e pelas representações dos sujeitos por meio da afetividade e do modo como desejam que tais características sejam evidenciadas” (Silva, 2020, p. 302). Dessa maneira, entende-se que a agricultura é uma prática que está enraizada e que faz parte da dinâmica do lugar, atribuindo sentido e valor a vida de quem trabalha com a terra, de quem está vinculado ao modo de vida rural.

A ruralidade é, assim, evidenciada:

“é algo que está enraizado e não tem como negar isso, eu não posso dizer que sou apenas professor, eu acredito que devido ao fato da minha família e meus ancestrais dependerem da agricultura eu acredito que ela não vai sair de mim!”⁴⁴

Ser agricultor é tão importante quanto ser professor, visto que ele não nega as suas raízes. O entrevistado reconhece e quer ser reconhecido pelo seu vínculo, sua história e suas memórias ligadas à agricultura. Desse modo, observa-se que mesmo inserido noutras dinâmicas sociais, ele vivencia uma ruralidade (Medeiros, 2017) que é resultado de ações de sujeitos que internalizaram e externalizam a sua condição sociocultural, reflexo da condição herdada de seus antepassados.

Em outros relatos a herança e a transmissão de saberes são ressaltadas, pois

“Eu planto há uns 60 anos, eu aprendi a plantar com meus pais, os pais da gente era quem ensinava”⁴⁵

“E eu preparo a terra com as mãos, tem que brocar, limpar com foice e eu planto desde que me entendi de gente, pois aprendi a plantar com meus pais”⁴⁶

“eu aprendi a plantar com meus pais, foi a profissão que ele nos ensinou”⁴⁷

“eu aprendi a plantar com meus pais e planto já tem uns 45 anos”⁴⁸

⁴⁴ Entrevistado 17 – 28 anos.

⁴⁵ Entrevistado 12 – 72 anos.

⁴⁶ Entrevistado 4 – 66 anos.

⁴⁷ Entrevistada 2 – 78 anos.

⁴⁸ Entrevistada 5 – 55 anos.

Dos pais para os filhos, a lida na roça foi perdurando na comunidade ao longo dos anos, e ainda continua sendo ensinada às novas gerações. Dentre as lavouras temporárias mais pujantes da comunidade, destacam-se, a plantação de mandioca, milho e feijão, sendo a mandioca (figura 22) a principal delas, ocupando tratos visíveis na paisagem, constituídos pelas roças e pelas casas de farinha.

Figura 22 – Mandioca no chão da casa de farinha de Lia Rosa, na Serra do Meio



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

A plantação do milho e do feijão (figura 23) é muito forte na Serra do Cavalo, embora em uma escala menor se comparada com a da mandioca. Isso se deve ao fato desse tipo de plantação ser muito dependente das condições climáticas. Em um período de seca, ou de muita chuva, por exemplo, tanto a safra do milho quanto a do feijão podem ser perdidas parcial ou por completo, diferentemente da mandioca, mais resistente às intempéries.

Outras especificidades agrícolas são mantidas na comunidade, como é o caso do feijão andú, feijão de corda, macaxeira, fava, abóbora, batata doce, cana, jerimum. Esses alimentos, diferentemente da mandioca e feijão – que quando em uma safra boa o excedente é vendido – são plantados apenas para o consumo da família, nos arredores da casa, em roças próximas.

Figura 23 – Agricultura também é afeto: Sementes crioulas de feijão e milho adornadas pelas mãos em forma de coração, na localidade Casa Nova.



Fonte: Juliana dos Santos Lima (2025)

Além dessas lavouras, os moradores da Serra do Cavalo produzem hortaliças (figura 24) e árvores frutíferas (figura 25). Foi possível registrar o plantio de tomates, cebolas, alface, pimentão, coentro, morango e, de frutíferas como mangueira, goiabeira, laranjeira comum, laranjeira cravo, acerola, seriguela, graviola, pinheira, umbuzeiro, cajueiro, limoeiro, bananeira, mamoeiro, abacateiro, pitombeira, coqueiro e cajazeira. Esses alimentos costumam ser cultivados nos arredores das casas, ou seja, nos quintais, diferentemente da mandioca, do feijão e do milho, plantados em maiores proporções e em locais um pouco mais afastado de casa.

Importante pontuar que as mulheres desempenham um papel essencial no cultivo desses alimentos, como é o caso das entrevistadas 6 e 2:

“Eu planto laranjeira, mangueira, fava, cana, milho, mandioca, macaxeira e andú. Eu planto pensando: eu tendo na roça eu já não compro! E eu como uma comida saudável e sem agrotóxico, é uma comida mais saudável. Aqui, devido à terra ser fértil eu não tenho que comprar adubo, a gente vive num lugar que tem um solo fértil, a gente tem um solo riquíssimo. Eu planto desde 2000, eu mesmo manuseio. Eu aprendi a plantar com meu pai, eu cuidava no almoço e ia ver eles trabalhando, aí eu aprendi”⁴⁹

“Tudo que se planta dá na terra. Dá banana, acerola, goiaba. Eu planto porque eu gosto de comer”⁵⁰

Concordamos com Almeida (2018, p. 351) ao externalizar que os quintais das casas são “lugares de onde as experiências e a vida acontecem. As mulheres podem deixar nele suas marcas ao perpetuarem os saberes sobre as plantas, passando-as

⁴⁹ Entrevistada 6 – 62 anos.

⁵⁰ Entrevistada 2 – 78 anos.

para novas gerações”. Como menciona a entrevistada 6, as coisas que ela planta são saudáveis, sem adição de nenhum tipo de agrotóxico, e o que planta aprendeu a plantar com seu pai, ou seja, é um saber que atravessa gerações.

A experiência da entrevistada permite identificar que tudo aquilo que ela planta vai nascer, pois o solo da comunidade é rico em nutrientes. O quintal se apresenta, nesse sentido, como um lugar de significados, onde ela não apenas exerce um papel de liderança, como participa de todas as etapas do processo da produção de alimentos (da preparação da terra à colheita), ela sabe o que está fazendo. Ela mantém uma relação de intimidade com o seu quintal. Dessa maneira, consentimos com o que pontuam Menezes; Almeida (2020, p. 248) ao dizerem que “a administração/organização do quintal está sob sua responsabilidade, assim como a tarefa de transformar os produtos do roçado ou os mantimentos em alimentos comestíveis”.

Nessa mesma linha, Almeida (2018) assinala ainda que do ponto de vista etnogeográfico os quintais, ou “fundos das casas”, constituem um lugar multiescalar, aberto, que abarca uma diversidade de combinações, dentre as quais, destacam-se a experiência individual da mulher. Entende-se, pois, que o quintal é um lugar em que a mulher é livre para manifestar as suas experiências, saberes, a sua intimidade com os ciclos da natureza e a sua delicadeza com os animais e plantas.

Figura 24 – Plantação de hortaliças no fundo do quintal, na Serra do Meio.



Foto: Juliana dos Santos Lima (2024)

Figura 25 – Pé de seriguela e plantação de banana em quintal na localidade Casa Nova.



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Com relação ao sistema de uso das terras utilizadas para o plantio, identificamos três formas na Serra do Cavalo: por herança familiar, por meia ou compradas

“As terras que eu plantava era tudo de família, tudo de herdeiro, meu pai que deixou tudo, eu ainda plantei de meio um bocado de ano”⁵¹

“As terras que a gente planta são herdadas, quando eu casei a gente não tinha terra não”⁵²

As terras herdadas normalmente são transferidas de pais para filhos. É muito comum na comunidade, os pais doarem aos seus filhos os bens que foram adquiridos ao longo da vida. Por ser um ambiente rural, os bens materiais adquiridos ao longo dos anos costumam ser as roças e os cercados, por exemplo.

No que se refere às terras de meia, os entrevistados dizem:

“Às vezes eu plantava de meia, eu tava com o meu feijão meio pouco aí eu plantei”⁵³

“A roça que eu plantava era de meia, tinha que dividir pelo meio a colheita”⁵⁴

“As terras que eu planto hoje são minhas, mas eu já plantei de ameia também...e só deixaria de plantar quando eu não puder mais, os braços não puder e as pernas não aguentar mais”⁵⁵

⁵¹ Entrevistado 10 – 76 anos.

⁵² Entrevistada 2 – 78 anos.

⁵³ Entrevistado 9 – 91 anos.

⁵⁴ Entrevistado 11 – 80 anos.

⁵⁵ Entrevistado 4 – 66 anos.

A expressão de “meia” ou de “ameia”, é utilizada para fazer referência à terra que “emprestada” ao agricultor que não têm onde plantar, ou que não tem o que plantar. Nesse ínterim, o agricultor recebe ou a terra ou as sementes, e é incumbido de produzir. Aquilo que for produzido tem que ser dividido entre ele e o dono do terreno. Plantar de meia não é uma prática vantajosa para o agricultor, pois independente da safra ser boa ou ruim ele se obriga a dividir a produção com o dono da terra.

Na Serra do Cavalo, essa prática era comum, como observado nas entrevistas. Porém, com o passar dos anos e o conseqüente enfraquecimento da atividade agrícola, muitos agricultores migraram para trabalhar fora, pois a agricultura por si só já não era tão rentável, como pode-se observar a seguir:

“Já cheguei a bater 83 sacos de feijão! Vendi um pouco e ainda guardei uns 50 sacos, aí depois fui pro Sul de Alagoas trabalhar na usina. Na época, o saco era 15 cruzeiro”.⁵⁶

“Eu saía daqui eu era quase obrigado pra ir pro Sul de Alagoas, ia pra Tacaratú a pé com meu pai, dormia no meio do caminho e bem cedinho viajava”⁵⁷.

Eu vivi aqui na roça, sempre trabalhando no inverno. E no verão eu ia pro Sul de Alagoas, cortar cana. O corte de cana é sofrido, as vezes a pessoa se reclama e outras vezes ainda fica é alegre porque ainda tem esse serviço pra gente fazer, mas é complicado, só sabe vendo, mas eu já estou acostumado, tem uns 37 anos que eu trabalho por lá. Eu tive que ir, né?⁵⁸

Pela migração, principalmente para Alagoas, muitos agricultores passaram a ter uma segunda estratégia de sobrevivência, o corte de cana. Inseridos nesse novo cenário, alguns passaram a ter um pouco mais de autonomia financeira, a comprar suas próprias terras, *“as terras que eu planto são compradas, hoje eu deixaria de plantar por causa da idade, a gente não pode plantar por toda vida”⁵⁹*. Esses agricultores passaram a não depender somente da agricultura para sobreviver, o que lhes permitiu não só superar a condição de trabalhador meeiro, como a dependência da agricultura de uma forma geral.

⁵⁶ Entrevistado 11 – 80 anos.

⁵⁷ Entrevistado 12 – 72 anos.

⁵⁸ Entrevistado 24 – 50 anos.

⁵⁹ Entrevistada 5 – 55 anos.

Ao conversarmos com os entrevistados, identificamos que independente da maneira como as terras são utilizadas, há um fio condutor que une cada contexto de modo particular. Esse fio condutor é o saber tradicional, em que plantio e a colheita das lavouras (quadro 5), são definidos pela sabedoria popular dos agricultores, transmitida de geração para geração. Pelo conhecimento adquirido ao longo dos anos, os agricultores da Serra do Cavalo demonstram que vivenciar a agricultura é também manter um estado de simbiose com a terra, é conhecer o tempo certo de plantar, de cuidar, e de esperar até colher. Nesse contexto, a terra se apresenta tal qual um membro do corpo do agricultor, ela se torna conhecida, e o “apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela” (Tuan, 1980, p. 111). A agricultura, nesse sentido, é um ato de sobrevivência, mas um ato de intimidade, apego e ancestralidade.

Quadro 6 – Ciclo produtivo das lavouras na Serra do Cavalo

Meses	Lavouras temporárias		
	Mandioca	Milho	Feijão
Abril		Preparo da terra	Preparo da terra
			Plantio
Maio		Plantio	Plantio
Junho		Chechar ⁶⁰	Chechar
Julho		Colheita do milho verde	Colheita
Agosto	Plantio	Colheita do milho seco	
	Colheita ⁶¹		
Setembro	Chechar		Colheita
Outubro	Chechar		

Fonte: Levantamento de campo, 2024. Organização: Juliana dos Santos Lima.

A plantação das lavouras temporárias observadas no quadro 5 acima, são iniciadas no mês de abril, e consistem, inicialmente na preparação da terra seguida do plantio. Para preparar a terra, os agricultores da Serra do Cavalo utilizam técnicas e ferramentas tradicionais, a saber: enxada, foice, estrovenga e arado. Importante salientar, que esse modo de vida rural faz-nos lembrar do que menciona (Silva, 2020) ao dizer os modos de vida rurais são marcados pela memória e pela permanência de

⁶⁰ O termo “Chechar” é muito utilizado pelos agricultores da comunidade. Chechar feijão, chechar mandioca, chechar o milho, e significa limpar, correr a terra.

⁶¹ Colheita 112 meses depois do plantio

estruturas tradicionais, que de certa forma atravessam séculos e gerações e resistem à força destrutiva dos tempos.

Dessa maneira, entende-se que o uso da enxada, do facão, da foice, do pilão, do tacho de barro, do arado, do caçuá, da cangalha, da estrovenga, da plantadeira de feijão, do cesto de cipó (figura 26) é uma forma de preservar a memória e a história do lugar, pois são eles elementos que constituem a identidade da comunidade que “...reconhece na sua história e no seu modo de vida, valores comunitários fortemente vinculados à permanência de suas ruralidades” (Silva, 2020, p. 301). Na figura 26, pode-se observar algumas dessas ferramentas.

Figura 26 – Utensílios tradicionais em uso: à esquerda, cesto de cipó, “caixões” com os botijões de água; à direita, caçuás, cangalha, cordas, facão e enxada



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Nas entrevistas a seguir, vemos traços desses modos de vida e a permanência das ruralidades que caracterizam os agricultores da Serra do Cavalão:

“...plantava era da última semana de abril pra primeira de maio, nós plantava milho, feijão e mandioca e de fruta a gente sempre plantava bananeira [...] antes a gente preparava a terra na enxada, aí depois estrovengava o mato, e plantava”⁶²

“Eu preparo a terra com as mãos, tem de brocar, limpar com foice.”⁶³

⁶² Entrevistado 11 – 80 anos.

⁶³ Entrevistado 4 – 66 anos.

“Pra plantar a época é abril, maio [...] antes de plantar a gente preparava o terreno com a enxada, no braço, limpando”⁶⁴.

“Antes de plantar a gente brocava os matos, alimpava e depois plantava”⁶⁵.

Os agricultores plantam no mês de abril porque é o mês em que se inicia o período das chuvas de inverno. Durante esse período, eles começam a limpar o terreno com a enxada, foice e estrovenga. Posterior a limpeza do solo, toda matéria orgânica é acumulada em pequenos montes (as coivaras), que são queimadas. Depois de queimar as coivaras, e deixar o terreno limpo, a terra geralmente é arada, embora esse procedimento não seja unânime para todos os agricultores, pois nem todos dispõem das ferramentas necessárias.

A aração consiste no corte da superfície do solo e tem o objetivo de deixa-lo mais macio. Isso facilita o trabalho do agricultor, que terá um solo menos duro para cavar e plantar as sementes. Por ser uma ferramenta toda constituída por ferro, ela é muito pesada, e exige a ajuda da tração animal para poder sustentar o peso e, para isso, utiliza-se bois ou burros. Na frente os animais puxam o arado (figura 27) e atrás, o agricultor vai manobrando pelo percurso desejado.

Figura 27 – Arado manual utilizado pelos agricultores para cortar e virar terra



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2025

⁶⁴ Entrevistado 12 – 72 anos.

⁶⁵ Entrevistado 9 – 91 anos.

No final do mês de abril e começo do mês de maio, o agricultor começa a plantar as sementes de milho e feijão. No começo do mês de maio, os agricultores ainda seguem plantando, o tempo de plantio depende muito da quantidade de chuva que cai. Em junho, dependendo das condições climáticas, o agricultor se desloca para a roça para poder realizar a checha. O período de chechar é de suma importância, pois ajuda o feijão e o milho a se desenvolver melhor e mais rapidamente.

Após alguns meses, o agricultor já consegue colher o milho, e isso geralmente acontece três meses após o plantio, ou seja, no mês de julho. Um mês depois, em agosto, colhe-se o milho mais seco, este é guardado (figura 28) em garrafas pet ou em vasos de alumínio, para ser plantado no seguinte. Quando a safra é boa, ambos são vendidos nas feiras livres, como por exemplo, na feira de Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha, ou até mesmo na comunidade.

Figura 28 – Quem planta, colhe: sementes crioulas de milho e feijão acondicionadas para o próximo plantio – localidade Casa Nova



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2025

Depois de plantado (figura 29), o feijão requer um pouco mais de tempo até ser colhido na roça. Em geral, arranca-se o feijão nos meses de agosto e setembro. Ele é arrancado quando seco, e exige um pouco mais de cuidado. Se chover muito, ele fica amarelado, as folhas queimam e o resultado é uma safra abaixo do esperado. Na ausência da chuva e com um tempo muito quente e ensolarado, ele não floresce, nem tampouco dá a semente, o que conseqüentemente acarreta uma safra ruim.

Figura 29 – Agricultor no roçado de feijão com plantadeira manual: o aspecto escuro do solo é matéria orgânica resultado coivara.



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2025

A mandioca, por sua vez, só começa a ser plantada no segundo semestre do ano, no mês de agosto. Diferentemente do milho e do feijão, a mandioca só é colhida 12 meses ou mais. Por ser um tubérculo (raiz), a sua parte comestível desenvolve-se embaixo da terra, necessitando de um período maior de maturação. Plantada no mês de agosto, ela é chechada (figura 30) nos meses de setembro ou outubro, mas só será arrancada a partir de agosto do ano seguinte.

Durante o mês de setembro, após a colheita do milho e do feijão, e após o plantio da mandioca, os homens agricultores migram para o corte de cana no Sul de Alagoas ou no Estado Sergipe, e deixam as lavouras sob os cuidados das suas esposas. Nesse período, as mulheres vão pra roça, checham a mandioca e, também, colhem o feijão. Na ausência de seus maridos, é necessário que elas assumam responsabilidades exteriores ao lar, à família, aos quintais. São elas que vão para a roça, arrancam o feijão, batem e trazem para casa. Algumas vezes, unem-se com outras mulheres, e se ajudam entre si. No processo de chechar a mandioca elas fazem a mesma coisa, unem-se novamente em um processo de amizade, companheirismo e respeito. Após aproximadamente 6 meses (setembro – março), os agricultores retornam novamente a comunidade e retomam as suas atividades.

Figura 30 – Localidade Casa Nova: agricultora checha plantação de mandioca; em segundo plano, pés de laranjeira cravo, abacateiro, mangueira, limoeiro e, ao fundo, a Serra de Tibão.



Foto: Juliana dos Santos Lima

Após 12 meses, a mandioca já pode ser arrancada. Dela, aproveita-se quase tudo. A raiz é ralada (figura 31) e utilizada para fazer a farinha e para extrair a tapioca. Já o caule é utilizado para fazer novos replantios.

Figura 31 – Casa de farinha: lugar de história e cultura. Raízes de mandioca raspada sendo raladas. Motor inserido na tradicional casa de farinha de Lia Rosa na Localidade Serra do Meio



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2025

Depois de ralada, a raiz de mandioca é colocada em uma prensa (figura 32) que pressiona as camadas da massa encharcada e retira o excesso de água.

Figura 32 – Prensa de ferro ainda em uso para prensar a massa de mandioca ralada na casa de farinha de Lia Rosa – Localidade Serra do Meio



Foto: Juliana dos Santos Lima, 2024

A essa água dá-se o nome de “manipueira” que de acordo com Ferreira et al (2001, p. 5) é a “água de constituição da raiz ou do suco celular, misturada às águas de lavagem das raízes, que é gerada no momento da prensagem da massa ralada para a confecção da farinha”. Com base na EMBRAPA (2011) – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, essa água contém ácido cianídrico, um composto venenoso e nocivo à alimentação humana e animal. Nesse contexto, o processo de extração desse líquido é uma fase indispensável e importante no processo de fabricação da farinha. Após ser prensada, a massa da mandioca é peneirada e já começa a apresentar o aspecto fino da farinha, porém, ainda não está própria para o consumo. É no forno (figura 33) que ela passa pela fase final, mexe-se com um rodo de madeira até que ela fique seca, em um processo cansativo e repetitivo.

Figura 33– Forno de cimento utilizado para secar a massa – é abastecido com lenha de catigueira, juremeira e angico, que são colocadas embaixo do forno.



Foto: Juliana dos Santos Lima (2024)

Segundo o mapeamento realizado por Santos (2018) na Serra do Cavalo há um total de 28 casas de farinha, porém, nem todas estão ativas. Dentre estas, destacamos a casa de farinha de Dona Lia Rosa (figura 34), a casa de farinha do seu Lalo (figura 35), de Dona Liete (figura 36) e a da família Moreira (figura 37), que foram visitadas durante o campo.

Figura 34 – Fachada da Casa de Farinha de Dona Lia Rosa – Serra do Meio



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Figura 35 – Fachada da Casa de Farinha de seu Lalo – Umbuzeiro de Baixo



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Figura 36 – Fachada da Casa de Farinha de Dona Liete – Serra do Meio



Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Figura 37 – Fachada da Casa de Farinha da família Moreira – “Lá nos Izídios”, da Serra dos Cordeiros, próximo à Fonte do Cavallo.

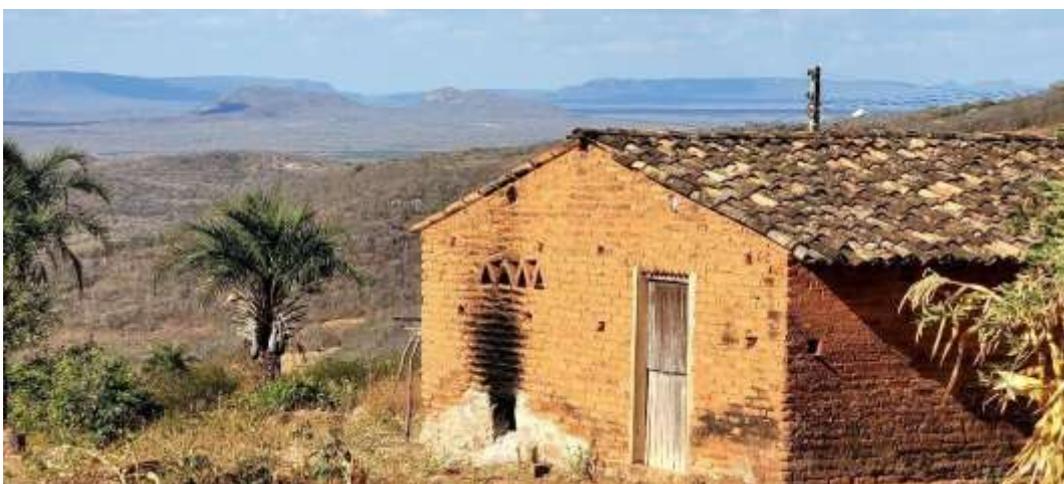


Foto: Juliana dos Santos Lima (2025)

Observando as 4 casas de farinha, percebemos que elas seguem um mesmo padrão arquitetônico, com telhado em duas águas, chamado de cangalha. Se olharmos bem, com exceção da casa de farinha de Dona Liete, todas as outras são feitas com tijolos de barro vermelho batido, uma característica muito marcante nas casas de farinha da Comunidade. Isso se deve ao fato de os tijolos de barro serem produzidos com argila da Serra, pelas mãos dos moradores e pedreiros locais.

A fachada das 4 casas de farinha apresenta uma mancha escura, que é resultado da queima da lenha no forno. A fumaça liberada deixa marcas nas paredes. Há uma pequena cavidade na parte inferior, já próximo ao chão, onde se coloca a madeira que alimenta o forno em que se prepara a farinha.

Na Serra do Cavalo, vimos que há um vínculo forte com essas práticas não apenas por ser uma herança de gerações, mas por serem e fazerem parte da identidade e da constituição do lugar. Dessa maneira, (Silva; Lima-Payayá, 2024, p. 84) externam que “a maneira como a farinhada e todo saber-fazer envolve a Geograficidade ancestral se mostra em todas as etapas do plantio e da colheita, dos períodos de manejo e de preparação”. As autoras complementam dizendo que a farinhada “...é um fenômeno cultural, identitário e geográfico” (Silva; Lima-Payayá, 2024, p. 85). Dessa maneira, entende-se que do roçado de mandioca à casa de farinha constitui-se uma configuração especial do lugar Serra do Cavalo, assim como pontuou Tuan (1983, p. 153, *op.cit.*) “a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas aconchegantes”.

Nesse sentido, acordamos com Mendes (2019) ao afirmar “a aproximação instigante entre a memória social e o lugar, como categoria de análise da Geografia”⁶⁶. Ser da Serra do Cavalo é ir para roça, é arrancar feijão é arrancar mandioca de manhã, no frio, e ir fazer nas casas de farinhas, dentre ela a de Lia Rosa. É plantar bananeira, laranja e seriguela. É separar e guardar sementes todos os anos para poder plantar no ano seguinte. É colher milho verde e assar no fogo de carvão. É viver intimamente ligado aos ciclos da natureza, e conhecer profundamente cada um deles como a palma da mão. Acrescenta-se ainda a importância da mulher em todo o ciclo, reconhecido pela comunidade e registrado em estudos da Embrapa e de outras áreas⁶⁷.

Essa intimidade pode ser comprovada e reafirmada nos depoimentos coletados. As lembranças e memórias mais marcantes de suas vivências na comunidade estão associadas à agricultura e, portanto, às ruralidades:

⁶⁶ In: Como as casas de farinha constroem identidades? <https://www.uesb.br/noticias/como-as-casas-de-farinha-contribuem-para-construcao-de-identidades/16.08.2019>. A esse respeito, ver MENDES; SILVA (2019). Aqui sinalizamos como mais um caminho de estudos sobre a Serra do Cavalo.

⁶⁷ Além das referências da Embrapa, ver também do chef Alex Atala “Mandioca - Manihot utilíssima pohl. São Paulo: Ed. Alaude, 2021.

“De memórias que marcam bastante, a primeira é a questão da agricultura, por exemplo são relações que não estão ligadas por relações capitalistas, por exemplo, eu experimentei muito isso no mutirão de roça, onde dez famílias se organizam e vão trabalhar naquela propriedade, daquela família. Vão fazer aquele serviço e no dia seguinte vão pra outra família e eu acompanhava, né? Quando meu pai ia, meu irmão, eu ia ficar vendo a alegria do povo, a conversa. Então, por exemplo, no cultivo do feijão, né? O batalhão ia lá fazer aquela roça, plantava o feijão, plantava o milho. Aí no outro dia ia para outra propriedade. Ou seja, são relações que não são capitalistas São relações que se dão a partir do convívio, da amizade. Apesar de não serem, muitos não são parentes, mas tem o companheirismo dessas famílias. A bata de feijão, por exemplo quando vai colher o feijão também se chama de mutirão. Então eu via muito isso, a troca das pessoas, as conversas das pessoas. Então, assim, isso é cultural. Isso é nosso aqui. Eu não consigo, eu não sei, posso estar totalmente errado, mas eu não percebo em outras comunidades isso aqui. Por exemplo, no cultivo da mandioca, no preparo da farinha de mandioca, aquelas mulheres se reúnem ali para raspar a mandioca. E aí tem o preparo da massa, fazem a farinha toda, muitas vezes com a ajuda de vizinhos, de colegas e vão ajudar, sem esperar nada em troca, então não são relações capitalistas, não é o capital que está dizendo, vai que eu vou lhe pagar, não, então eu tenho muito isso nessa questão dessa comunidade ser unida nesse sentido.”⁶⁸

“Eu participei muito de atividades envolvendo a agricultura, como por exemplo, fazer farinha. Então eu me recordo muito desses momentos lá, era bem trabalhoso, mas tinha uma cultura muito forte, as conversas, a forma de conduzir os trabalhos, voltar cansado pra casa, essas lembranças são bem fortes e significativas. Elas se tornaram marcantes porque era algo que tinha uma certa rotina, e porque elas fazem a gente lembrar de pessoas que hoje já não estão presentes com a gente”.⁶⁹

De um modo geral, as ruralidades da Serra do Cavalo denotam os modos de ser, mas, sobretudo, os modos de existir e de pertencer que “possibilitam a manutenção e preservação da história e de uma herança cultural” (Silva, 2020, p. 308)

que cada um desses sujeitos constituiu. As memórias ligadas à agricultura indicam um senso de pertencimento, e vivências que sem dúvidas marcaram a vida dos entrevistados, não apenas pela dificuldade do trabalho manual na roça, mas por aquilo que esse trabalho proporcionava desde as conversas, as trocas e a convivialidade com seus entes queridos (familiares e amigos), como nota-se na segunda entrevista.

No primeiro relato, observa-se como a participação nos mutirões na roça foi marcante para o entrevistado. Quando ele diz “isso é nosso, aqui”, quer dizer que os significados e os sentidos são únicos porque foram vivenciados na Serra do Cavalo.

⁶⁸ Entrevistado 29 – 35 anos.

⁶⁹ Entrevistado 22 – 33 anos.

Com base nisso, percebe-se que esse sentimento de comunidade, de cuidado e de participação em mutirões (batalhão conforme expressado) é algo cultural da Serra. Esses fazeres da cultura das comunidades da Serra do Cavalo conduzem a identificação com este lugar, diferenciando-o pelas relações sociais e pelas memórias que guardam.

3.2. IDENTIDADES E LUGARIDADES: SINGULARIDADES DA SERRA DO CAVALO

“Eu gosto daqui. Minha identidade é daqui. Minha formação é aqui”⁷⁰

Entende-se que assim como a constituição do lugar depende da experiência humana, a identidade com o lugar carece da significação e da interação com o espaço vivido. Como coloca Sasaki (2010),

A identidade de lugar é configurada através de uma combinação de observação e contato com o lugar, o qual representa um centro de significados. A identidade e significado do lugar são configurados através da intenção humana e da relação com o cenário físico e atividades ali desenvolvidas (Sasaki, 2010, p. 117).

Assim, identificar-se com um lugar, é sobretudo, identificar-se com aquilo que o lugar possibilita sentir e perceber. Dessa maneira, a identidade se associa (Sasaki, 2010) ao lugar, pois é o lugar a base da existência humana, onde se mantém uma relação profunda com o mundo de significados, é onde desenvolvemos as nossas lugaridades, os nossos modos de ser (Marandola Jr, 2020).

Nessa linha, Proshansky; Fabian; Kaminoff, trazem que a noção de identidade de/com o lugar é:

Uma subestrutura da autoidentidade da pessoa, consistindo, de forma ampla, em cognições sobre o mundo físico no qual o indivíduo vive. Essas cognições representam memórias, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências significados e concepções de comportamento e **experiência** que se relacionam com a variedade e complexidade dos ambientes físicos que definem a existência de cada ser humano (Proshansky; Fabian; Kaminoff, 1983, p. 59). Grifo nosso.

⁷⁰ Entrevistado 29 – 35 anos

Conforme os autores, dessas experiências – boas e más – emergem valores, atitudes, sentimentos e crenças particulares sobre o mundo físico. Assim, a percepção daquilo que é bom, ruim, aceitável, corrobora para integrar e constituir a identidade do lugar. Esses autores (1983, p. 59-60) salientam que há dois pontos que precisam ser levados em consideração: Primeiro, “o indivíduo faz mais do que experimentar e registrar o ambiente físico. As necessidades e desejos das pessoas podem ser gratificados em graus variados”. Dessa maneira, entende-se que cada sujeitos tem as suas necessidades correspondidas de modo particular, mesmo vivendo em um mesmo ambiente. Além disso, mais do que experimentar e registrar o mundo físico, o sujeito desenvolve valores de mundo totalmente distintos. Segundo “o que é verdadeiro para sua autoidentidade também é geralmente verdadeiro para sua subestrutura, a identidade de lugar. Outras pessoas são importantes na formação da identidade de lugar da pessoa”. Repetimos,

“eu aprendi a plantar com meus pais, foi a profissão que ele nos ensinou” (entrevistada 2, 78 anos)

Por esse caminho, compreende-se que aquilo que o sujeito toma como verdadeiro, as percepções que ele tem sobre si mesmo e sobre o mundo, atua no processo de identificação com lugar. Ademais, o que outras pessoas fazem e dizem, ou julgam como certo e errado, bom e ruim, interfere nesse contexto, pois segundo os autores, a identidade de lugar é uma função conjunta com o outro, pois se a “questão da identidade diz sobre a correspondência entre a maneira como eu me vejo e como o outro me vê, ela não é uma construção puramente individual, mas também coletiva e situada – no espaço e no tempo” (Olekszechen, 2016, p. 47).

Consoante Proshansky; Fabian; Kaminoff, a identidade de lugar enquanto uma subestrutura cognitiva da autoidentidade, consiste em:

...uma infinidade de cognições relacionadas ao passado, presente e ambientes físicos antecipados que definem e circunscrevem a existência cotidiana da pessoa. Mas também existe o processo pelo qual a experiência de um ambiente físico passa do estágio de ‘agora acontecendo’ para o estágio de ‘sendo lembrado’. Nós não apenas experimentamos as realidades físicas, por exemplo, do bairro particular que crescemos, mas também os significados sociais e crenças a ele associados por aqueles que vivem fora dele. Todas essas ‘cognições’ definem a identidade de lugar da pessoa (Proshansky; Fabian; Kaminoff, 1983, p. 62)

Nota-se em Mourão; Cavalcante (2011) uma concepção de identidade de lugar similar à de Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983). Para essas autoras, a identidade de lugar é entendida como uma subestrutura da identidade pessoal, que é construída a partir da interação do indivíduo com seu entorno físico e social. Segundo elas, a construção da identidade de lugar está diretamente relacionada a “percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos significativos para o sujeito” (Mourão; Cavalcante, 2011, p. 208). O lugar no qual cada sujeito nasce, vive, ou viveu, torna-se importante e indispensável para a construção de referenciais para a constituição da identidade ao longo da sua existência (Mourão; Cavalcante, 2011).

Por esse caminho, comungamos com as colocações de Souza (2017) de que a identidade está intimamente ligada ao pertencimento. Esse pertencimento “cria afetos, laços com espaço apropriado. A identidade é, portanto, uma construção [...]”, que é constituída a partir “de espaços de pertencimento e vivência, envolvendo tempo de exposição ao lugar e possibilidade de transformá-la em busca de satisfação” (Mourão; Cavalcante, 2011, 215). Para Macêdo; Neves (2016) por exemplo:

O sentimento de pertencimento aparece como uma subcategoria da identidade do sujeito, relacionando o sujeito a um ambiente importante para ele. Diante disto, existe um conjunto de percepções cognitivas, vinculação emocional e pertencimento que a pessoa sente relacionado ao ambiente. Assim, o sentimento de pertença configura-se como uma sensação de fazer parte, de conexão com aquele lugar. É estar integrado a ele. Desse modo, esse sentimento permite a apropriação da identidade de lugar, pois colabora para a existência desse processo (Macêdo; Neves, 2016, p. 749).

À vista disso, entende-se que o lugar e a identidade estão ligados do ponto de vista da referência, ou seja, – do sentir-se identificado com o lugar – mas estão ligados na perspectiva da experiência, da vivência e do pertencimento. A identidade de lugar é a extensão da identidade pessoal e é a forma como o sujeito se reconhece no espaço vivido. O sujeito é aquilo que o lugar possibilita que ele seja⁷¹. A identidade de lugar, nesse ínterim, é constituída pela conexão, pela pertença, convivência e julgamento. Ela não é e nem poderia ser algo dado, cristalizado, pois sendo fruto da experiência e das mais complexas cognições, o seu desenrolar é particular a cada

⁷¹ É o lugar como centro de significações e significados (Tuan, 1983)

sujeito. Ninguém interpreta da mesma forma: nem uma paisagem, nem uma situação, nem um ambiente.

Tais colocações podem ser reforçadas nos depoimentos em resposta à nossa colocação: *“Há alguma atividade/prática que só tenha sentido se for feita aqui”?* pois, mesmo compartilhando do mesmo *lócus* de vivência, as colocações variaram indicando que as identidades do lugar são constituídas de maneiras e modos distintos, como vê-se a seguir:

“Uma coisa que só tem sentido se for feito aqui é o bejú, eu gosto muito de bejú, se eu tiver em outro canto e tiver uma pessoa fazendo e eu comer não é a mesma coisa, só tem sentido se for feito aqui”⁷²

Para esse entrevistado, a especificidade do lugar está numa prática muito recorrente na comunidade, que é a produção do bejú ou beijú. Nota-se que o que define o sabor do alimento não é a pessoa ou a matéria prima utilizada, mas o saber fazer da Serra do Cavalo. O sentido de pertença, nesse caso, é muito forte, e não diz respeito apenas ao alimento do corpo, mas a um alimento que fornece sentido à sua existência naquele lugar, que preenche suas necessidades biológicas bem como as suas necessidades afetivas.

Para outro entrevistado,

“Uma coisa que só tem sentido se for aqui é a cultura, tipo o reisado, eu só lembro daqui, nasci e vi ele aqui”⁷³

Para ele, a singularidade e a identidade do lugar Serra do Cavalo estão ligadas à manifestação popular do Reisado. Embora ele não tenha participado do Reisado, o fato de vê-lo neste lugar e de partilhá-lo com outras pessoas tornou essa manifestação uma particularidade única, que só tem sentido e valor se for vivenciado, experimentado e percebido aqui. Isso nos faz lembrar de Souza (2017) ao mencionar que a “identidade é um processo sempre dialógico com a história, com a cultura [...] a identidade surge do sentimento de partilha”. Outrossim, a fala do entrevistado enfatiza um elemento importante: a memória. Sendo dessa forma, concordamos com (Macêdo; Neves, 2016) ao explicarem que é através da memória que se tem a possibilidade de se conectar e de se sentir pertencido ao lugar, pois é ela que permite as recordações

⁷² Entrevistado 17 – 28 anos.

⁷³ Entrevistado 19 – 39 anos.

do passado. É através da lembrança que o sujeito pode manter vivo um vínculo com um lugar importante para ele. Entende-se, pois, que as memórias do entrevistado testemunham apego e afeto.

Observa-se, também, o sentimento de pertença como uma atividade/prática distinta das demais:

“O que só tem sentido pra mim aqui é que a gente faz um mutirão e pinta as igrejas, é diferente se a gente fizer isso em Água Branca, aqui tem um gosto diferente, é o lugar da gente”⁷⁴.

A particularidade do lugar, neste caso, está relacionada à participação comunitária, as relações e vivências com pessoas das comunidades, a integração e o sentimento de fazer parte de um todo. Reunir-se em mutirão para pintar as igrejas é, sobretudo, um ato de amor e afetividade. Por esse caminho, entende-se que na formação da identidade de lugar os “outros são importantes” como bem menciona Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983). Assim, pode-se dizer que a identidade de lugar, nesse contexto, vai sendo construída a partir da interação coletiva, onde o ‘outro’ tem uma função essencial, e a união de cada um dá sentido à totalidade do lugar, que por sua vez, só existe pela “partilha de experiências entre seres humanos [...] da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum” (Holzer, 1999, p. 23).

“O que só tem sentido pra mim é o dormir, se eu tiver em outro local sem ser a Serra eu não durmo, dormir na casa dos outros é o derradeiro bocado [...] se você dormir no chão da sua casa é melhor que dormir na cama boa dos outros”⁷⁵.

O relato dessa entrevistada faz-nos recordar do que menciona (Macêdo; Neves, 2016, p. 748) ao explicarem que “existe uma relação direta entre o relacionamento do sujeito com o ambiente e a satisfação das suas demandas sociais (necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais)”. Nesse caso, há uma interferência direta nas necessidades biológicas da entrevistada, visto que o sono é comprometido sempre que fora da Serra do Cavalo. Esse contexto, nos remete ao que menciona Tuan (1983) sobre as experiências íntimas com o lugar. Ele diz:

Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde as nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem

⁷⁴ Entrevistado 23 – 31 anos.

⁷⁵ Entrevistada 14 – 66 anos.

atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância. Como adultos, após um dia extenuante de trabalho nos afundamos alegremente na poltrona e nos relaxamos na sua concavidade acolhedora enquanto assistimos pela televisão a notícias [...]. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas aconchegantes (Tuan, 1983, p.152-153).

Segundo a entrevistada acima, sua casa é sinônimo de aconchego. A singularidade do lugar Serra do Cavalo está presente no ato de dormir em sua cama, no seu lar, revelando a intimidade que ela tem com o lugar em que vive. Ao mencionar que *“dormir no chão da sua casa é melhor que dormir na cama boa dos outros”*, percebe-se o sentimento profundo pelo lar, que é para a entrevistada uma parte dela. O lar assume uma posição importante e é um ponto de referência central em sua existência. Em outras palavras, Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983) dizem que os indivíduos, de fato, definem quem e o que são pelos laços afetivos fortes com a casa, o lar e o/ou a comunidade.

Com efeito, *“Pra mim, o sossego só tem sentido se for vivido aqui”*⁷⁶, traduz que a paz e o sossego, são elementos que só têm sentido se forem vivenciados aqui. Isso quer dizer, que essa pausa e sossego “permite que uma localidade se torne centro de reconhecido valor” (Tuan, 1983, p. 153). A pausa, a parada, os momentos íntimos contribuem para a intensidade do sentimento de lugar, pois “os acontecimentos simples com o tempo se transformam em um sentimento profundo pelo lugar”. Assim, o simples ato de relaxar, de ficar sossegado, observar as paisagens, sentir o vento bater na pele, ouvir os pássaros cantar, estar ali, naquele momento, faz o momento e o lugar se tornarem únicos.

Reforçamos, cada sujeito identifica-se com o lugar e ressalta características singulares, conforme suas vivências. Mesmo convivendo na mesma comunidade, as percepções, as experiências e as formas de se relacionar com o ambiente é distinta. Destarte, concordamos com Ponte; Bomfim; Pascual (2009) ao dizerem que a identidade de lugar se diferencia e se molda de maneira complexa, de acordo com as interações humanas e a construção semiótica possibilitada em cada um dos encontros, assim, nem sempre é possível estabelecer uma única forma de identificar-se com o lugar.

⁷⁶ Entrevistada 20 – 28 anos.

Por esse caminho, comungamos com Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983, p. 66) ao explicarem que “como qualquer sistema cognitivo, a identidade de lugar influencia o que cada um de nós vê, pense e sente em nossas transações, situação a situação com o mundo físico”. Ou seja, cada sujeito manifesta a sua identidade de lugar com base naquilo que ele sente e percebe, bem como pelas relações e interações que ele desenvolve com o lugar vivido, pois cada sujeito se apropria do lugar de forma diferenciada. A identidade, portanto, “não é um estado fixo, mas se constitui em um processo dinâmico e mutável que ocorre ao longo da vida dos sujeitos [...]” (Mourão; Cavalcante, 2011, p. 208). Foi esses constitutivos que mostramos pelos depoimentos colhidos com os moradores das comunidades que compõem a Serra do Cavalão.

Compreende-se que cada uma das atividades apresentadas nesta seção diz respeito às variadas formas que os moradores da Serra do Cavalão se apropriam do espaço vivido. Ao manifestarem suas ruralidades, os agricultores se apropriam das terras material e imaterialmente, pois não as veem apenas como objeto, mas sim, como parte do que eles são. E assim, a topofilia “está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças [...]” (Tuan, 1980, p. 111).

A maneira como cada entrevistado elenca particularidades na Serra do Cavalão indica as diferentes percepções sobre a comunidade. Mas o que ainda se pode extrair de cada um, é que “a função primeira do lugar é a de gerar um senso de pertencimento e de conexão” (Mourão; Cavalcante, 2011). Ou seja, por mais que as percepções e, conseqüentemente, as singularidades sejam distintas, notamos nos meandros dos depoimentos a presença da afetividade e da pertença. Percebemos nas conexões e na presença do eu e do outro a construção do sentimento de topofilia e da identidade de lugar, singularizando a Serra do Cavalão.

**SEÇÃO IV –
ESPAÇO DE EXISTÊNCIA: PERCEPÇÕES E SENTIDOS DO LUGAR SERRA DO
CAVALO**



“A tranquilidade que a gente vive aqui é o que me faz querer morar aqui [...] pra mim o meu lugar é o melhor lugar. Eu já fui pra São Paulo, só pra passear, de manhã era bom, mas quando era a tarde quando o sol começava a descer a gente tinha aquela vontade de voltar pra casa. Tem a diferença do dia pra noite, nosso sentido muda, quando o sol se põe é como se a gente tivesse que voltar! Eu queria muito sair pra conhecer outros lugares, mas me arrependi” (Entrevistada 13)

SEÇÃO IV - ESPAÇO DE EXISTÊNCIA: PERCEPÇÕES E SENTIDOS DO LUGAR SERRA DO CAVALO

Esta é a última seção desta dissertação, e se desdobra em apenas uma subseção. Nela, trazemos os significados e os sentidos do lugar pela percepção dos sujeitos da comunidade. A Serra do Cavallo, enquanto um espaço de existência, de ser-no-mundo, é onde cada sujeito interpreta, vivencia e se relaciona com o lugar de maneira singular, tornando-a particular em seus modos de ser, em seus costumes, suas histórias e memórias.

4.1. SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO LUGAR: *“meu lugar é aqui, é aqui que eu amo, aqui eu vejo o mundo, a natureza, as criaturas humanas, isso pra mim é amor”⁷⁷*

A constituição do lugar necessita tanto da experiência, quanto da percepção. Exige a primeira, porque “... implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (Tuan, 1983, p. 10). Ou seja, a experiência muito deve aos próprios acontecimentos da vida, aos sentimentos e aprendizados que vão sendo vivenciados ao longo da existência. Carece da segunda, porque é a partir dela que conseguimos interpretar o que vemos “...com o fim de nos restituir a realidade objetiva por meio da atribuição de significados aos objetos percebidos” (Oliveira, 2017, p. 112). A percepção, nesse sentido, “...é a forma como as pessoas se relacionam com as coisas” (Rocha, 2003, p. 75), como resultado, cada sujeito percebe e se relaciona com o seu lugar de forma diferente.

Pela percepção formam-se as imagens que têm significados diferentes para quem as capta, dependendo da cultura, do tempo histórico, situação psicológica (Rocha, 2003). Sobre isso, Oliveira (2017, p. 111) explica que “...a experiência desempenha um papel importante no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto ou indireto com o objeto permite ao sujeito construir seu espaço perceptivo”. A percepção, nesse sentido, deve ser encarada como uma fase da ação que é exercida

⁷⁷ Entrevistada 2 – 78 anos.

pelos sujeitos sobre os objetos, pois as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encadeamento, em que umas estão ligadas às outras (Oliveira, 2017, p. 111).

Concordamos com Oliveira (2017) ao entender que os filtros culturais e individuais são produto de interesse, da necessidade e da motivação. São tão importantes, em nossa percepção, que muitas vezes determinam as tomadas de decisão e nos conduzem às tomadas de decisões e nos conduzem às tomadas de consciência. Essa contribuição trazida por Oliveira (2017), faz-nos lembrar do que Rocha (2003) explica sobre as tomadas de decisão e a maneira como cada sujeito percebe e lê sua realidade de maneira distinta. Sobre isso, a autora diz que:

A percepção externa de um signo, como uma estátua no meio de uma praça, por exemplo, tem características físicas, captadas por quem as observa, que não deixam dúvidas. O significado desta estátua, porém, pode variar muito de um observador para outro. Esse fato se dá pela leitura que cada um faz, levando-se em conta o conhecimento sobre o que a estátua representa, as características culturais do observador, sua disposição interna no momento da observação, além de uma série de outros fatores que podem interferir no resultado final do significado para cada um. No caso, por exemplo, das estátuas localizadas em frente ao correio central em Salvador, para os adeptos ou conhecedores da cultura afro-brasileira, não há dúvida do que elas representam. Mas, para os que não são do grupo, ou não têm informações ou conhecimento sobre o que representam, são imagens exóticas para alguns, bonitas para outros, ou simplesmente nada significam para outros ainda (Rocha, 2003, p. 67-68).

Com base no exposto, comungamos com a autora entendendo que os significados das coisas percebidas podem ser únicos à cada sujeito, mesmo em se tratando da mesma realidade ou do mesmo objeto. Como demonstração, Rocha (2003) apresenta uma estátua no meio de uma praça – que pode ter múltiplas interpretações – mas podemos facilmente trazer o lugar como um outro exemplo. Nesse sentido, pode-se dizer que o mesmo lugar habitado por diferentes sujeitos, poderá ter significados totalmente distintos. Entende-se, pois, que os lugares que conhecemos e gostamos são únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais, por nosso cuidado, responsabilidade (Relph, 1979).

Desse modo, notamos que nenhuma percepção é igual a outra, tampouco o lugar é percebido da mesma forma por todos os sujeitos. De fato, pode acontecer de coexistir discursos semelhantes, significados parecidos, mas a percepção muito

difícilmente será a mesma, pois “os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (Tuan, 1980, p. 129). Para Serpa (2001), tal como para Rocha (2003), Relph (1979) e Tuan (1980), a percepção humana do ambiente e as experiências pessoais, bem como as características culturais dos sujeitos de cada lugar desempenham um papel elementar na relação homem-ambiente.

A maneira como o agricultor percebe a sua lida com a lavoura vai além daquilo se pode mensurar, porque ela é manifestada através de um apego profundo. As cicatrizes e os músculos guardam memórias que foram formadas a partir da íntima vivência com a terra. A percepção desse sujeito é totalmente diferente daqueles “...com mãos sem calosidade” (Tuan, 1980, p. 113). Nesse contexto, perceber a natureza, a terra e a lavoura como parte de si mesmo, é também transformá-la em um lugar. Um lugar de dependência material, outrora, de amor, desamor, complexidade e unidade. Em síntese, o que queremos dizer é que a constituição dos lugares muito tem a ver com a percepção que cada sujeito constitui acerca de determinados signos, de diferentes paisagens, de distintas vivências, e da forma como ele enxerga valor em seu mundo.

Rocha (2003) complementa ao dizer que cada signo é interpretado e internalizado de acordo com os filtros culturais e a bagagem social, emocional de cada sujeito num determinado tempo e espaço. Para a autora, a percepção é responsável pela forma como se vê o mundo, por isso, há tantos mundos quantas forem as percepções e interpretações de cada sujeito, pois “...cada um vê o seu entorno e o mais além a partir de informações, de conhecimentos adquiridos ao longo da vida. É a percepção que vai determinar a forma de o indivíduo ver, interpretar e interferir em seu meio” (Rocha, 2003, p. 78).

Dessa maneira, o sujeito pode desenvolver o sentimento de topofilia (amor) ou de topofobia (medo), pois ambas atitudes estão associadas com o caráter das paisagens, dos espaços, e da forma como são experienciados. Outrossim, a aparência de determinados locais se altera, assim como as atitudes se modificam de acordo com a experiência que desenvolvemos (Relph, 1979).

Nessa linha, podemos dizer que a constituição do lugar Serra do Cavalo está, sobretudo, ligada a forma como cada morador percebe o ambiente em que habita. O

sentido de lugar, nesse contexto, passa a ser constituído a partir da percepção de cada sujeito. Lugar nessa perspectiva, não é dado, mas concebido. Em vista disso, “cada indivíduo tem a capacidade de estruturar uma determinada porção do espaço, com seus referenciais, sua vivência, e torná-lo parte integrante de sua experiência” (Bartoly, 2011).

Nas entrevistas a seguir, vemos de maneira clara como a percepção é importante para o sentido e a estruturação do lugar. Perguntamos qual era a primeira coisa (sentimento e imagem) que surgia quando ouviam o nome “Serra do Cavalo”, e eles responderam:

“Eu mesmo gosto de ser da serra do cavalo porque é uma comunidade acolhedora, de gente sincera, católica, aqui é tudo tão perfeito que a gente chega até a se admirar [...] e a primeira coisa que vem assim na minha cabeça ao ouvir Serra do Cavalo é aquela imagem que tem ali na frente da igreja, é como quem seja uma benção, que após a construção da igreja da Serra do Cavalo eu acho que toda comunidade se sente bem, não vem outras coisa na cabeça [...] a imagem da santa que tem na frente da igreja”⁷⁸

“A primeira coisa que vem na memória quando ouço o nome Serra do cavalo é as pessoas passando ali na frente da igreja, lá no centro que é marcante”⁷⁹.

“A minha lembrança aqui da serra é a igreja de nossa senhora aparecida, quando me falam da serra é a primeira coisa que eu me lembro”⁸⁰.

“Tem muitas coisas aqui que me vem na cabeça, mas, a primeira coisa que eu adoro aqui é a aquela festinha de nossa senhora aparecida”⁸¹.

Para esses, a Serra do Cavalo é um lugar de hierofania, lugar de louvor e de louvação, onde se é possível manifestar o sentido da fé, onde o próprio Deus se manifesta. Isso nos remete ao que menciona Dardel (2015) sobre a Terra profética:

O homem não tem nada a esperar da Terra, por ela mesma. Não há nenhuma verdade essencial a ser retirada. Ele não é procedente da terra. Ele foi formado “pelo pó da Terra”, mas foi “sopro de Deus” que o tornou um ser vivo. Ele “retornará ao pó” de onde foi tirado. Mas existe um outro destino determinado por Deus para ele. Ele é pó, mas

⁷⁸ Entrevistada 1 – 47 anos.

⁷⁹ Entrevistada 16 – 24 anos.

⁸⁰ Entrevistada 28 – 24 anos.

⁸¹ Entrevistado 11 – 80 anos.

na medida em que, precisamente, isso basta para a sua existência na Terra, onde ele se coloca em torno do desígnio que o fez “à imagem de Deus”, o predestinado a uma vida futura. Na medida em que a Terra é tomada como valor absoluto, em que é apartada da história da qual fazia parte, ela se torna opaca, vã e desesperadora (Dardel, 2015, p. 68).

Outrossim, pode-se dizer que o lugar, a Terra, separados desses significados, dessas subjetividades e narrativas, perdem o sentido, tornam-se vazios. Ser do lugar Serra do Cavalo é estar alinhado com os preceitos do Criador, aquele que tudo sabe e que tudo vê. Essa ligação com o Sagrado é demonstrada pela forte influência do catolicismo na comunidade com o culto a Nossa Senhora Aparecida e Mãe Rainha. A maior parte dos moradores são católicos fervorosos. Destarte, afóra os templos católicos à Mãe Rainha e Nossa Senhora Aparecida, há um pequeno templo de religião protestante na Serra dos Cordeiros, que é pouco frequentado visto que na comunidade o protestantismo é pouco valorizado.

Também nos deparamos com narrativas em que a Serra do Cavalo aparece no sentido de Lar.

“Quando eu ouço o nome Serra do Cavalo, a primeira coisa que vem na cabeça é a minha casa, meu lazer, onde eu me sinto bem. Eu moro aqui porque é onde eu me criei, é onde eu me sinto em casa”⁸².

“Não tem como falar da Serra do Cavalo sem falar nos princípios das pessoas que moram aqui. A primeira imagem que vem é a imagem de casa”⁸³.

“Quando fala serra do cavalo, eu sinto um amor muito grande, se fosse pra eu escolher um lugar morar, hoje eu escolheria a serra de novo, se eu ganhasse na mega sena eu ficaria aqui, iria investir aqui, fazer nossa serra evoluir”⁸⁴.

Vemos em tais narrativas, que a percepção do lugar está atrelada ao sentido de lar, de proteção, de morada. Falar da Serra do Cavalo, é falar sobre lar, “o meu lar, o meu lugar de morar”. E o lar é onde (Relph, 2014) nossas raízes são mais profundas e mais fortes, onde conhecemos e somos conhecidos pelos outros, é onde se pertence. A ausência do lar nos gera saudade. Sendo dessa maneira, entende-se que a Serra do Cavalo se apresenta consoante um lugar de morada, de parada, de pausa

⁸² Entrevistado 27 – 22 anos.

⁸³ Entrevistada 26 – 23 anos.

⁸⁴ Entrevistado 23 – 31 anos.

no movimento, de conforto e segurança. O lar, a casa, é o lugar da possibilidade do ser, da existência, é onde se pode ser o que se é – em suas fraquezas e potencialidades, medos e coragens, alegrias e tristezas – e “sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano” (Bachelard, 1993, p. 26) e “não há nada de mais relaxante do que ficar entre as paredes do nosso lar” (Sêneca, 2020, p. 38). Tuan (1983) complementa,

O lar é o lugar mais íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e, também cheirados: o sótão e a adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banqueta, um espelho dourado, uma concha lascada (Tuan, 1983, p. 160).

A esse respeito, Relph (2014, p. 29) diz que “o lar, com seu caráter profundamente familiar e ambiente particular, é a essência do lugar. Isso se dá à medida que todas as outras experiências de lugar de alguma forma são comparadas com a experiência que temos em nosso lar, e podemos demonstrar isso na entrevista a seguir:

“Eu acho bom morar aqui e o que me faz morar aqui é porque é o lugar melhor de morar. De todos os lugares o que eu acho melhor é esse aqui que eu moro, aqui é a tranquilidade. Eu já sai daqui pra cuidar de meus pais, eu ficava lá porque era o jeito [...] eu não sei porque lá não era minha casa, era muito cansativo [...] arrumar a minha casa não é como arrumar a casa do meu pai. Aqui eu arrumo do meu jeito”⁸⁵.

Fica evidente que as experiências vivenciadas na sua casa mudam quando comparadas as experiências vivenciadas na casa dos seus pais. Neste caso, arrumar a casa dos pais não é a mesma coisa que arrumar seu próprio lar, pois só em sua casa ela consegue arrumar do jeito que gosta, só onde ela mora é possível encontrar a tranquilidade que necessita. Seu lar na Serra do Cavalo é o seu lugar no mundo, “...cada um tem o seu lugar” (Oliveira, 2014, p. 11).

Seguindo, nos deparamos com percepções ligadas ao sentido de lugar materno, afetuoso.

⁸⁵ Entrevistada 14 – 66 anos.

“Quando você fala ou qualquer pessoa fala na Serra do Cavalo a primeira coisa que eu me lembro é minha mãe...porque foi ali que eu nasci, e toda a vida eu tive amor a minha mãe”⁸⁶.

“Quando me fala da Serra do Cavalo, me vem muitas lembranças dos meus pais, dos meus avós, do pessoal mais velho que já se foi”⁸⁷.

“A primeira que vem na minha cabeça é a minha família, todos estão aqui, todos casaram com pessoas daqui, aí todos estão morando aqui”⁸⁸.

“A primeira coisa que vem na mente é a paz do lugar e a minha família que mora aqui”⁸⁹.

Os relatos nos convidam a entender o lugar Serra do Cavalo pelas lentes do amor fraterno, das lembranças com os entes queridos: mãe, pai, avós, avôs, tios, tios, primos, irmãos, amigos, parentes. Sendo dessa forma, consentimos com Tuan (1983, p. 154) ao explicar que “para muitas pessoas, as posses e as ideias são importantes, mas outros seres humanos continuam sendo o centro de valor e a fonte de significação”. Nesse sentido, as pessoas, os entes queridos são o próprio lugar, são o sentido do lugar. Assim, Tuan (1983, p. 153) explica que “para a criança pequena, os pais são seu “lugar” primeiro. O adulto que lhe protege é para ela uma fonte de alimento e um paraíso de estabilidade”. Entende-se, pois, que o lugar é, também, pessoas, e na ausência dessas pessoas o lugar perde o sentido e o significado, como veremos a seguir:

“Aqui na Serra, pra mim, o melhor lugar é minha casa, aqui. Minha fia, eu morei 3 anos e poucos na favela do Maranhão, em São Paulo, depois fui pro Bairro do Alemão, depois fui mandado embora e fiquei por aqui. Lá eu me sentia bem, morava sozinho, recebia todo mês, tinha minhas coisas. Aí me mandaram embora e eu vim embora quando eu cheguei aqui eu me senti assim, me deu vontade de voltar pra trás, porque minha mãe tinha falecido e meu pai era estúpido e carrasco com minha família. Aí fiquei aqui trabalhando com ele na roça, até que ele começou a pegar no meu pé, aí eu adquiri um dinheirinho e comprei os blocos pra fazer essa casa aqui”⁹⁰.

⁸⁶ Entrevistado 3 – 79 anos.

⁸⁷ Entrevistado 4 – 66 anos.

⁸⁸ Entrevistado 19 – 39 anos.

⁸⁹ Entrevistada 21 – 38 anos.

⁹⁰ Entrevistado 7 – 74 anos.

Para ele, a mãe era seu lugar. Nota-se, que após o falecimento dela, “as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (Tuan, 1983, p. 155). Assim como para a criança pequena o adulto é o seu primeiro lugar, para o adulto, da mesma forma, outros seres humanos são o seu lugar de proteção, cuidado, afeto, afago, amorosidade. Nessa acepção, o lugar não é somente um espaço com localização, mas pode ser uma pessoa.

Dando seguimento, na Serra do Cavalo desvelamos percepções ligadas ao sentido comunitário, ou seja, a percepção do lugar surge enquanto união entre pares de uma mesma comunidade e que compartilham experiências juntos. O lugar nesse contexto é visto pelas lentes da participação comunitária, das reuniões, da interação, das festas, da cultura (figura 38), (figura 39), (figura 40) e (figura 41)

“A primeira coisa que vem na minha cabeça em relação a Serra do Cavalo é a união! Principalmente com coisas relacionadas a igreja...o pessoal rapidinho conquista! Coisas de Cirurgia pra fazer que o pessoal da igreja pede e às vezes quando vai fazer alguma coisa na capela, todo mundo ajuda! Essa união da serra eu admiro muito [...]”⁹¹

“Serra do Cavalo, ah, eu vejo a Serra do Cavalo em festa, de um povo sorridente e batalhador que idealizam e realizam seus sonhos. Lembro da presença do reisado semanal, o grupo de jovens que a gente se encontrava toda semana em reuniões, as comemorações da festa da padroeira a partir de 1983 quando foi fundada a igreja, quando tinha a corrida de cavalos, procissões de vaqueiros que levavam as imagens, as brincadeiras locais, as gincanas, todo ano tinha. Vinham muitas pessoas de fora, de Pernambuco, Moreira de baixo, Boqueirão, e eles saíam em duas filas, e quatro vaqueiros levavam a santa em cima dos cavalos...era um dia muito desejado e a comunidade ficava esperando esse dia!”⁹²

“A primeira coisa que surge, que mais reflete a Serra é o reisado de seu Dedeca e a festa da Padroeira, eu acho que são marcos na Serra, todo mundo sabe dessas ocasiões. Lembro também do meu lar, meu lugar de paz, do acolhimento, é uma das Serras mais bonitas do município, que tem uma população maior”⁹³

⁹¹ Entrevistada 8 – 28 anos.

⁹² Entrevistada 6 – 62 anos.

⁹³ Entrevistada 15 – 25 anos.

Figura 38 – Reisado da Serra do Cavalo – com destaques para o Mestre de Reisado Mané Batista (de camisa vermelha e microfone na mão)



Foto: Arquivo de Antônia Alves (década de 90)

Figura 39 – Mutirão para pintar a Igreja Nossa Senhora Aparecida, dias antes da Festa da Padroeira – Localidade do Umbuzeiro de Cima



Foto: arquivo de José Filho (2024)

Figura 40 – Terceira noite de Novena à Nossa Senhora Aparecida – após a novena tem quermesse



Foto: Juliana dos Santos Lima (2024)

Figura 41 – Grupo de jovens da Serra do Cavalo, na Igreja Nossa Senhora Aparecida – Umbuzeiro de Cima.



Foto: Arquivo de Antônia Alves (década de 1990)

Com base nas entrevistas e nas figuras apresentadas, observa-se que o sentido do lugar é constituído pelas interações com outros sujeitos da comunidade, seja pelas festas religiosas, seja pelas reuniões e manifestações culturais, a exemplo do Reisado. O sentido de lugar, nesse contexto, é expresso pelas trocas de experiências. Como indivíduos de uma mesma comunidade, parte das identidades individuais estão vinculadas aos lugares experimentados em conjunto e que moldam

as nossas coletividades e os valores comunitários: participação, partilha, união e respeito. Viver em comunidade é saber ser participante e ativo, é entender as necessidades do grupo como um todo. Ser da comunidade Serra do Cavalo é saber partilhar e compreender que cada sujeito assume um papel importante na dinâmica geral do lugar. Habitar a Serra, é saber que é importante manter os laços de união e respeito, afinal, todos fazem parte do mesmo espaço de vivência, pois qualquer espaço vivido “que não reúna, não é um lugar” (Relph, 2014, p. 24).

Tais relatos nos fazem lembrar do que menciona Marandola Jr (2020) sobre lugaridade. Observa-se diante do exposto, que a interação, as reuniões, as trocas, as festas, são a clara manifestação da lugaridade no espaço vivido. O autor diz, pois, que a lugaridade reflete justamente a vivência e a experiência dos seres-no-mundo, levando em consideração a importância da co-emergência dos lugares e da interação humana. Lugaridade, nesse contexto, implica no espaço da existência, da ocupação humana, da interação com o mundo vivido. E de modo pontual Merleau-Ponty (2018, 14) assinala que esse mundo “...não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”. Para ele, nós estamos abertos ao mundo e indubitavelmente nos comunicamos com ele, porém não o possuímos pois ele é inesgotável.

Vimos, ainda, que para os moradores migrantes sazonais e pendulares da Serra do Cavalo, o sentido de lugar apresenta as suas peculiaridades, desde um misto de saudade a um sentimento de vazio existencial:

“Eu conheço outros lugares, Maceió, Arapiraca, Coruripe, Salvador, fui cortar cana em Salvador, passei pouco tempo, mas passei. Fui pra Pernambuco também trabalhar, mas não deu muito certo. Quando eu tô longe me dá vontade de voltar pra casa, a gente sempre tem vontade de vir pra casa, o lugar da gente. A Serra pra mim mesmo é tudo, não dá não pra se acostumar em outro lugar não, a Serra do Cavalo é meu lugar predileto pra eu viver”⁹⁴.

“Eu trabalho viajando em vários estados, eu trabalho fazendo a estrutura da armação do concreto. Eu já viajei para vários estados, Mato Grosso do Sul, Bahia, Minas Gerais, Piauí, já tem 2 anos que eu viajo assim. Se eu tiver em outro local, não é a mesma coisa de estar aqui no meu lugar. Quando eu tô fora eu me sinto pra baixo, as vezes deprimido, mas de cabeça erguida sempre. Quando eu saio assim é mais por questão de trabalho mesmo, ganhar dinheiro. Quando eu volto eu me sinto muito feliz, só felicidade”⁹⁵.

⁹⁴ Entrevistado 24 – 50 anos.

⁹⁵ Entrevistado 27 – 22 anos.

“Quando eu estou fora, é um sentimento de não pertencer aquele local, sabe? Assim, eu me atraio por novidades, mas nunca é como aquele sentimento de estar em um local que eu vivo há muito tempo. Quando eu sai assim é mais pra resolver questões que necessitam ser resolvidas, comprar coisas em outras cidades, questões de saúde, essas coisas. Quando eu volto eu me sinto em casa novamente, que eu vou ter a paz que só a minha casinha me permite ter”⁹⁶

“Quando eu tô fora da Serra, eu me sinto bem, mas nunca é igual aqui, o foco, onde eu gosto mesmo é aqui. Já trabalhei em São Paulo, em Arapiraca, Maceió. Quando é pra eu voltar eu conto os dias pra ver minha família, meus amigos, quando a gente chega em casa como o que tem, o que quer, e tem a família também da gente. A Serra do Cavalo pra mim é muito importante, está em primeiro lugar”⁹⁷.

“Eu viajei para vários lugares, Paraná, São Paulo, Recife, Maceió, por questões de estudo. Quando eu saio eu me sinto fora da casinha, fora da realidade, é bom ter conhecimento, sair, mas nada se compara a voltar pra casa, porque aqui a gente está fora dos perigos...a sensação de estar fora é “esse lugar não é pra mim”! Eu me sentia acolhida quando sabia que ia voltar! Saber valorizar as pequenas coisas que tem aqui, saber que o que você tem aqui é melhor do que as coisas que você tem lá...e também saber que embora as coisas do mundo sejam boas e bonitas, aqui também tem. Às vezes quem tá fora não valoriza o que tem aqui e a gente que está aqui não valoriza, mas quando sai aí dá valor, se aqui tivesse mais oportunidade seria perfeito”⁹⁸.

Se a ausência da pessoa certa gera a falta de sentido do lugar, a ausência do sujeito no lugar, da mesma forma, gera a perda do significado. A ação de sair da comunidade e migrar por diversos motivos (trabalho, doenças, estudos, etc.) suscita “...um angustiante sentimento de desorientação, ou melhor, de desterritorialização. A individualização, neste caso, não é uma escolha e sim a única alternativa que lhe é posta ou oferecida” (Almeida, 2008, p. 181). Compreende-se, pois que sair do lugar, nessa situação, implica em deixar um pouco de si e nisso perde-se não apenas o contato com o ambiente físico, perde-se um pouco daquilo que se é, daquilo que se viveu no lugar. Perde-se a cotidianidade, a convivialidade, o afeto, o acalanto e amor dos entes queridos. Dessa forma, concordamos com Tuan (1980, p. 114) ao afirmar que os pertences de uma pessoa são parte do que elas são, são uma extensão de

⁹⁶ Entrevistada 26 – 23 anos.

⁹⁷ Entrevistado 23 – 31 anos.

⁹⁸ Entrevistada 8 – 28 anos.

sua personalidade. Ser privado deles é diminuir o seu valor como ser humano que sente. Tuan, complementa dizendo que:

Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido a sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. O amor pelo lar, a saudade do lar são motivos dominantes, que reaparecem constantemente [...]” (Tuan, 1980, p. 114).

Retomamos o que menciona (Almeida, 2008) compreende-se que a ação de migrar nem sempre é uma atitude deliberada, ou seja, ser migrante não é uma escolha, mas uma necessidade. Destarte, a autora explica que são diversos fatores que corroboram para que o indivíduo seja empurrado para atuar fora de seu lugar e a viver na provisoriedade. Essas transitoriedades conduzem a implicações tanto na esfera emocional, como pode-se observar no relato do entrevistado 22, ao dizer que se sente “*pra baixo e deprimido*”, quanto na esfera pessoal – no âmbito da independência financeira, saúde e emancipação humana – como nota-se nos relatos dos entrevistados 23, 24 e 26, que migram por questões de trabalho e de saúde e a entrevistada 8, que migra por questões de estudos e formação pessoal.

A entrevistada 8 traz em sua narrativa um discurso permeado de significado ao mencionar que é importante “*valorizar a pequenas coisas que tem aqui*”, e isso nos faz recordar o que menciona Tuan (1980, p. 108) ao dizer que as mais intensas experiências estéticas com a natureza nos apanham de surpresa, de modo que a “*beleza é sentida [...] por certas paisagens [...] por lugares que se conhece bem*”. Nesse sentido, ao sair da comunidade se aprende a valorizar as suas qualidades, a perceber coisa antes não vistas, a ver beleza onde não se via, a dar valor as coisas mais simples. Pelo contraste, se conhece se aprende.

Os relatos desses moradores que migram desvelam outros significados relevantes a serem mencionados: o déficit de emprego. Como já mencionamos em seção anterior, a agricultura se constitui enquanto uma estratégia de sobrevivência na comunidade, e por muito tempo foi a única base de subsistência local. Com o passar dos anos e seu conseqüente enfraquecimento, o corte de cana assumiu uma posição importante nesse cenário. São muitos os homens agricultores e pais de família que

viam para o corte de cana de açúcar no Sul de Alagoas (Coruripe), bem como para outras especificidades de trabalho em diversos Estados do País. Viver do que se planta na roça, na Serra do Cavallo, já não é mais suficiente. Por ser uma área rural, poucas são as atividades que não estão atreladas ao modo de vida no campo. Diante desse panorama, migrar é a única saída, pois, em sua maioria, desprovidos de condições financeiras e formação acadêmica adequada, a permanência na comunidade se torna um desafio contínuo, como pode-se observar nos relatos a seguir:

“Aqui deveria ter mais oportunidade de serviço, para as mulheres é mais fácil, mas para os homens é mais difícil de manter as suas famílias. Eu acho que deveria melhorar mais assim, nesse sentido”⁹⁹

“Tem muitas coisas que precisam melhorar, aqui não tem muitos recursos, porque tem muita gente que precisa viajar pra longe pra poder arrumar alguma coisa, então se tivesse alguma coisa seria muito bom. Muitas pessoas não tem essa facilidade, então eu acredito que se pelo menos em Água Branca tivesse uma empresa que gerasse emprego seria muito bom, seria o ideal”¹⁰⁰.

“Aqui na Serra o que Deus está fazendo tá bom, mas tipo aqui não tem empresa pro povo trabalhar, se em cada casa uma pessoa se empregasse já era uma ajuda. Tem Coruripe, tem as usinas, mas não pega todo mundo do lugar, tem os meninos que vão para as torres, até pra outros Países, não tem emprego pra todo mundo [...] o que podia melhorar era ter emprego pra todo mundo”¹⁰¹.

“Tem a questão das oportunidades de trabalho que aqui são poucas, se tivesse seria muito bom”¹⁰².

Por não ser o foco desta pesquisa, não levantamos o quantitativo de migrantes que saem da Serra do Cavallo. Entretanto, sabe-se, conforme Santos (2018) que cerca de 150 homens migram para o corte de cana em Alagoas e Sergipe (São José do Pinheiro), anualmente. Com a crescente migração para a edificação de torres de alta tensão na região Sul e fora do Brasil, o processo da cata do café em Minas Gerais e o trabalho com concreto armado na Bahia, acredita-se que se esse quantitativo não tenha aumentado, pode ser que esteja ocorrendo migração de função – por exemplo,

⁹⁹ Entrevistada 28 – 24 anos.

¹⁰⁰ Entrevistada 21 – 38 anos.

¹⁰¹ Entrevistada 14 – 66 anos.

¹⁰² Entrevistada 8 – 28 anos.

das atividades agrícolas cada vez mais mecanizadas para as outras em empresas de construção e serviços. Ficou demonstrado que para os entrevistados, a comunidade é um lugar muito bom para viver, porém a falta de oportunidade de emprego é um fator indigesto, que, segundo eles, precisa melhorar, pois são inegáveis os prejuízos – físicos e emocionais – vivenciados tanto por quem vai, quanto para quem fica.

Vimos até então, que nenhuma percepção é igual. E, sendo dessa maneira, notamos que para as crianças o lugar apresentou contextos diferenciados, assim como os migrantes e outros moradores demonstraram em suas percepções sobre o lugar. Por esse caminho, desvelamos que as crianças se relacionam com os espaços de uma forma especial, de modo que vai se tornando “mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes” (Tuan, 1983, p. 151).

Durante as oficinas realizadas na Escola Francisco Pereira Leite, nas turmas de 4º e 5º séries, pedimos que eles respondessem em forma de desenho: “O que é a Serra do Cavalo pra você? “o que a Serra do Cavalo tem de espacial? O que você mais gosta na Serra do Cavalo? Dessa forma, pelos mapas mentais dos alunos, buscamos desvelar as percepções e os sentidos de lugar para eles, pois consentimos com o que menciona (Torres, 2018, p.214) ao entender que “os mapas mentais são ferramentas que ajudam a identificar os elementos que compõem as paisagens da memória, bem como trazem à tona os sentidos e significados que cada indivíduo atribui aos lugares. Na figura 42 abaixo, pode-se observar um dos mapas mentais elaborados.

Figura 42 – “A natureza e as brincadeiras da Serra”

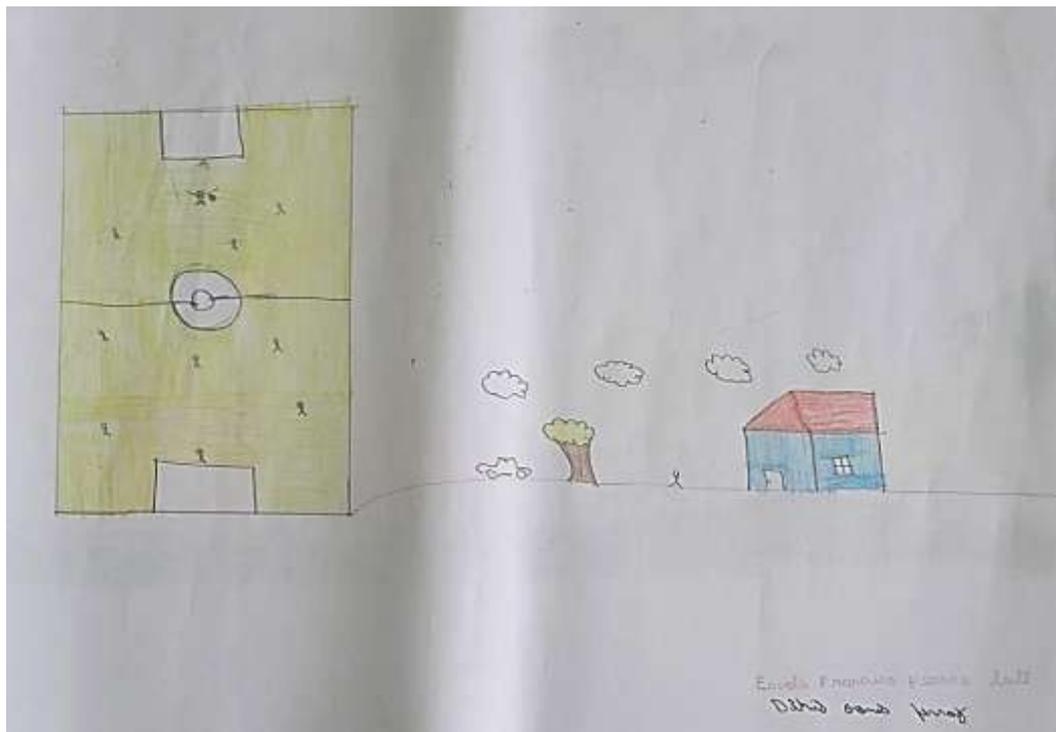


Fonte: Oficinas realizadas na Serra do Cavalo, 2024.

Para esta criança, o significado e sentido da Serra do Cavalo está atrelado a um lugar de brincadeira. No desenho, é possível observar a representação dele mesmo jogando bola no campinho de terra ao lado da escola em que estuda. Para além de um espaço de brincadeiras, vemos um lugar onde a natureza é um elemento importante e que está presente em seu imaginário, haja vista, a ilustração de árvores e pássaros.

Na figura 43 nota-se elementos semelhante à ilustração anterior, a exemplo do espaço de brincadeiras – representado pelo campinho de futebol – e uma árvore. Entretanto, neste segundo desenho observamos mais detalhes, com um carro e a casa. Para este, a Serra do Cavalo é um lugar de brincadeiras, mas é, também, o lugar onde está o seu lar. Sobre isso, Tuan (1983) coloca que o horizonte geográfico da criança vai se expandido à medida que ela vai crescendo. Desse modo, “seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando o bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e lugares estrangeiros, saltando a região” (Tuan, 1983, p. 35).

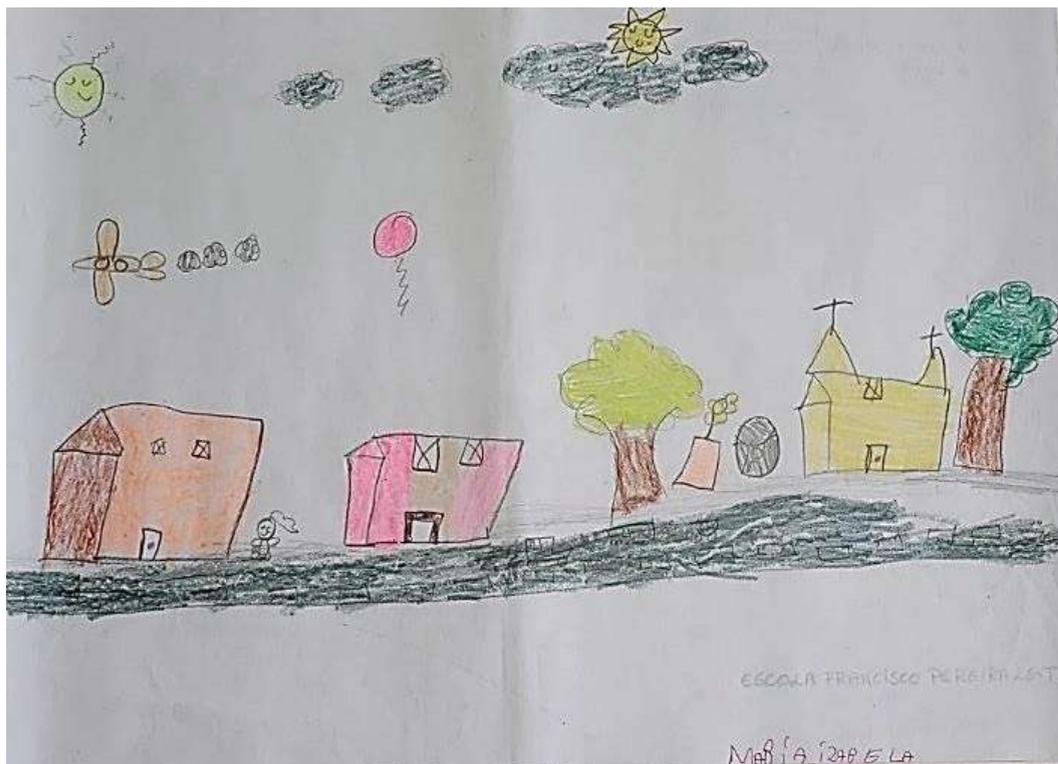
Figura 43 – “*Eu indo pro campo jogar bola*”



Fonte: Oficinas realizadas na Serra do Cavallo, 2024.

Na figura 44 abaixo, é possível visualizar um desenho com variados elementos – desde a natureza, à criação humana – a exemplo do avião. Neste desenho contemplamos a natureza pelas árvores, o sol, as nuvens e flores, mas contemplamos manifestações antrópicas pelas casas, a igreja, o balão e o avião. Importante nisso tudo, mencionar a presença dela mesma envolvida nesse contexto, ela não está fora como observadora; está dentro, como ser ativo, participante. Iremos retomar Tuan (1983, p. 35) novamente, pois ele traz uma consideração importante, ao dizer que “para uma criança inteligente e esperta, a experiência é uma procura ativa e em que alguma vezes faz extrapolações surpreendentes para além dos fatos: ela não se prende ao que vê ou sente em sua casa e em seu bairro”. Um avião pairando por cima da casa da criança é uma experiência que verdadeiramente vai além dos fatos. Ela definitivamente não se prende ao que vê.

Figura 44 – “A casa de Emily, a escola e a igreja”



Fonte: Oficinas realizadas na Serra do Cavalo, 2024.

Na figura 45 a seguir, diferentemente dos desenhos anteriores é possível observar a presença das serras, uma característica muito presente na comunidade, haja vista seu relevo montanhoso. Além de desenhar um relevo muito semelhante ao encontrado na Serra do Cavalo, ela também coloca as casas inseridas nos picos dessas serras. Sobre isso, Tuan (1983, p. 34) diz que “a ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce”. Para essa aluna as características físico-geográficas são elementos importante à percepção e ao entendimento do lugar Serra Cavalo. É algo que lhe chama atenção e que um significado. Além do relevo, ela também desenha o lar, a sua casa. Vemos novamente a casa como um elemento importante para o sentido de lugar tanto para o adulto quanto para a criança. A casa se apresenta enquanto centralidade e simboliza “...o espaço vivido repleto de valor, de elementos topofílicos” (Sousa, 2018, p. 209).

Figura 45: “A minha casa e a Serra muito linda”



Fonte: Oficinas realizadas na Serra do Cavalão, 2024.

Diante do exposto, nota-se que o modo pelo qual os sujeitos – homens, mulheres, crianças, idoso e crianças, da comunidade Serra do Cavalão percebem tal ambiente é fundamental ao sentido de lugar que cada um pode vir a expressar. Isso pode ser demonstrado através dos valores atribuídos às paisagens, as convivências e as relações intersubjetivas de cada morador com a comunidade que passa a ser reconhecida, sentida e experienciada de maneira singular. Dessa maneira, a percepção se apresenta enquanto um elemento fundamental à interpretação de significados e atribuição de valores às coisas percebidas, podendo ou não, constituir um ambiente dotado de sentido.

A Serra do Cavalão, sobretudo, é um lugar de existência para os diferentes sujeitos que nela habitam. As paisagens, as reuniões, as festas religiosas, os mutirões, a lida na roça, o uso de ferramentas tradicionais, o reisado, as farinhadas, a união, as brincadeiras da serra, os lares, os amigos, a igreja e as trocas são elementos que não apenas singularizam, como dotam a comunidade de significado, valor, afeto e sentido. É um lugar que carrega consigo as suas particularidades tanto pelas coisas vistas e percebidas, quanto pelas coisas sentidas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve a finalidade de analisar as relações constitutivas do lugar Serra do Cavalo. Pelo processo de sua apropriação, observamos a geohistória, as toponímias, as práticas de ruralidade e lugaridade e, pelas percepções de seus habitantes, buscamos desvelar e apresentar os sentidos de lugar desta comunidade alagoana.

O entendimento das relações constitutivas do lugar Serra do Cavalo possibilitou a imersão em um cenário de subjetividades permeado por identidades, enraizamentos, apegos e sentimentos de pertença. Ao nos aprofundarmos na categoria Lugar, nos deparamos com as mais variadas possibilidades de perceber, analisar, interpretar, desvelar e compreender as interações dos sujeitos em seu mundo da vida.

Isto posto, assimilamos que o lugar é onde tudo acontece. É onde interagimos à medida que sofremos interações, numa relação contínua. É onde depositamos as nossas realidades, onde ruminamos sobre as nossas vidas, nossos problemas, nossos sonhos, nossos desejos. É onde encontramos aconchego e paz, onde somos chamados a ser o que somos com todas as fragilidades e potencialidades humanas.

Nesse sentido, depreendemos que assim como conhecemos os entes queridos pelo nome, com olhos do corpo e do coração, pelas sensações que eles permitem sentir (saudades, êxtase, dor, alegria, motivação, tristeza etc.) da mesma forma somos chamados a conhecer os lugares pelo seu nome, pelas sensibilidades que eles despertam e os significados nele constituídos.

Assim, com base nos itinerários e vivências para a realização desta pesquisa, consideramos e principalmente, constatamos (i) que as toponímias dos lugares se constituem, sobretudo, como um referente geográfico pelo qual os sujeitos se sentem ligados e/ou pertencentes à terra, a um lugar que é qualitativamente diferente de todos os outros; (ii) que as práticas de ruralidade e lugaridade fazem parte da identidade e da história do lugar Serra do Cavalo, os modos de ser, de saber e de fazer atribuem sentidos e significados singulares a comunidade; (iii) que viver e experimentar a comunidade Serra do Cavalo é uma experiência de amor; (iv) que a constituição do lugar necessita tanto da experiência, quanto da percepção; e cada sujeito configura, percebe e se relaciona com o lugar de modo particular. Assim, ler o lugar Serra do

Cavalo pelas lentes da Geografia cultural possibilitou a base teórico-metodológica necessária para que pudéssemos desvelar os sentidos do lugar da comunidade: “vimos além do que os olhos puderam ver”.

No que tange ao estudo das toponímias do lugar, identificamos que elas “constroem territórios, territorialidades e identidades” (Seemann, 2005, p.220). Nomear um lugar é, sobretudo, apropriar-se, se sentir pertencente, é atribuir significado e sentido. O indígena que é expulso do seu lugar, perde não apenas a terra enquanto substância, mas perde as territorialidades vivenciadas, as identidades constituídas no espaço vivido, o sentido e os significados.

O topônimo é parte da memória e da geohistória do lugar, ao perdê-lo, perde-se parte daquilo que se é como ser-no-mundo. Nesse contexto, apreendemos que os moradores da Serra do Cavalo conhecem esse lugar não somente pelos olhos do corpo e do coração, mas pelo nome que exalta e faz lembrar de inúmeros contextos de vida. O nome ‘Serra do Cavalo’ traz lembranças, sentimentos e momentos, bem como remete à valores que só têm sentido porque foram vivenciados neste lugar. O ato de nomear não se refere apenas ao ato de atribuir uma nomenclatura qualquer a um espaço, mas deixar uma marca, traduzir acontecimentos, fatos e histórias. A Serra do Cavalo, tem uma história que foi e é constituída por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, estudantes, jovens, idosos, crianças, por signos, por símbolos, por crenças, pela cultura, pela política e pelas apropriações simbólicas.

Das apropriações na Serra do Cavalo, que são manifestadas principalmente pelas práticas de ruralidade e lugaridade, assimilamos que elas são elementos constitutivos da identidade de lugar. Vimos que o trabalho na roça, a lida diária com a terra, o trato com as lavouras e os animais, a utilização de ferramentas e saberes tradicionais nada mais é do que uma maneira de preservar a herança cultural transmitida de geração para geração e que engendra um modo de ser e de existir particular aos moradores da Serra do Cavalo. Essas práticas reforçam os valores, a cultura e as crenças que persistem ao longo dos anos. Nesse sentido, as apropriações e convivialidades na comunidade foram captadas e percebidas nas formas do plantar e colher, na aplicação de práticas antigas com o manejo e cuidado com a terra e na cultura do reisado local que ainda permanece na memória e na geohistória da comunidade.

Da mesma forma, captamos essas apropriações e convivialidades pelas festas religiosas que afloram os diferentes sentidos de pertença e afeição. Salientamos que elas estão presentes nos modos de ‘ser comunidade’ que são manifestados sobretudo pelos modos de se relacionar com os pares, ou seja, pela manutenção contínua dos laços e elos entre cada um dos moradores da Serra do Cavallo, tornando-a uma grande família.

Ao desvelarmos os sentidos de lugar da comunidade, apreendemos que cada morador assume um papel importante na atribuição de sentido e na constituição de valores e significados, porque o que o outro vê é igualmente relevante. Embora habitem o mesmo espaço vivido, a forma de perceber e de se relacionar é distinta e única a cada sujeito. A identidade e o sentido de lugar são engendrados, também, pela diferença.

Pelas percepções, depreendemos que a Serra do Cavallo assume o papel de espaço de existência, de possibilidades de ser, de agir, de existir, de se relacionar, ou seja, onde se é possível manifestar as suas lugaridades. E, nesse espaço de existência, cada morador vai interagindo, moldando e arranjando o lugar dinamicamente, pois a lugaridade reflete justamente essas vivências (Marandola Jr, 2020), destacando a importância dos lugares a partir da interação e da cooperação humana.

No chão da pesquisa, no campo e nas entrevistas, nos deparamos com a realidade ‘não teórica’ colocada em prática, bem como revista constantemente. Vimos tanta gente, tantos sentimentos, diferentes saberes e percepções distintas. Vimos o olhar de êxtase de quem se sente pertencente e pertencido ao lugar, de quem nasceu, se criou e permanece enraizado na comunidade durante toda a vida, mas também vimos a tristeza, a angústia e o penar de quem precisa partir continuamente para trabalhar, para estudar, para tentar novas oportunidades e de quem perdeu algum ente querido – que para ele também era um lugar.

Observamos a alegria e contentamento em viver em um lugar como a Serra do Cavallo, mas notamos a inquietação e desânimo diante da falta de oportunidades e de incentivo na comunidade. Na presença de melhores oportunidades de emprego, a comunidade não teria a ausência de tantos moradores que são obrigados a viver em uma constante diáspora, e isso interfere tanto no imaginário de quem fica, quanto no imaginário de quem sai.

Foi no chão da pesquisa, nos meandros das estradas vicinais, subindo e descendo, que observamos as paisagens de um lugar acariciado pelas serras, vales e fontes de água doce. Foi no itinerário da pesquisa que nos deparamos com a rotina de quem precisa acordar cedinho para ir à roça, com a rotina de quem precisa cuidar das criações (boi, vaca, galinhas, burros, cabras, porco, etc.), de quem precisa regar as hortaliças e limpar o quintal de casa, de quem precisa trabalhar e estudar, de quem precisa cuidar dos afazeres domésticos. Nos deparamos, enfim, com a realidade de quem é da Serra do Cavalo: sujeitos que lutam para alcançar os seus objetivos, que apesar das dificuldades sorriem, vão e realizam!

Pelos caminhos percorridos em cada uma das localidades, apreendemos que a Serra do Cavalo é um lugar diferente de tantos outros, constituído por um povo que sabe viver em comunidade, que caminha em uma mesma direção e mantém o respeito e os laços de união. Ser da Serra é ser uma família só, é querer fazer parte. É incluir quando é preciso. É acolher quem precisa ser acolhido. A Serra é acolhimento, é lar para quem precisa de casa.

Considero, pelos meus significados e percepções o meu “sentido de lugar”: para mim, a Serra do Cavalo é o lugar onde meu coração está, é onde me sinto acolhida, acalentada, compreendida. É meu lugar de conforto, é meu lar, é minha inspiração, foi dele que eu vim e é para ele que eu sempre quero voltar. A Serra do Cavalo é parte do que eu sou, do que eu já fui e daquilo que eu quero ser, é meu espaço de existência. É na Serra do Cavalo que eu vejo as montanhas e os vales, vejo o sol se pôr alinhado com um coqueiro, é donde vejo o planalto da Borborema e a Serra de Tibão, é donde vejo os espelhos d’água do Rio São Francisco, é onde me sinto em casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. Nordeste sertanejo: a região semiárida mais povoada do mundo. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.13, n.36, p. 7-59, 1999.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Observar e entender o lugar rural: trilhas metodológicas. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim. et al. **Tempos e espaços da pesquisa qualitativa**. Aracaju: IFS, 2019.

_____. Quintais rurais e visibilidade do trabalho e saberes das mulheres quilombolas e assentadas. In: _____. **Geografia cultural: um modo de ser**: Goiás: EDUFG, 2018.

ALONSO, Ângela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo**. CEBRAP: São Paulo, 2016.

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Sociais e Naturais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thonson Learnig, 2002.

ALVES, Flamarion Dutra. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. **Revista Rural & urbano**. Recife. Vol.06, n. 01, p.27-46, 2021.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. NUNES, Veronica Ramalho. Cultura e identidade no estudo dos nomes dos lugares. **Revista GTlex**. Uberlândia, vol. 1, n.1, jul./dez, 2015.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste** - Contribuições ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste. 6. Ed. Editora Universitária - UFPE, Recife, 1998.

ARAÚJO, Marília Lima de. **Família e relações de parentesco de escravizados**: Água Branca/Alto Sertão da Província de Alagoas (1850-1888). 198 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

_____. **Família e relações de parentesco de escravizados**: Água Branca/Alto Sertão da província de Alagoas (1850-1888). Curitiba: CRV, 2023.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro, nº 13, p. 66-91, 2011.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais. *In*: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Orgs.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 157-183.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

DANTAS, Beatriz Góis. Entre a lei e a revolta: índios do nordeste no século XIX. *In*: _____. **Povos indígenas em Sergipe: contribuição à sua história**. Lisboa: Theya; Aracaju, 2024.

DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectivas, 2015.

EMBRAPA. **Manipueira, um líquido precioso**. 2011. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18147209/manipueira-um-liquido-precioso> Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. *In*: **Métis: história e cultura**. v. 1, n. 1. Caxias do Sul: Educs, 2008.

FERNANDES, A. M.; BARBOSA, J. M. A. Territórios em redes ocultas: identidades e ramificações Pankararu em Pernambuco e São Paulo. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 15, n. 39 Dez., p. 180–196, 2020.

FERREIRA, Waldemar de Almeida et al. **Manipueira: um adubo orgânico em potencial**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *In*: **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FEITOSA, Edvaldo Araújo. **Água Branca: história e memória**. Maceió: Edufal, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERBETTA, Alexandre Ferraz. Escassez, abundância e devir: considerações sobre a etnologia indígena no sertão nordestino. **Equatorial**. Natal, v. 5, nº 9, jul./dez, 2018.

_____. **“A idioma” dos índios Kalankó**: por uma etnografia da música no Alto Sertão Alagoano. 207 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**. São Paulo, v.10, n.17, p. 19-29, 1999.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e estados**. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/agua-branca.html> Acesso em 20 de abril de 2024

INMET. Instituto Nacional de Meteorologia. **Clima**. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/> Acesso em 20 de abril de 2024.

ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalank%C3%B3>

KOZEL, Salete. Representação e mapas mentais: entre o visível e o sensível, memórias existenciais. In: _____. **Mapas mentais**: dialogismo e representações. Curitiba: Appris, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Lucas Gama; OLIVEIRA, Amanda da Silva; MIRANDA, Anderson Ribeiro. Indígenas, terra e território em Alagoas: uma análise geográfica da atualidade da resistência. **Revista de Geografia**. Recife, v. 36, nº 1, 2019.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: _____ **Métodos de pesquisa em ciências sociais**: bloco qualitativo. CEBRAP: São Paulo, 2016.

MACÊDO, Letycia Alves de; NEVES, Leandro Roberto. Em busca do passado: Memórias e identidades do lugar. **Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. Roraima, v. 2, 2016.

MARANDOLA JR; Eduardo. Lugar e Lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v.19, 2020.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidade: novos significados para o tradicional rural. **NEAG**. Rio Grande do Sul, 2017.

MEDEIROS, Jacimária Fonseca de. CESTARO, Luiz Antônio. As diferentes abordagens utilizadas para definir Brejos de altitude, Áreas de exceção do Nordeste Brasileiro. *Sociedade e Território*. Natal, vol.31, n.2, p.97-119, 2019.

MENEZES, Catarina Agudo. **A escrita no chão**: a formação do território de Alagoas por meio de fontes coloniais. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. A produção e alimentos nos espaços circunscritos da casa e a comercialização nos circuitos curtos. In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio de (Orgs.). **Novos usos do espaço rural e suas resiliências**: transformações e ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe. Aracaju: Criação Editora, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, vol.17 nº3, p. 1-10, 2012.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLEKSZECHEN, Nikolas. **Mover-se na cidade**: produção da identidade de lugar em ciclistas. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

_____. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Apresentação. *In*: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Daniele Luciano; VILAR, José Wellington Carvalho; OLIVEIRA, Edivaldo Alves de (Orgs.). **Tempos e espaços da pesquisa qualitativa**. Aracaju: IFS, 2019. p. 07-14.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e Pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro, v. 1, n.23, p. 04-18, 2012.

PONTE, Alexandre Quintela; BOMFIM, Zulmira Áurea; PASCUAL, Jesus Garcia. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicol. Argum**. Ceará, v.27, n. 59, p. 345-354, 2009.

Prefeitura Municipal De Água Branca. **História**. 2024. Disponível em: <https://www.aquabranca.al.gov.br/a-historia/>

PROSHANSKY, Harold; FABIAN, Abbe; KAMINOFF, Robert. Place-identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental**. New York, p 57-83, 1983.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. São Paulo, v.4, nº 7, p. 1-25, 1979.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v.4, p.67-79, 2003.

SASAKI, Karen. A contribuição da geografia humanista para a compreensão do conceito de identidade de lugar. **RDE – revista de desenvolvimento econômico**. Bahia, nº 22, p. 112-120, 2010.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Da vida retirada; da tranquilidade da alma; da felicidade**. Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2020.

SERPA, Ângelo. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico pra estudos e intervenções do/no lugar. **Cien, & tec**. Rio Claro, vol.1, n2, p. 29-61, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Carolina Santos e. **Memória e toponímia**: uma análise da paisagem cultural no município de Ubá-MG. 131 f. Dissertação (Mestrado em patrimônio cultural, paisagem e cidadania) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2017.

SILVA, Efigênia Rocha Barreto da; LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. Farinhada: Geopoética de um saber-fazer comunitário. **Geograficidade**. Rio de Janeiro, v. 14, n.1, 2024.

SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues. Geograficidades dos Altos: Toponímia e Ruralidades dos Quilombos de Alto dos Bois (Minas Gerais) e Sítio Alto (Sergipe). In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio de (Orgs.). **Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências**: transformações e ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe. Aracaju: Criação Editora, 2020.

SOUZA, Lucileyde Feitosa. Mapas mentais e a interface dialógica dos barqueiros e ribeirinhos do rio madeira. In: KOZEL, Salete (Org.). **Mapas mentais**: dialogismo e representações. Curitiba: Appris, 2018.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, Glaucio José; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em Geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. v. 2. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 55-68.

SOUZA, Ângela Fagna de; SOUZA, Suzana Grazieli de. Rio São Francisco: vínculos territoriais, identidade e territorialidades. In: VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária – SINGA, **Anais** [...] Curitiba, 2017.

TORRES, Marcos Alberto. Os mapas mentais na compreensão dos lugares (e) da vida. In: _____. **Mapas mentais**: dialogismo e representações. Curitiba: Appris, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, YI FU. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. A geografia dos mapas mentais salta aos olhos: a paisagem e o lugar Fazenda Velha. In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio de (Orgs.). **Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências**: transformações e ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe. Aracaju: Criação Editora, 2020.

_____. Vivências culturais com o rio São Francisco: certezas, entradas e caminhos. In: _____.et al. **Tempos e espaços da pesquisa qualitativa**. Aracaju: IFS, 2019.

VIEIRA, Jorge Luiz Gonzaga. Povos do Sertão de Alagoas: confinamento, diáspora e reterritorialização. **GEPPIADDE**. Itabaiana, v. 8. 2010.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista semiestruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/PPGEO

Projeto: Sentidos de lugar na comunidade rural Serra do Cavalo em Água Branca, AL

Mestranda: Juliana dos Santos Lima

Orientadora: Prof. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas

Localização: Comunidade Serra do Cavalo, Água Branca/AL

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevistado:

Idade:-----

Sexo F () M ()

Escolaridade-----

Estado civil-----

Naturalidade

Linha de vida

.....

Ocupação-----

Tempo de residência

1. Parte – Desvelando os referentes espaciais do lugar (topônimos)

- A. Qual a sua localidade?
- B. Qual o significado desse nome?
- C. Há um ponto de referência para localizar sua residência? Se sim, qual?
- D. Por qual motivo esse ponto de referência foi escolhido?
- E. Mora sozinho (a)? se não, quantas pessoas moram na casa?
- F. Tem filhos? Se sim, quantos moram na comunidade?

- G. Qual a naturalidade dos integrantes da família?
- H. Qual o sobrenome da família?
- I. Qual a herança desse sobrenome?

2. Parte – Identificando relações de convivialidade com o lugar (ruralidade, territorialidades e práticas)

- A. Considerando a sua ocupação, qual a importância que ela tem para você e para a comunidade?
- B. Quais experiências de vida foram mais marcantes na Serra do Cavalo?
- C. Por que eles se tornaram tão marcantes?
- D. Se agricultor, há uma época melhor para plantar? Por quê?
- E. O que você planta? E por que planta?
- F. Quais são as práticas que antecedem o plantio e quais ferramentas são utilizadas?
- G. Planta há quanto tempo? E como aprendeu a plantar?
- H. De onde vem as sementes? E como armazenam?
- I. Quanto tempo leva para cada lavoura ficar pronta para a colheita?
- J. O que faz com o que planta?
- K. As terras usadas para plantio são herdadas, compradas ou de meeiros?
- L. Deixaria de plantar? Por quê?
- M. Há alguma atividade na agricultura que envolva a participação do povo da comunidade?
- N. Quais são as principais atividades de sobrevivência na Serra do Cavalo?
- O. Houve ou há algum período mais difícil de viver na comunidade?
- P. Há alguma coisa na Serra do Cavalo que precisa melhorar? Se sim, como melhorar?

3. Compreendendo sentidos de lugar na comunidade Serra do Cavalo (sentimentos e significados)

- A. Como é ser da Serra do Cavalo?
- B. Qual a primeira imagem que surge ao ouvir o nome “Serra do Cavalo”?
- C. O que te faz querer morar aqui?
- D. Há um lugar favorito na comunidade? Por que?
- E. Há alguma atividade/prática que só tenha sentido se for feita aqui?

- F. Conhece outros lugares? Se sim, como é o sentimento de estar longe da Serra do Cavalo?
- G. Quais motivos te levaram a sair comunidade?
- H. Em caso de já ter morado em outros lugares, como é a sensação de retornar para a comunidade?
- I. Como definiria a Serra do Cavalo?

APÊNDICE B – Roteiro de Observação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/PPGEO

Projeto: Sentidos de lugar na comunidade rural Serra do Cavalo em Água Branca, AL

Mestranda: Juliana dos Santos Lima

Orientadora: Prof. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas

Localização: Comunidade Serra do Cavalo, Água Branca/AL

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SEMIESTRUTURADA

1. Desvelando os significados toponímicos
 - Observar os contextos geohistóricos (formação e ocupação territorial)
 - Pesquisar mapas antigos
 - Contextos culturais de povoamento e apropriação
 - Pesquisar documentos
 - Observar registros antigos de imagens do “novo” e do “velho” na Serra do Cavalo
2. Observando as práticas de ruralidade e convivialidade
 - Observar as atividades ligadas à agricultura
 - Laços de proximidade familiar e parentesco
 - Hábitos cotidianos dos moradores na comunidade (ocupação, modos de ser)
 - Hábitos de lazer
 - Atividades econômicas
3. Dos laços de afetividade às apropriações simbólicas
 - Símbolos que possam desvelar a configuração de vínculos com o lugar
 - Manifestações culturais vivenciadas na comunidade
 - Religiosidade (fé, crenças, tradições, costumes)
 - Lugares de encontro (oração, atividades físicas, jogos, recreação)

- Não lugares
- Lugares de segurança
- Lugares de medo
- Lugares de afeto
- Lugares “bonitos”
- Lugares “feios”